

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA AMBIENTAL

AS DIVERSAS VISÕES DO LIXO

DECLEV REYNIER DIB-FERREIRA

Dissertação de Mestrado

Orientador: Professor Doutor Emílio Maciel Eigenheer

Niterói, Rio de Janeiro

2005

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA AMBIENTAL

AS DIVERSAS VISÕES DO LIXO

DECLEV REYNIER DIB-FERREIRA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientador:
Professor Doutor Emílio Maciel Eigenheer

Ficha catalográfica

DIB-FERREIRA, Declev Reynier

As Diversas Visões do Lixo.

Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental, 2005. 160 p.

Dissertação: Mestrado em Ciência Ambiental

Universidade Federal Fluminense, 2005

Orientador: Emílio Maciel Eigenheer

1. Resíduos Sólidos 2. Sociedade 3. Catadores

AGRADECIMENTOS

Diversas pessoas e instituições foram importantes para a realização deste trabalho; assim sendo, agradeço:

ao professor Emílio Maciel Eigenheer, pela paciência, pelas conversas esclarecedoras e pelas orientações objetivas;

à minha família que sempre me ajudou e tolerou minhas manias pelo lixo;

à Escola Municipal José de Anchieta, pela oportunidade do convívio com os colegas e alunos, o que permitiu a realização deste estudo;

Aos alunos que participaram com suas redações e histórias de vida;

às instituições que colaboraram com informações preciosas, tais como o Projeto Chico Mendes, o Médico de Família do Morro do Céu e a Companhia de Limpeza Urbana do Niterói (Clin);

aos meus colegas da turma do mestrado, pois nossa amizade foi fundamental nestes dois anos de conversas e trocas de experiências;

aos colegas professores da Escola Municipal João Brazil, que realizaram igualmente redações com seus alunos, para enriquecimento do meu trabalho.

APRESENTAÇÃO

Nunca consegui compreender como é que jogamos tanta coisa fora. Isso desde criança. Uma das redações que analiso neste trabalho diz que *o lixo é uma coisa todos fazem vários proveitos e jogam fora, mais não fazem o aproveitamento certos por que tem a coleta dos lixos que são criados, por várias coisas maneiras...* (sic). Sempre pensei assim também.

Acho que fui uma daquelas crianças que se encantava tanto quanto – ou até mais – com a embalagem do que com o próprio brinquedo. Lembro-me de que tinha aquele brinquedo chamado “Playmobil” e, embora houvesse todos os apetrechos, fazia os castelos, fortes e outros complementos de isopor e outros “lixos”.

Até hoje me sinto assim. O resíduo me instiga, me fascina e me faz refletir, muitas vezes, qual a verdadeira necessidade de sua geração da forma com que viemos fazendo na sociedade atual. A facilidade que as pessoas têm de se desfazer de algo me assusta. Desde criança tenho “coleção de coleções”. Sempre juntei tudo, pois a diferença, o colorido, a diversidade contida em um mesmo objeto sempre me fascinou: latas, figurinhas, cartões, tampinhas, moedas, objetos antigos, livros, garrafas, cinzeiros, revistas, jornais, fotos, conchas, pedras, penas, entre muitas e muitas outras coisas.

Ainda tem o trabalho com arte. Quando adolescente ficava a madrugada construindo miniaturas e outras artes com os minhas “quinquilharias”: peças de relógio, pedaços de vidro, ossos... Ainda tenho todos... Passei a utilizar cada vez mais em meus trabalhos objetos que seriam “lixo”. Ao montar minha casa, compras em lojas de móveis usados, sofá que está na família há quase quarenta anos doado por tia e muitos outros móveis feitos por mim mesmo, como estantes de papelão e mesinhas de pedaços de madeira apanhados em serrarias.

Em 1999, ao passar para concurso público como professor, na cidade de Niterói, tive que escolher uma escola. Sem saber escolhi a que é vizinha ao aterro de lixo da cidade. O cenário estava armado para realizar trabalhos de educação ambiental e, posteriormente, realizar minha pesquisa de especialização. Pesquisa que continuo com este trabalho, buscando aprofundar o conhecimento sobre como pensam as pessoas em relação ao lixo, qual sua relação com ele, porque o tratamos – a ele e a tudo a ele relacionado – do jeito que o fazemos: com desprezo, nojo, indiferença.

A estrutura do trabalho

A dissertação está dividida em sete capítulos. O primeiro, introdutório, compõe-se de uma pequena análise dos resíduos sólidos, sua situação atual e a relação de nossa sociedade com os mesmos. Neste também abordo a questão dos catadores – pessoas que vivem do que acham no lixo – e sobre duas noções que serão importantes para o estudo: representações sociais e estigma. Por fim, os objetivos, justificativa e metodologia utilizada para a pesquisa.

No capítulo 2 apresento a área de estudo. A região, desde que iniciou o recebimento do lixo da cidade, há mais de vinte anos, está totalmente descaracterizada. Apresento este histórico, além de dados sobre o aterro, a escola e os alunos autores das redações.

O capítulo 3 é dedicado a apresentar o Fórum Lixo & Cidadania, lançado em 1998 pela Unicef – Fundo das Nações Unidas para a Infância, e a campanha “Criança no lixo nunca mais”. Apresento histórico e dados sobre o programa e a campanha, com seus objetivos, resultados alcançados até agora e metas para o futuro. A apresentação deste fórum e seus desdobramentos é importante no contexto deste trabalho, porque trata diretamente das crianças que trabalham no lixo, e que são também a base de minha pesquisa, sendo muitas delas, inclusive, beneficiárias da campanha.

Já no capítulo 4 inicio a análise sobre as percepções sobre lixo. Neste capítulo, as percepções da sociedade em geral, nos meios de comunicação: nos jornais, nas revistas, nos livros didáticos, em artigos técnicos, ao que dou o nome de “discurso oficial”.

Continuando a análise sobre as percepções do lixo, apresento no capítulo 5 a análise das redações. Apresento cada uma das categorias e temas examinadas e transcrevo trechos das redações, além de fazer breves comentários sobre os mesmos.

O capítulo 6 é dedicado à uma análise mais aprofundada dos discursos contidos nestes temas surgidos nas redações, quando os comparo com o discurso oficial, ou seja, as informações sobre lixo disponíveis ao cidadão comum.

Finalmente, termino o trabalho no capítulo 7, apresentando os resultados e uma discussão final sobre o trabalho.

RESUMO

A geração de resíduos é inerente às atividades humanas desde os primórdios, quando esta produção se baseava em material orgânico – restos de comida –, facilmente degradados e reabsorvidos pela natureza. Com o advento da Revolução Industrial e, posteriormente, após a II Grande Guerra Mundial, quando houve a grande expansão do consumo, os resíduos se modificaram em quantidade e composição, tornando-se um dos grandes problemas socioambientais da atualidade. Na busca de soluções para os problemas, a sociedade se baseia em soluções técnicas, como aterros e incineradores, e na educação ambiental, com campanhas de coleta seletiva e reciclagem. Entender o que as pessoas pensam sobre o lixo e sua relação com ele pode ser fundamental para estes trabalhos, sejam eles políticas públicas, educação ambiental, recuperação de áreas degradadas ou outros. Nesta dissertação busco conhecer, através de redações, o que pensam sobre o lixo as crianças que convivem com um aterro municipal, na cidade de Niterói, e traço uma comparação com os conceitos sobre o assunto disseminados pela sociedade. Para tanto, utilizo os conceitos de Representação Social e Estigma, além de analisar algumas notícias, reportagens e matérias jornalísticas sobre o assunto, retiradas de jornais, revistas e outros impressos.

ABSTRACT

The generation of residues is inherent to the human activities from the beginning, when this production based on organic material – remains of food –, easily degraded and reabsorbed by the nature. With the coming of the Industrial Revolution and, later on, after II Great World War, when there was the great expansion of the consumption, the residues modified in amount and composition, becoming one of the great partner-environmental problems of the present time. In the search of solutions for the problems, the society bases on technical solutions, as embankments and incinerators, and in the environmental education, with campaigns of selective collect and recycling. To understand what the people think about the garbage and its relationship with it can be fundamental for these works, be them public politics, environmental education, recovery of degraded areas or others. In this dissertation I look for to know what the children that live together with a dump think about the garbage, in the city of Niterói, and I trace a comparison with the concepts on the subject disseminated by the society. For so much, I use the concepts of Social Representation and Stigma, besides analyzing some news, reports and journalistic matters about the subject, retreats of newspapers, magazines and other printed papers.

SUMÁRIO

Lista de figuras	xi
Lista de tabelas	xii
Lista de abreviaturas	xiii
1. INTRODUÇÃO	1
1.1 Resíduos Sólidos	1
1.2 A relação sociedade x lixo	4
1.3 Os catadores	5
1.4 Estigma	6
1.5 Representações Sociais	8
1.6 Objetivos e Justificativa	10
1.7 Procedimentos	11
2. CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL	13
2.1 A região do Morro do Céu	13
2.2 Histórico da região	13
2.2.1 A área antes da lixeira	14
2.2.2. A implantação da lixeira	14
2.3 A área hoje	16
2.3.1 Serviços e instituições públicas	17
2.4 O Aterro	18
2.5 A Escola Municipal José de Anchieta	19
2.6 Os alunos	20
3. CRIANÇA NO LIXO NUNCA MAIS	21
3.1 Impressos	25
3.2 O projeto em Niterói	27
4. PERCEPÇÃO TÉCNICA, DO HOMEM COMUM, DA MÍDIA	28
4.1 O lixo visto pelos meios de comunicação	30
4.1.1 Revistas	30
4.1.2 Material didático	39
4.1.3 Informativos, Folhetos, Panfletos, Cartilhas	46
4.1.4 Oficiais	48
4.1.5 Mídia	52
4.2 Considerações	53
5. PERCEPÇÃO DOS ALUNOS	55

5.1. Categoria Lixo e morte	57
5.1.1 Tema Lixo como transmissor de doenças	57
5.1.2 Tema Atração / presença de vetores de doenças	59
5.1.3 Tema Lixo contaminado	60
5.1.4 Tema Relação direta entre lixo e morte	61
5.1.5 Tema Relação entre a lixeira e a violência que vivem	62
5.1.6 Tema Lixo hospitalar	63
5.2. Categoria Lixeira como trabalho	63
5.2.1 Tema Pessoas que trabalham na lixeira	64
5.2.2 Tema Crianças que trabalham ou têm alguma relação com a lixeira	66
5.2.3 Tema Eu nunca fui, mas conheço alguém	68
5.2.4 Tema Eu já fui, já catei	70
5.2.5 Tema Eu já fui, mas não catei	71
5.2.6 Tema Alguém da família vai (ou foi)	71
5.2.7 Tema Na lixeira “a gente pode...”	72
5.2.8 Tema Vergonha	73
5.3. Categoria Alternativas propostas	74
5.3.1 Tema Relação entre o consumo e a produção de lixo	74
5.3.2 Tema Discursos politizados	75
5.3.3 Tema Reciclagem / usina	80
5.3.4 Tema O lixo deve sair daqui	82
5.3.5 Tema O lixo não deve sair daqui	84
5.3.6 Tema Chamamento à ação	84
5.4. Categoria Aspectos ambientais	87
5.4.1 Tema Mal cheiro	87
5.4.2 Tema Poluição do ar	89
5.4.3 Tema Sujeira das ruas, chão e outros	90
5.4.4 Tema Lixo no mar	92
5.4.5 Tema Lixo nos rios e valões	93
5.4.6 Tema Lixo como causador de enchentes	93
5.4.7 Tema Chorume	93
5.4.8 Tema Nojo	95
5.5. Categoria Referências Institucionais	95
5.5.1 Tema Referência ao governo e políticos	96
5.5.2 Tema Referência à escola	96

5.5.3 Tema Referência ao projeto Chico Mendes	98
5.5.4 Tema Referência aos trabalhadores do/no aterro	99
5.5.5 Tema Referência aos garis / lixeiros	100
5.5.6 Tema Referência a médicos	101
5.5.7 Tema Referência à mídia	101
5.5.8 Tema Referência à creche e orfanato	102
5.5.9 Tema Referência às igrejas	103
5.6. Categoria Antes e Depois	103
5.6.1 Tema Como era antes	103
5.6.2 Tema Melhoras no aterro	104
5.7 Categoria Outras referências	106
5.7.1 Tema Referência a pobres x ricos	106
5.7.2 Tema Referência a Deus ou religiosidade	106
5.8 Categoria Outros Elementos	107
5.8.1 Tema Lendas e Histórias	107
5.8.2 Tema Descrição do que tem na lixeira / tipos de lixo	109
5.8.3 Tema Equívocos	113
5.8.4 Tema Bom x Ruim	118
5.8.4.1 O lixo como algo bom	119
5.8.4.2 O lixo como algo ruim	121
5.8.4.3 O lixo como algo bom e ruim ao mesmo tempo	124
5.8.5 Tema Apropriação do Discurso Oficial	131
6. DISCUSSÃO DAS CATEGORIAS E TEMAS SURGIDOS E COMPARAÇÕES	
COM OUTRAS VISÕES DE MUNDO	136
6.1 Lixo e morte	136
6.2 Lixo hospitalar	138
6.3 Lixeira como trabalho	141
6.4 Consumo de carne humana	145
6.5 Nojo	147
6.6 Criança no lixo nunca mais	148
6.7 Consumo x lixo	152
6.8 Coleta Seletiva e Reciclagem	153
6.9 Reciclagem ou arte?	156
6.9 Usinas	156
6.10 Discursos politizados	158

6.11 Chamamento à ação	160
6.12 Aspectos ambientais	161
6.13 Lixo em todos os lugares	162
6.14 Chorume	163
7. DISCUSSÃO FINAL	166
7.1 Pedagogia da degenerescência	172
Bibliografia	175

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1 - Gráfico da quantidade relativa de papel/papelão e plástico encontrados no lixo domiciliar da cidade do Rio de Janeiro	2
Figura 6.1 – Resina PET – Produção e reciclagem	155

LISTA DE TABELAS

Tabela 5.1 – Categorias e Temas, com as quantidades absolutas e relativas de cada um 56

LISTA DE ABREVIATURAS

- Comlurb – Companhia de Limpeza Urbana da Cidade do Rio de Janeiro
- IBGE – Instituto Nacional de Geografia e estatística
- PNSB – Pesquisa Nacional de Saneamento Básico
- Clin – Companhia de Limpeza Urbana de Niterói
- EMJA – Escola Municipal José de Anchieta
- CEDAE – Companhia Estadual de Águas e Esgotos
- PETI – Programa de Erradicação do Trabalho infantil
- ETE – Estação de Tratamento de Esgotos
- UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância
- ONG – Organização Não-Governamental
- SEDU – Secretaria Especial de Desenvolvimento Urbano da Presidência da República
- SEAS – Secretaria de Ação Social
- TCAC – Termos de Compromisso de Ajustamento de Conduta
- MMA – Ministério do Meio Ambiente
- FUNASA – Fundação Nacional de Saúde
- PET – Poli Tereftalato de Etileno (Resina utilizada para, entre outras coisas, fabricar embalagens de refrigerantes – Garrafas Pet)
- RSS – Resíduos dos Serviços de Saúde
- Conama – Conselho Nacional de Meio ambiente
- ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
- MP – Ministério Público

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1 Resíduos Sólidos

Desde sempre o ser humano, em suas atividades, gera resíduos¹. Porém, até antes da II Guerra Mundial, estes resíduos eram de composição mais simples, basicamente orgânica, e de mais fácil destinação e decomposição. Nas últimas décadas este quadro se modificou: a composição do lixo é outra, com novos tipos de materiais, e a quantidade também mudou, com um volume cada vez mais crescente de resíduos sendo descartados, acompanhando, inclusive, o modelo de industrialização iniciado na Revolução Industrial.

Apenas como exemplo, temos o crescimento do uso do plástico, surgido na década de 60, que substituiu gradativamente alguns materiais, e também a diminuição da matéria orgânica (Mahler, 2001). Na análise gravimétrica² do lixo da Companhia de Limpeza Urbana da Cidade do Rio de Janeiro (Comlurb, 2000), feita de 1981 a 2000, podemos verificar como esta alteração vem ocorrendo na cidade do Rio (Figura 1.1). Foram identificadas algumas mudanças de hábitos, como a tendência de queda na quantidade de papel/papelão e o aumento constante na utilização do plástico. Isto se deve, entre outros fatores, à substituição do papel/papelão em embalagens em geral (como nas sacolas de supermercados) e o uso do plástico na área de alimentos prontos e semi-prontos, pois este se difunde cada vez mais como o material ideal para embalagens e produtos descartáveis em geral. Esta mudança de hábito não ocorre só no Brasil, pois segundo Presser, em artigo de 1991, os Estados Unidos já seriam os maiores consumidores deste material no mundo, atingindo o índice de quase 70 quilos de plástico por habitante ao ano. Além disso, como aponta Trigueiro (s/d), esta questão já levou a mudanças na legislação e na cultura de vários países europeus, em vista de tentar minimizar a quantidade e os problemas causados pelo uso indiscriminado do plástico.

¹ Utiliza-se neste trabalho o conceito de “resíduos sólidos”, termo técnico para designar o lixo, que pode ser, com algumas variações, indicado como: doméstico (incluindo comercial), industrial, agrícola, perigoso, entulho, de varredura e outros (Eigenheer, 2003, p.14). Diferencia-se de outros tipos de resíduos, tais os líquidos, gasosos e pastosos, além de fezes e urina, que são produto do metabolismo humano, não resíduos de suas atividades.

² Determinação da porcentagem de cada um dos componentes do lixo (plásticos, vidros, orgânicos, etc.) a partir da relação entre o peso do componente analisado e o peso total da amostra considerada.

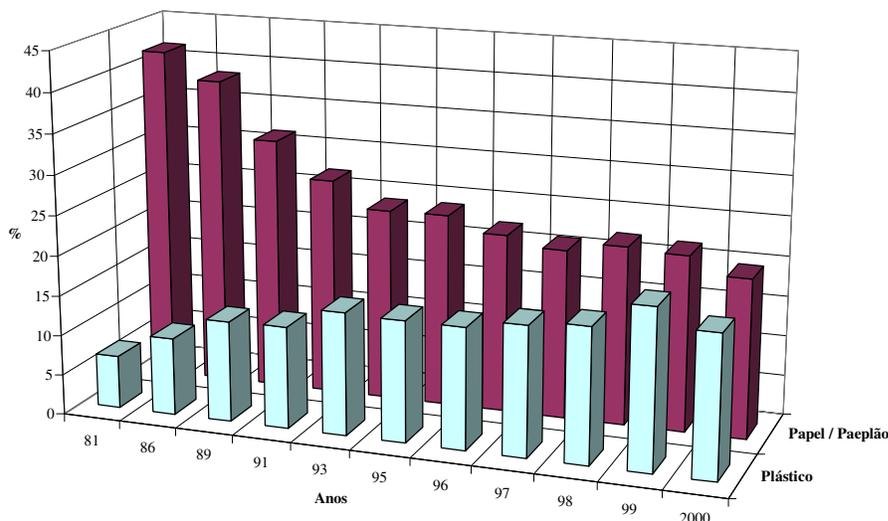


Figura 1.1 – Gráfico da quantidade relativa de papel/papelão e plástico encontrados no lixo domiciliar da cidade do Rio de Janeiro, de 1981 a 2000 (Comlurb, 2000)

Os problemas causados pela geração, acúmulo e destinação inadequada de lixo em nossa sociedade são, por conseguinte, mais evidentes e urgentes à medida em que a quantidade e variedade dos resíduos aumenta, em proporção inversa à disponibilidade de espaço nas cidades para seu descarte, não obstante o uso de tecnologias disponíveis, como incineração e usina de triagem e compostagem. Vale ressaltar que, em geral, quanto mais desenvolvida econômica e tecnologicamente uma sociedade, mais resíduos sólidos por habitante ela produz. Na razão inversa está a quantidade de matéria orgânica encontrada. Desta forma, à medida que a população de uma região cresce e se desenvolve, maiores serão os desafios.

Isso se deve, entre outros fatores, ao fato de que, geralmente, quanto menos recursos tem uma sociedade ou uma determinada região, maior será a manipulação dos alimentos nas residências, gerando resíduos como cascas, folhas, caules, partes estragadas e outros rejeitos. Ao inverso, quanto maior o poder aquisitivo, maior o consumo de produtos prontos e semi-prontos que geram menos resíduos orgânicos, mas em compensação, uma quantidade maior de embalagens (Comlurb, op.cit.).

Como exemplo, pode-se citar a média de resíduos produzida pelos suíços, que é de 1,7 kg/dia por habitante, com um percentual de matéria orgânica de 35 a 40%, enquanto em cidades como Rio de Janeiro ou São Paulo a média é de 1 kg diário por pessoa com 50 a 60% de matéria orgânica. Em cidades do interior do Brasil a quantidade de matéria orgânica chega a 80%, e a quantidade de lixo per capita ao dia é de cerca de 0,5 kg (Mahler, 2001). Em Eigenheer (2003, p.16), encontramos um gráfico, relativo ao ano de 1995, com a produção de

lixo doméstico nos países de maior geração onde temos em primeiro lugar os EUA, com 701 quilos por habitante ao ano, seguido do Canadá, com 646 kg/hab/ano. Dados da Alemanha, segundo o mesmo autor, também são relevantes quanto ao crescimento da geração dos resíduos sólidos: em 1950, cada habitante produzia em média 100 kg de lixo por ano; em 1975 passou para 300 kg; e em 1987 já somavam 400kg/hab/ano.

Depois de sua geração, os resíduos sólidos devem ser coletados e ter um tratamento e destinação final. Os locais de destino final podem ser classificados, basicamente, em três tipos, em função de diversos critérios em relação às condições ambientais, procedimentos de disposição e infraestrutura. Eles podem ser considerados como:

Lixão – Forma inadequada de disposição final de resíduos sólidos, que consiste na descarga do material no solo sem qualquer técnica ou medida de controle. Este acúmulo de lixo traz problemas como a proliferação de vetores de doenças (ratos, baratas, moscas, mosquitos, etc., que podem transmitir leptospirose, toxoplasmose, diarreias, dengue, entre outras), a geração de odores desagradáveis e a contaminação do solo e das águas superficiais pelo chorume. (Lima-e-Silva et al, 1999);

Aterro controlado – Aterro que tem por finalidade dar destinação final aos resíduos sólidos urbanos de forma mais adequada, reduzindo os impactos ambientais, pois nele o lixo é compactado e coberto por uma camada de terra. (Lima-e-Silva et al., 1999);

Aterro sanitário – Processo de disposição final de resíduos sólidos no solo, segundo critérios de engenharia e normas operacionais específicas, permitindo um confinamento seguro e evitando riscos à saúde pública e ao meio ambiente. Os resíduos são dispostos em terrenos impermeabilizados, compactados e recobertos em seguida. Devem existir sistemas para o tratamento do chorume e para drenagem dos gases formados pela decomposição do lixo depositado (Lima-e-Silva et al., 1999).

Considerando que a forma mais adequada quanto à destinação final e tratamento do lixo é o aterro sanitário, o Brasil não tem índices muito animadores. Segundo Eigenheer (2003, p.69), a situação atual do Brasil é similar à da Alemanha em 1962. Dados da Pesquisa Nacional de Saneamento Básico (PNSB) do IBGE (IBGE, 2000) indicam que 63,6% dos municípios brasileiros destinam inadequadamente o seu lixo, utilizando lixões; 18,4% utilizam aterros controlados e 13,8% aterros sanitários. Segundo texto da própria pesquisa (p. 50), como a obtenção dos dados foi efetuada através dos próprios órgãos responsáveis pela limpeza urbana, sendo 88% das próprias prefeituras, os dados podem ser ainda piores, visto que os informantes podem ter sido “demasiadamente otimistas”, visando não apontar as possíveis falhas em seus sistemas. Por outro lado, visto que em 1989 a PNSB apontava que

somente 10,7% dos municípios vazavam seus resíduos de forma adequada, pode-se notar uma perspectiva de melhora.

1.2 A relação sociedade x lixo

Embora, como dissemos, a produção de resíduos³ seja inerente à atividade humana, a relação entre um e outro é conflituosa. A sociedade, de uma forma geral, sempre se relacionou com seus resíduos com atitudes de afastamento, alienação, preconceitos e estigmas (Portilho, 1997). Segundo Eigenheer (op.cit.), as pessoas que trabalham com o lixo são discriminadas e em muitos casos considerados cidadãos de terceira categoria, e os lugares em que ele é disposto são considerados malditos e relegados aos cantos e periferias das cidades.

Por conta dos conflitos entre a importância e complexidade do tema e os tabus envolvidos, as informações tendem a se tornar cada vez mais abundantes. Por conta desta superexposição, diversos conceitos e informações são repassados, porém nem sempre confiáveis ou condizentes com a realidade. As informações são fartas e acessíveis, seja através da grande mídia (entendida como o conjunto dos meios de comunicação de massa), dos artigos técnicos ou dos projetos envolvendo o tema – que ganham relevância dentro dos trabalhos desenvolvidos por órgãos públicos e Organizações Não Governamentais (ONGS).

Apesar das discussões em torno do assunto e desta grande exposição na mídia, permanecem intactos os preconceitos e representações depreciativas ao que for relacionado ao tema “lixo”. Podemos destacar o estudo da Datafolha sobre as profissões rejeitadas (Eigenheer, 2003, p. 21), que mostrou, na pesquisa espontânea, o lixeiro em primeiro lugar com um percentual de 21%, o gari em terceiro com 11% e o faxineiro com 9%. Como o que acontece também com os catadores de lixo, aos que, segundo Juncá (2000), lhes é atribuída uma imagem de preguiça, indolência, malandragem e marginalidade. Ou, ainda, o relato de Costa, que, quando era aluno do segundo ano do curso de Psicologia da USP, ao iniciar um trabalho de pesquisa para a universidade (acompanhar, por um dia, o cotidiano de um grupo de trabalhadores), escolheu os garis e continua, há 10 anos, se vestindo semanalmente de gari para ouvir seus relatos e sentir na pele a humilhação social sofrida por eles. Ao conviver com o grupo, Fernando constatou o fenômeno da “invisibilidade pública” que persegue estes profissionais. As pessoas nem sequer os olham, desviando-se como de um obstáculo (Costa, 2004).

³ A diferenciação entre resíduos sólidos e os outros resíduos (líquidos e pastosos, como fezes e urina) é recente, sendo feita a partir do final do século XIX.

Apesar desta estigmatização em relação ao lixo, Portilho (op.cit., p. 12) menciona um programa de coleta seletiva de lixo em que os participantes passaram a diferenciar um *lixo limpo* de um *lixo sujo*. O *limpo* seriam os plásticos, vidros e outros “recicláveis”, que seriam porém, lixo para a natureza por não serem naturalmente degradáveis; e o *lixo sujo* seria a matéria orgânica, facilmente reciclável pela natureza, ou seja, o que não seria lixo para ela. De fato, as pessoas parecem iniciar a ter uma outra relação com o lixo quando para a coleta seletiva, separando-o em casa e aderindo aos programas. Programas deste tipo têm se multiplicado pelo país, como exemplo na cidade de Niterói, a primeira a ter um programa sistemático de coleta seletiva, iniciado em 1985 no bairro de São Francisco, com uma parceria do Centro Comunitário do bairro e a Universidade Federal Fluminense (Coleta, 1997). O projeto iniciou com apenas cem residências e hoje conta com cerca de 1200. Outras notícias mostram a adesão dos moradores da cidade ao programa de coleta seletiva da Companhia de Limpeza Urbana de Niterói (Clin), como em Medeiros (2002), onde há indicações de que 25% da população niteroiense está participando do programa, resultando em duas toneladas de lixo reciclado por dia; em Araújo (2002), cita a adesão de 564 condomínios, contra apenas dez, quatro anos antes; e em Reciclagem (2003), em que a presidente da Clin afirma que estão participando quase 70 mil pessoas, ou seja, 15% da população da cidade.

1.3 Os catadores

Acompanhando os resíduos, sempre existiram aqueles que, por miséria e falta de opções, sobrevivem da catação do que ainda pode ser aproveitado, seja de forma direta, através do consumo de restos de comida ou do aproveitamento de objetos, ou indireta, revendendo os materiais recolhidos. Já em Roma antiga existiam pessoas (chamadas *canicolae*) que iam às cloacas⁴ em busca de coisas ainda úteis (Eigenheer, 2003, p. 47), e urina e fezes que eram comercializadas para uso agrícola, sendo, para isso, também recolhidas dos toaletes públicos.

Seguindo a desigualdade que existe na sociedade atual e a grande produção de lixo, temos também o aumento desse contingente. Que opções deixamos à essas pessoas que são de certa forma expulsas da sociedade, com a vida marcada pela insegurança, precárias moradias, falta de trabalho ou de direitos trabalhistas, sem educação formal de qualidade? Só se tem a opção da luta pela sobrevivência (Juncá, 2000). Aquilo que é desprezado pela sociedade que

⁴ Canais subterrâneos da antiga Roma destinados a desabastecer a cidade das águas servidas (urina e fezes) e demais resíduos.

os despreza torna-se a única forma de sobrevivência, se não se permite viver nas ruas, na mendicância, no tráfico ou no roubo.

Os catadores de lixo particularmente, são vistos como uma escória e associados à marginalidade, embora todo o esforço para se identificarem como trabalhadores, que desempenham uma função que exige um certo “gabarito”, conhecimento e experiência (Juncá, op.cit.). Apesar ainda, de todos os projetos de promoção social relacionados a esta categoria profissional⁵.

Junto aos catadores, os pais, estão as crianças, seus filhos, que desde cedo também aprendem o ofício para ajudar no sustento de toda a família. Este aspecto aparece em diversas fontes, por exemplo, em Ribeiro e Santos (2000): “O trabalho na lixeira é, via de regra, realizado com a companhia dos filhos, que ‘ajudam’ na seleção do material”; e em Juncá (2000, p. 51): “Estes dados apontam para uma certa continuidade entre pais e filhos no que se refere ao trabalho. (...) Se as crianças de ontem ingressavam no mercado de trabalho pela via da lavoura, da serventia doméstica ou do comércio ambulante, muitas, hoje, começam catando lixo”.

Foi por causa deste problema que surgiu a campanha “Criança no lixo nunca mais”, que discutiremos em um capítulo à parte.

1.4 Estigma

Em uma definição simples e direta, estigma seria a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena. Segundo Goffman (1988), o termo estigma nasceu com os gregos, referindo-se a sinais corporais (feitos com cortes ou com fogo) que serviam para evidenciar ou identificar algo sobre o status moral de quem os tinha, como ser um escravo, um criminoso, um traidor.

A sociedade tende a categorizar as pessoas e os atributos considerados comuns aos membros de cada categoria; estas categorias e seus atributos constituem então, a “identidade social” do indivíduo. Esta identidade social, por sua vez, pode ou não ser estigmatizante; e o termo estigma seria utilizado quando estes atributos fossem depreciativos. Porém, estes são conceitos relativos, e um atributo que estigmatizaria alguém pode confirmar a normalidade do outro, dependendo de quem o vê, não sendo, portanto, em si, honroso nem desonroso (idem, p. 13). Buscamos traçar aqui um paralelo desta noção com a realidade das crianças estudadas.

⁵ Vide por exemplo, o Programa de promoção social de catadores de lixo dos aterros sanitários dos Municípios de Niterói e São Gonçalo, da FASE – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional; e Gonçalves (2002).

O lixo nos remete a idéias de repugnância, nojo, afastamentos. Estas nascem, por sua vez, da relação que fazemos entre o lixo e a morte, a degenerescência do corpo. Segundo Eigenheer (2003, p. 95), o significado do lixo passa pelo termo imundícia, que, por sua vez, remete à idéia de impureza e pecado, e, na tradição judaico-cristã, à idéia de morte, seja física ou espiritual.

Então, mais do que algo físico (saúde, doenças, contaminação), há um grande aspecto simbólico no desejo de afastamento do lixo. Notamos isto também se considerarmos a parte dos resíduos sólidos mais sujeita aos preconceitos – mesmo entre os catadores –, que seria a parte orgânica e facilmente putrecível (Eigenheer, *idem*, p. 100). O que Portilho (1997, p. 102) considera dizendo que “reforça a hipótese de que o incômodo pode estar associado à deterioração orgânica e à morte”.

Como aponta Goffman (*op.cit.*, p.15), utilizamos termos específicos de estigma em nosso discurso diário (por exemplo: aleijado, bastardo, retardado) como metáforas, sem necessariamente pensarmos em seu significado original. Estas metáforas também são largamente utilizadas em relação ao mundo do lixo. Assim, com palavras como sujeira, podridão, jogado, imundice, apodrecer, não prestar – próprias ao mundo do lixo –, criam-se expressões como “louco varrido”, “apodrecer na prisão”, “(alguém) não presta para nada”, “trapo humano”, “boca do lixo”, entre outras (Eigenheer, *op.cit.*, p.22). Para fazermos o paralelo, basta também vermos o significado de lixo nos dicionários, por exemplo: “1. Tudo o que se joga fora após a limpeza e/ou a varredura de uma casa, rua, etc.; entulho. 2. Coisas inúteis, sem valor. 3. Sujeira, imundície” (Ximenes, 2000)⁶.

As pessoas, adultos ou crianças, que têm uma convivência mais próxima com o lixo, como é o caso deste estudo, sofrem com este estigma e com a utilização, muitas vezes, de expressões similares. Segundo Ribeiro e Santos (2000), por exemplo, “os trabalhadores do aterro sofrem discriminação por parte de outros moradores do bairro, que deles se ‘envergonham’”. Em Azevedo (2000, p.25), os catadores - ou “recicladores”, segundo a autora – reclamam de notícias de jornais e televisão, declarando que não são “bichos que comem lixo”. As crianças são comumente chamadas, por exemplo, de “crianças do lixo”, o que gera uma série de problemas em seus tratos sociais, tendo como consequência, inclusive, o afastamento da escola ou de outro tipo de convivência social. O que pode ser atestado em diversos textos, como em Osava (2005): “A discriminação dificultou a permanência das ‘crianças do lixo’ nas escolas, frequentemente humilhadas por irem à aula com os sapatos sujos”; ou “ Mesmo aquelas que são matriculadas, abandonam os estudos porque precisam

⁶ Com exceção dos termos mais técnicos, utilizo algumas vezes este dicionário, pois é o mesmo distribuído gratuitamente às crianças da escola.

ajudar a família ou pelo preconceito que sofrem por serem "crianças do lixo"⁷ e em Aprendiz (2001): “Na escola, os alunos das outras salas falavam que a gente era do lixo. Eu não respondia porque pelo menos, eu trabalhava”.

Como vemos, tanto o lixo quanto as pessoas que têm alguma relação com este são estigmatizados e tendem a serem afastados. Como diz Goffman (op.cit., p.22), “a simples previsão de tais contatos [entre um estigmatizado e os normais] pode, é claro, levar os normais e os estigmatizados a esquematizar a vida de forma a evitá-los”.

Por outro lado, os membros de uma categoria de estigma tendem a reunir-se em pequenos grupos sociais e estes membros acabam por ter “agentes e agências” que as apresentem, que as representem. Segundo Goffman (op.cit., p. 35), estes são pessoas com o estigma, mas que tem um pouco mais de oportunidades de se expressar, mais relacionadas, mais conhecidas. Goffman continua dizendo que “uma tarefa característica desses representantes é convencer o público a usar um rótulo social mais flexível à categoria em questão”. Outra seria aparecerem como “oradores” diante da sociedade em geral, o que parece estar acontecendo com esta categoria de trabalhadores (catadores).

1.5 Representações Sociais

Os indivíduos, desde cedo, se deparam com parâmetros instituídos e de certa forma impostos pela sociedade, com idéias, valores, modos de pensar, comportamentos, cultura, externos a ele e que o “moldam” como membro desta sociedade. Estas seriam as Representações Sociais, termo cunhado, segundo Kuhnem (1995), pelo sociólogo francês Serge Moscovici, que tinha como objetivo contrapor-se às tendências de uma psicologia individual e de uma psicologia sociológica, dicotomia que, para ele, culminaria em um conhecimento fragmentado do ser humano. Para Moscovici (*apud* Oliveira, 2000), as representações são parâmetros instituídos e de certa forma impostos pela sociedade, com idéias, valores, modos de pensar, comportamentos, cultura, externos a ele e que o “moldam” como membro desta sociedade. O conceito de representações sociais pode ser remetido ao conceito de Representações Coletivas, de Durkheim: produções sociais que se impõem aos indivíduos como forças do exterior, transmitidas através das gerações (Kuhnem, op.cit., Jardim, 1996). Para Durkheim, as representações coletivas traduzem a maneira como o grupo pensa nas suas relações com os objetos que o afetam, e atuam independentemente da vontade dos indivíduos. Portilho (1997, p.6), ao trabalhar as representações sociais de engenheiros,

⁷ Disponível em: <http://www.lixoecidadania.org.br/lixoecidadania/acampanha/Campanha.htm> – Acesso em: 14/02/05

garis e catadores – as três categorias relacionando-se com o lixo –, afirma que as condições sociais em que um grupo vive, guia a forma como seus membros pensam. Embora diferentes em suas personalidades, se aproximam quanto à sua experiência social – e conseqüentemente ao pensamento, à ação, aos hábitos incorporados, padrões de linguagem – em outras palavras, em suas representações sociais. Segundo a autora, em sua relação com o mundo que o cerca, o sujeito constrói este mundo e é, ao mesmo tempo, construído por ele.

Segundo Reigota (2001, p.12), as representações sociais estão relacionadas com as pessoas que atuam fora da comunidade científica, embora também presentes nesta. Pelas representações sociais, podemos encontrar nas pessoas, conceitos cientificamente construídos, da forma que foram apreendidos e internalizados por elas. Desta forma, assim como o autor considera que “o primeiro passo para a realização da educação ambiental deve ser a identificação das pessoas envolvidas No processo educativo”, também considero a importância do conhecimento sobre lixo em nossa sociedade, como forma de colaboração ao processo educativo e até mesmo de políticas públicas sobre o mesmo.

Considerando então, as representações sociais como um conjunto de princípios construídos interativamente e compartilhados por diferentes grupos, que através deles compreendem e transformam sua realidade (Reigota, idem), temos em mente que, por serem compartilhadas por uma coletividade, elas influenciam nas decisões que os seres humanos tomam individualmente. Ou seja, nem todas as idéias e sentimentos de uma pessoa têm origem no próprio indivíduo, visto que as representações formam um complexo de idéias e motivações, atravessando a sociedade exteriormente e se apresentando ao indivíduo já consolidadas.

Assim, seguindo a linha apontada por Portilho (op.cit., p. 80), de que um dos fenômenos que mais nos permite identificar as representações sociais dos indivíduos são seus discursos – especialmente os mais espontâneos –, utilizo o recurso das redações na busca destas representações dos alunos em questão. Segundo Azevedo (1999, p. 70), o conhecimento da representação social do grupo trabalhado (no caso desta autora, sobre meio ambiente de alunos em geral), pode servir como ponto de partida para a compreensão de como estão pensando, como vêem, o que sabem, como situam os problemas envolvidos, podendo ajudar como aprofundamento de temas e trabalhos diversos. Atuo com este conceito nesta mesma perspectiva, de contribuir para trabalhos futuros em relação às questões dos resíduos sólidos.

1.6 Objetivos e justificativa

Após a pesquisa de especialização (Dib-Ferreira, 2001), na qual trabalhei a história da região onde hoje se localiza o aterro de lixo de Niterói (Morro do Céu), e que se baseou em entrevistas com moradores e outras pessoas ligadas ao espaço, além de observações locais, ficou a necessidade de um estudo mais aprofundado das representações que as pessoas do local fazem dos problemas ambientais e do lixo. O recorte que proponho é ligado à escola – no caso, os alunos –, para que se possa entender como pensam e de que forma isso pode contribuir para a melhoria das atividades da escola e da região e nos futuros projetos de inserção social, tratamento do lixo, recuperação ambiental da área, entre outros. Assim, parto de perguntas em relação ao relacionamento das pessoas com o lixo: como pensam as pessoas obrigadas a conviver ao lado de uma lixeira? E as que estão ali por opção, que fazem do lixo a sua sobrevivência, como vêm o lixo?

Este trabalho busca portanto, conhecer como os alunos da Escola Municipal José de Anchieta (EMJA), situada ao lado do aterro de lixo da cidade, concebem o estigma de morar e estudar ao lado deste, tendo com ele uma relação mais ou menos próxima ou distante, dependendo de cada caso, sendo até mesmo um catador ou filho de catadores. Procuo refletir a questão dos resíduos sólidos na perspectiva daqueles que convivem, direta ou indiretamente, com eles.

Segundo Portilho (op.cit.), que trabalhou as representações sociais de profissionais do lixo (engenheiros, garis e catadores), pode-se observar determinados grupos na sociedade que lidam com o lixo e a sujeira de forma bastante próxima e, como demonstra Juncá (2000), que acompanhou o trabalho e o cotidiano de alguns catadores do depósito de lixo do município de Campos dos Goitacazes, RJ, a falta de oportunidades, de trabalho, de condições mínimas de vida leva um grande contingente de pessoas a procurar sua sobrevivência em atividades consideradas “marginais”, entre elas buscar o material desprezado pela sociedade, o fim da linha, a escória, como forma de ganhar a vida.

Desta forma, como o fato de a escola estar situada na área de influência do vazadouro de lixo afeta a auto-estima das crianças? Como se vêm como moradores e estudantes “do lixo”? Como conseguem driblar o preconceito e o estigma de tal situação? Ainda assim, apesar de serem da mesma escola, os alunos não formam um grupo homogêneo. Como disse, a relação com o lixo ou a lixeira pode ser maior ou menor, dependendo de onde moram, da situação social e de sua própria história. Busco então, na medida do possível, estabelecer os grupos de alunos que se formam através de seus discursos e representações, procurando notar as diferenças e aproximações dos discursos.

Por outro lado, o que a sociedade está recebendo hoje como informações acerca do lixo? Como são repassadas as informações? Na maioria das vezes, as únicas fontes de informação da população como um todo são as revistas e jornais, de fácil aquisição, em contrapartida com livros e artigos científicos, de custo maior e maior dificuldade de acesso. Desta forma, as informações que recebem provêm de materiais que nem sempre são imbuídos de uma análise mais profunda. Fazemos também uma breve análise de alguns destes materiais, buscando entender o tipo de informação a que as pessoas em geral têm acesso.

Proponho então uma leitura destas visões, buscando, através das representações expressas nas redações, evidenciar os preconceitos e os estigmas que perseguem quem tem uma relação mais direta com o lixo, relacionando-os à visão deste pela sociedade em que vivemos, através dos meios de divulgação. Investigo o que há de diverso e de próximo entre estes mundos.

Parto da hipótese de que as falas das crianças refletem o discurso oficial em relação ao lixo. Este discurso oficial, apontado por Layrargues (2002) como *discurso ecológico oficial* (poder público, empresas, ambientalistas), impregnado na mídia, influencia todas as camadas da sociedade, obrigando-nos todos a um pensamento homogêneo. Ou seja, é natural a criança ter o discurso da reciclagem e do lixo causador de problemas, de tudo o que o lixo pode causar e trazer de ruim. Absorver esse pensamento faz dela um ser inserido na sociedade, atenta ao que acontece, preocupada com as questões ambientais, um bom aluno. E a faz escapar do estigma de sobreviver das sobras da sociedade. Vergonhoso e conflituoso é ter o discurso da representação do lixo idêntico ao dos catadores, ou de quem está acostumado ao seu contato. Creio que, apesar deste discurso homogêneo, os alunos da EMJA (pelas suas características) têm em si uma idéia diferente, que é escondida e abafada, que vai de encontro à idéia dominante. Entender esta dinâmica pode ser fundamental para os trabalhos relacionados ao lixo, sejam políticas públicas, educação ambiental, recuperação de áreas degradadas ou outros.

1.7 Procedimentos

A escola pesquisada localiza-se na região do Morro do Céu, Caramujo, Niterói, RJ. Esta foi escolhida por diversos motivos. Primeiramente, é a escola que tem como clientela a população que vive no entorno do lixão municipal. Por outro lado, sou um dos professores de Ciências da mesma há mais de seis anos, o que faz com que conheça grande parte dos alunos, além de diversas mães e pais. Também tenho feito redações com meus alunos sobre o lixo e suas relações com o mesmo. Além disso, minha monografia de especialização foi realizada

sobre a história do local; como era antes, como foi a implantação da lixeira e como está a área hoje (Dib-Ferreira, 2001), o que também permitiu um certo conhecimento prévio do local e de alguns moradores.

Para a busca das representações sociais dos alunos optou-se por trabalhar com redações. Com esta técnica e sendo professor da escola, pude trabalhar coletando informações durante os anos de 2002, 2003 e 2004. Foram sete turmas diferentes, sendo que duas delas durante dois anos, em um total de 148 redações. O relato não foi obrigatório, sendo garantido o anonimato das informações escritas.

Em 2002 o tema da redação foi “lixo”, sem nenhum tipo de direcionamento, contabilizando-se 54 redações com este perfil. Nos anos seguintes, o tema foi um pouco mais direcionado, devendo a criança escrever sobre “O que eu sei sobre o lixo, a lixeira do Morro do Céu e a relação que eu e minha família temos com ela”.

Para a análise das redações, buscou-se uma base epistemológica em Bardin (1977), em seu livro “Análise de conteúdo”. Os relatos foram divididos em sete categorias e cada uma delas em variados números de temas. Estas categorias e temas não foram pré-estabelecidas, ao contrário, vieram surgindo das leituras das redações. À medida que foram surgindo agrupamentos de opiniões e citações, estas foram agrupadas em temas e, por sua vez, estes foram agrupados em categorias. Estas sete categorias e seus respectivos temas receberam um tratamento estatístico, relacionando a quantidade de citações em cada um com o total de redações e citações.

Outras análises foram feitas dos discursos dos alunos, mas colocadas em uma categoria a parte, denominada “Outros elementos”. São análises mais subjetivas, não entrando, como as outras sete, no tratamento estatístico. São os temas “lendas e histórias”, “descrição do que há na lixeira”, “equívocos”, o lixo como algo “bom x ruim” e “apropriação do discurso oficial.

Também foram analisadas informações contidas nos diversos meios de comunicação (impressos) disponíveis ao cidadão comum. Não foi feita pesquisa bibliográfica no sentido de selecionar as fontes analisadas, mas foram escolhidas algumas das quais tive acesso normalmente, no dia-a-dia, e às quais qualquer pessoa também poderia ter (chamadas de “discurso oficial”). Assim, analisei alguns artigos em revistas diversas, jornais de grande circulação, livros didáticos utilizados em escolas, folhetos e cartilhas distribuídas gratuitamente, artigos da internet. Esta análise não recebeu tratamento estatístico, mas qualitativo, quando retirou-se trechos mais importantes que refletissem a base de seu discurso.

Por fim, com os dados obtidos – análise das redações e análise do discurso oficial –, busquei os paralelos e as contradições entre os dois discursos.

CAPÍTULO 2

CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL

2.1. A região do Morro do Céu

O Morro do Céu localiza-se na cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro. Abrange uma área dominada por colinas, com altitudes modestas, de 200 a 300 metros, distribuindo-se, além do bairro do Caramujo, pelos bairros de Ititioca e Viçoso Jardim. A região é uma zona de mananciais, por isto protegida por lei, como aponta Sisino (1995). Existem córregos e nascentes na região – como a nascente do rio Matapaca –, influenciados de forma direta ou indireta pelo lixão, e que unem-se para formar mais tarde o Rio Sapê, que passa por São Gonçalo e desemboca na Baía de Guanabara.

O município de Niterói encontra-se dentro do domínio da Mata Atlântica. Atualmente a vegetação local, como em toda a cidade, está bastante descaracterizada, porém, a região do Morro do Céu, apesar da interferência que vem sofrendo nas últimas décadas e apesar do impacto causado pelo aterro e pelo crescimento das construções, ainda apresenta áreas de vegetação, do tipo capoeirão, sendo uma floresta secundária bem desenvolvida, com aspecto de mata virgem, altura mediana a alta e sempre-verde (Sisino, 1995).

Há poucas ruas asfaltadas: a rua principal, que liga o Caramujo à Ititioca e outras poucas adjacentes. Segundo informações da associação de moradores, a região recebe água encanada desde cerca de 1996, implantada pela CEDAE, hoje administrada pelas Águas de Niterói. Antes a população recebia água em carros pipas pela Clin. Porém, chegando a certa altura, nas cercanias de Ititioca, ainda segundo a associação de moradores, a água não tem força para ir até as casas, serviço que é feito por uma bomba da própria entidade. Não há rede de esgoto (Dib-Ferreira, 2001).

2.2. Histórico da região⁸

2.2.1. A Área Antes Da Lixeira

A área antes da implantação da lixeira era uma região de colinas com seus vales recobertos por vegetação, hoje ocupados, em sua maior parte, pelo material depositado durante os anos de existência do aterro controlado. Havia a predominância de sítios, com casas esparsas. Não havia saneamento, asfalto ou qualquer beneficiamento do poder público.

A descrição daqueles que a conheciam anteriormente é sempre a mesma: uma área verde, muito arborizada (como ainda o é em certos trechos), com muitos animais e recursos naturais. O Morro do Céu é uma região em que existiam muitos poços e nascentes. Por exemplo, a nascente de um córrego que irá formar o rio Matapaca, segundo um dos casais mais antigos da região, situava-se exatamente no vale onde está hoje todo o lixo, sendo soterrado por este. Segundo este mesmo casal, os poços que existiam estão fechados, porque não há mais condições de utilizar aquelas águas (Dib-Ferreira, 2001).

A área era rica em seus recursos naturais, especialmente a água. Segundo um testemunho: “...o Morro do Céu antigamente era um lugar muito bonito... é por isso que tem esse nome: Morro do Céu.” (idem).

2.2.2. Implantação da lixeira

Com o término da vida útil do lixão de Viçoso Jardim em 1981, que recebeu o lixo de Niterói por 15 anos, a prefeitura se viu na incumbência de providenciar outra área para este fim. Foi projetado pela Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana (FUNDREM - atualmente extinta), com consultoria da Comlurb, um aterro sanitário para Niterói e São Gonçalo no bairro do Engenho Pequeno, localizado neste último município (Sisino, 1995). Houve uma precipitação por parte do então prefeito de Niterói, que fez com que a população local rejeitasse a presença do futuro aterro no local. Não tendo mais a opção de São Gonçalo, a partir de 1982, passou-se a vazar o lixo no Aterro de Gramacho, em Duque de Caxias. Porém, o transporte ficava caro demais. Houve a mudança na prefeitura nesta época, com a qual ficou a responsabilidade de arrumar outro local. Escolheu-se então, no final de 1983, a área do Morro do Céu (Dib-Ferreira, op.cit.). Deve-se registrar que, nesta

⁸ Baseado em minha monografia de especialização (Dib-Ferreira, 2001), quando busquei a história do local através de entrevistas com moradores antigos e outras pessoas que participaram de todo o processo de instalação da lixeira.

época, o lixo era vazado sem nenhum tratamento, constituindo-se, então, em um lixão a céu aberto.

Diversos motivos levaram a escolha deste local. Em primeira instância havia pouca gente, havia urgência e não viam possibilidades em outro lugar. A área escolhida foi em um bairro pobre, no alto de um morro, dentro de um vale (tendo assim muito espaço para colocar o lixo), e onde viviam poucas pessoas. Um local de muitos sítios, com casas espaçadas. Desta forma, mesmo com protestos, seria mais fácil fazê-lo. A prefeitura fez as devidas desapropriações, iniciando por uma propriedade, um sítio, e com o tempo realizando outras em torno, para expansão.

Os pontos de argumentação utilizados pelo poder público na época foram recorrentes: “cada cidade tem que tratar de seu lixo”, ou “não temos outra escolha”. Desta forma a população local, em pequena quantidade, foi obrigada a aceitar a produção de lixo de toda a cidade, porque “o lixo é nosso”. Também havia a argumentação de que Niterói não tem outro local disponível para se fazer um aterro. Quanto a área ser, na época, rica em vegetação e “*ambientalmente nobre*”, esta não era uma preocupação real, principalmente porque nem legislação específica existia⁹.

As benfeitorias que a prefeitura fez no local foram utilizadas na época como outro tipo de barganha. As melhorias foram poucas e não imediatas frente aos impactos que a lixeira trouxe, ainda mais com o crescimento da população após sua instalação. Mas elas foram utilizadas como medidas compensatórias pelo poder público, como uma espécie de “troca”, sendo citadas inclusive em uma das redações, quando a criança diz como era o local antes:

“Quando entrou a lixeira, só tinha árvore era um lugar muito bonito, não tinha, mau cheiro, nem mosquito. Os moradores tinha mais saúde, as suas casas tinha mais valor. Há única coisa que melhorou foi que fizeram asfalto, e água encanada, rede elétrica e rede de esgoto. (...)”

Segundo um engenheiro da Companhia de Limpeza Urbana de Niterói (Clin), até 1997 aquela região não era pavimentada, o que a empresa fez em certas áreas. Com certeza também em benefício próprio, por ser aquela uma região alta e com grande fluxo de caminhões com toneladas de lixo. Uma rua não asfaltada dificultaria em muito o trabalho.

Com a necessidade de expansão do aterro algumas casas foram sendo desapropriadas e construídas outras em outro local, na mesma região, o que ainda vem acontecendo. Nestes casos a Clin se responsabiliza pela construção das casas para abrigar famílias desapropriadas.

⁹ Vale ressaltar que nesta época não havia uma legislação que obrigasse a um estudo de impacto ambiental ou maiores preocupações com o meio ambiente. A Constituição Federal só foi promulgada em 5 de outubro de 1988 e a Lei n. 6.938, em 31/08/1981 (Política Nacional de Meio Ambiente).

Neste trabalho (Dib-Ferreira op.cit.) pode-se perceber os sentimentos ambíguos em relação ao aterro hoje entre alguns moradores. De um lado trouxe uma série de problemas, e de outro, os argumentos utilizados para sua instalação e continuação são fortes e a presença deste trouxe uma fonte de subsistência direta para diversas famílias, além de certos benefícios, como posto de saúde, creche, asfalto.

Porém, cabe citar ainda que, depois que já estava o fato consumado, ou seja, a lixeira já estava sendo iniciada, continuaram e aí realmente intensificaram-se protestos e tentativas de retirada, havendo passeata, mobilizações, reportagens em jornais, fechamentos dos acessos à área. Nesta época, a região já estava recebendo o ingresso dos catadores de lixo. Estes, por retirarem do lixo seu sustento, foram a favor da implantação, havendo, inclusive, embate com os moradores que queriam a expulsão.

Uma antiga participante desta luta contra a lixeira citou o fato de que muitas pessoas foram favoráveis pensando nas benfeitorias que a região iria receber, mas quando viram os primeiros caminhões entrando e despejando lixo seguidamente, começaram a perceber a dimensão do problema, sentiram-se enganados por não receberem o prometido e iniciaram os movimentos para a expulsão (idem).

Um morador antigo da região relatou que aos primeiros carregamentos, eles fecharam as estradas. Desta forma impediam a entrada dos caminhões com lixo, tendo o apoio de várias outras associações de moradores. Este recurso, porém, foi sendo minado aos poucos, primeiro porque “não podia ficar 24 h vigiando”, os caminhões foram entrando e despejando sua carga, depois, porque havia pessoas que queriam que a lixeira ficasse. Alguns moradores achavam que seria uma vantagem a instalação desta, pois levaria um pouco de “urbanização” para a região; asfalto, posto de saúde, ônibus, etc. Segundo relatos, hoje eles estão arrependidos.

2.3. A área hoje

A principal fonte de degradação ambiental da região é o vazadouro de lixo do Município, além da falta de tratamento de esgotos. Com a lixeira e a falta de saneamento vieram os problemas que geralmente assolam estas áreas do entorno: contaminação do solo e das águas superficiais e subterrâneas; liberação de gases; mudança do relevo e extinção da vegetação, contribuindo com a alteração da drenagem superficial e do microclima local; presença de vetores; crescimento demográfico e expansão da violência, muitas vezes ligada ao tráfico de entorpecentes; além da própria expansão que a área do vazadouro vem sofrendo, aumentando ainda mais sua proximidade com os moradores.

O Morro do Céu é uma área carente de urbanização, saneamento, acesso, entre outros serviços básicos. Houve, em 1994, uma remoção de favela do Centro de Niterói (favela Maria Thereza), localizada em São Domingos, e levada para o Morro do Céu, para perto de onde se situa o prédio do Programa Médico de Família e do Centro de Controle de Zoonoses. Esta remoção teve o acompanhamento de um projeto de pesquisa-ação pela Universidade Federal Fluminense (Carreteiro e Vasconcellos, 1998), através do qual podemos ter noção em que bases foram feitas as remoções, pois descreve o abandono do poder público e o crescimento da violência no seio do Conjunto Maria Thereza – novo nome colocado pela prefeitura. Só por uma questão de curiosidade, este é o único lugar do Morro do Céu que as crianças, com exceção das que moram lá, chamam de “favela”, não importando se o nome “oficial” é “Conjunto” (observações pessoais).

Por outro lado, muitas pessoas também migraram para a região, seja em função da lixeira, seja pela da desvalorização que a região sofreu com a vinda desta. Com a instalação do vazadouro de lixo no local a área sofreu uma grande desvalorização, o que acarretou em um movimento migratório na região: várias famílias com melhores condições financeiras se mudaram e outras, de menores recursos ou mesmo visando a exploração do lixo como fonte de renda, se instalaram. Todavia há no local uma contradição entre casas com padrão mais elevado, de alvenaria, com bom acabamento e casas mais humildes. As primeiras parecem estar situadas em uma área de um antigo sítio que foi loteado, mais para o lado do Caramujo. Para o lado de Ititioca, mais próximo à lixeira, a população e as habitações parecem ser de menores recursos financeiros (Dib-Ferreira, op.cit.). Embora não tenha encontrado dados mais aprofundados sobre o primeiro local, de certa forma, isto pode ser observado na análise de Carreteiro e Vasconcellos (1998) na comparação entre a região do Calixto e do Condomínio Maria Thereza (ambos mais próximos à lixeira), onde é detalhada a renda per capita (0,58 a 0,86 salários mínimos), os rendimentos dos chefes de família, os detalhes dos tipos de habitação, entre outros aspectos.

Pesquisas atestam a má qualidade da água superficial (por exemplo, do córrego Matapaca) e subterrâneas (poços), principalmente em relação a parâmetros microbiológicos (Sisino, 1995). Há a nascente do Córrego Matapaca – encontrada no vale onde está o aterro – que, juntamente com as águas das chuvas e o chorume (situação que está sendo regularizada, como veremos), formam um pequeno curso d’água que atravessa os fundos de um sítio, fluindo em direção ao leste. Este córrego encontra-se mais adiante com o Rio Sapê, já em outro bairro (Santa Bárbara), o qual é utilizado na irrigação de hortas (idem). Ele segue seu caminho, passando por Matapaca, Maria Paula, alcança São Gonçalo (cidade vizinha), desaguando na Baía de Guanabara, sendo um de seus poluidores.

2.3.1. Serviços e instituições públicas

Há um posto de saúde, onde funciona o programa “Médico de família”, que provavelmente não é suficiente para a demanda da região, que se agrava pela localização do lixo, além da ausência de urbanização e saneamento básico.

Um Centro de Controle de Zoonoses (CCZ), vinculado à Vigilância Sanitária, completa o quadro dos equipamentos públicos na área de saúde. O CCZ foi inaugurado em 1988, mas efetivamente ocupado em 1991.

Com relação à educação, existe a Escola Municipal José de Anchieta, de ensino fundamental, e a Creche Girassóis, destinada aos filhos dos catadores, que recebe alguma ajuda da Clin, da Fundação Municipal de Educação através do pagamento dos recursos humanos, além de doações particulares. Esta creche situava-se em condições precárias em uma casa dentro da área do aterro, mas um pouco afastado do lixo. No ano de 2004 ela foi transferida para um prédio novo, construído para este fim, em um terreno em frente ao aterro, mas fora de sua área.

Há também um projeto da Secretaria de Cidadania e da Ação Social, da Prefeitura, que funciona no âmbito do Programa de Erradicação do Trabalho infantil (PETI), e da campanha “Criança no lixo nunca mais”, do Fórum Nacional Lixo e Cidadania. Esta campanha será detalhada no capítulo 3. O projeto se chama “Projeto Chico Mendes” e funciona em um galpão cedido pela Clin. Tem como objetivo oferecer atividades para as crianças nos horários em que não estão na escola, para que não frequentem o lixão. Lá eles têm aulas de capoeira, dança, pintura, entre outras, e recebem uma bolsa escola (até os 14 anos) e bolsa Agente Jovem (dos 14 aos 16).

A área é atendida por apenas uma linha de ônibus, escassa, que circula em intervalos de cerca de trinta minutos a uma hora, dificultando o acesso.

2.4. O aterro

Como visto, o destino final do lixo coletado em Niterói é, desde 1983, o Aterro do Morro do Céu, no bairro do Caramujo. O vazadouro começou como um lixão a céu aberto, sem nenhuma preocupação com impermeabilização do solo, gases gerados ou chorume. Quando a Clin foi fundada, em 1989, foram tomadas uma série de providências para minimizar os efeitos do lixão, procurando, segundo o atual secretário municipal de meio ambiente (Tecnologia, op.cit.), transformá-lo em um aterro semi-controlado.

Com o esgotamento da área original do lixão, através da Clin houve a expansão do aterro. Na área original o lixo passou a ser compactado e coberto e nas novas células que foram se formando foram feitas também a drenagem do chorume e dos gases. Porém o chorume ficou muitos anos, até 2004, sem tratamento, sendo despejado no córrego Matapaca e, como já dissemos, indo parar na Baía de Guanabara. Atualmente o chorume está sendo captado por carros-pipa e levado para Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) de Toque-Toque, no centro da cidade. Ainda segundo o atual secretário de meio ambiente (*idem*), da produção diária de 150 m³ de chorume, 110 m³ são tratados.

Hoje os resíduos são espalhados, compactados e recobertos com uma camada de saibro. As informações sobre a quantidade de resíduos são conflitantes. Segundo a Clin, em sua página na internet (Clin, 2005), chegam, por dia, uma média de 470 toneladas de detritos. Outras fontes informam números um pouco diferentes, por exemplo, 450 ton./dia (Tecnologia, 2004) e até 757 ton./dia (Panorama, 2005).

O Aterro está a sete quilômetros do Centro da cidade, com distância média de 12 quilômetros dos Distritos de Limpeza, ficando a menos de 20 quilômetros da área mais remota da cidade e sua área atual e de 200 mil metros quadrados (Clin, *op.cit.*). Em uma publicação da Secretaria de Urbanismo e Meio Ambiente (Niterói, 1992) encontramos que a área do vazadouro é de aproximadamente 80.000 m² (diferença que se deve, muito provavelmente, às expansões a que o aterro já sofreu – Dib-Ferreira, *op.cit.*) e que sejam gerados cerca de 550 ton/dia de resíduos sólidos. Ainda nesta publicação encontramos que “a produção de chorume pela carga de 550 ton/dia é da ordem de cerca de 40 m³ ao dia”.

Com uma ação do ministério Público que determinava o fechamento do aterro ao final de 2004, a prefeitura conseguiu recentemente um adiamento deste prazo através de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) que estenderá o fechamento para abril de 2006. Segundo Damasceno (2005), o acordo prevê a apresentação de uma nova área para abrigar o aterro sanitário da cidade (com capacidade para receber as 700 toneladas diárias de lixo) e a construção de 4.500 metros de tubulação para levar cerca de 150 mil litros de chorume diariamente para uma Estação de Tratamento de Esgotos (ETE). A prefeitura ainda estuda a possibilidade de um consórcio com São Gonçalo, cidade vizinha, para a construção do aterro neste município.

2.5. A Escola Municipal José de Anchieta

A Escola Municipal José de Anchieta foi inaugurada em 1977, portanto antes da lixeira. O terreno da escola foi doado por uma antiga moradora da região (que vive lá até

hoje), que era dona de um grande sítio que foi loteado. A escola começou com turmas pequenas, atendendo apenas até a 4ª série e hoje atende da alfabetização até a 8ª série (no sistema do município, do 1º ao 4º ciclos, ou do 1º ao 9º ano). Com o passar dos anos e o crescimento da região, até as relações dos alunos com a escola mudaram. A região toda era utilizada para passeios e pequenas excursões com os alunos, atividades hoje difíceis, senão impossíveis de realizar (Dib-Ferreira, op.cit.).

A escola se situa perto do aterro. A área externa da escola é espaçosa, o prédio está no centro do terreno e a sua volta tem um pátio, uma quadra de esportes e outras áreas livres, onde os alunos ficam no recreio. As salas de aula têm poucos recursos visuais. A sala de leitura, como é chamada a biblioteca, é pequena e tem, em sua maioria, livros didáticos, além de poucos livros de literatura para os alunos.

São cerca de 600 alunos divididos em dois turnos, manhã e tarde. No primeiro turno funcionam os ciclos 2, 3 e 4 (da 3ª a 8ª séries). No segundo estudam os alunos do 1º ciclo (Alfabetização, 1ª e 2ª séries). Há professores muito antigos, entre 20 e 25 anos de magistério sendo, inclusive, sua primeira escola desde a entrada na rede de ensino, e professores novos, com 5 ou 6 anos nesta escola.

2.6. Os alunos

Os alunos que freqüentam a Escola são, em sua maioria, aqueles das famílias pobres, que moram em casas e que vivem do lixão. Foram trabalhadas redações com alunos do 3º ciclo (6º e 7º anos, respectivamente 5ª e 6ª séries), com idades médias de 11 a 15 anos. Grande parte mora no local há muitos anos, tendo freqüentado a escola desde os ciclos anteriores. Embora não faça aqui uma análise mais aprofundada nesta questão, podemos afirmar que há alunos com bom rendimento escolar, enquanto a maioria é regular e outra parte tem maiores dificuldades. Muitas vezes este aspecto é observado na distribuição das turmas, o que faz com que tenham turmas com melhores rendimentos do que outras.

CAPÍTULO 3

CRIANÇA NO LIXO NUNCA MAIS

Segundo dados do IBGE, 5,5 milhões de crianças e adolescentes trabalham no Brasil (IBGE, 2001 e Prioridade Absoluta, 2003). Destes, cerca de 45.000 trabalham na catação de lixo, segundo pesquisa da Unicef – Fundo das Nações Unidas para a Infância, feita em 1998 (Abreu, 2002). O Unicef trabalha pela erradicação do trabalho infantil no Brasil desde 1994 e em 1998 tomou a iniciativa de inserir a erradicação do trabalho infantil com o lixo como uma de suas prioridades de ação.

Esta questão começou a ser tratada a partir de um fato supostamente ocorrido no lixão de Aguazinha, em Olinda, em 1994: várias crianças que trabalhavam lá foram hospitalizadas com intoxicação alimentar. Suspeitou-se na época que eles haviam ingerido carne humana do lixo hospitalar que era depositado no lixão. Este fato aparece em algumas fontes, como exemplo Abreu (idem) e na página da internet Prioridade Absoluta (op.cit.):

A iniciativa desse Programa (Lixo e cidadania, descrito mais abaixo) foi do UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância e Adolescência), que se envolveu com a questão do lixo a partir de 1994, por um fato que comoveu o país. Várias crianças que trabalhavam no lixão de Aguazinha, em Olinda-PE, foram hospitalizadas com intoxicação por terem ingerido lixo. Suspeitava-se que havia carne humana no lixo hospitalar que era depositado a céu aberto, com os demais resíduos da cidade. Iniciou-se, então, a participação do UNICEF na busca de soluções para o problema de milhares de crianças que, junto com suas famílias, sobrevivem do que colhem nos lixões do Brasil. (Prioridade Absoluta, op.cit.)

O envolvimento do UNICEF com a questão do lixo se deu a partir de um fato que comoveu o País e que ocupou o noticiário internacional. Várias crianças que trabalhavam no lixão de Aguazinha, em Olinda, em 1994, foram hospitalizadas com intoxicação alimentar. Suspeitava-se que haviam ingerido carne humana do lixo hospitalar que era depositado no lixão, junto com os demais resíduos da cidade. A iniciativa do UNICEF foi decisiva para trazer para a discussão pública o problema do lixo, até então não assumido pelos dirigentes do País. (Abreu, 2002, p.3)

Constatando a complexidade e a amplitude da questão, o Unicef procurou implementar um grande movimento no país. Visto a diversidade de aspectos relativos ao trabalho infantil no lixo, a solução dependeria da conjunção de vários fatores: políticos,

técnicos, culturais, econômicos, legais, e envolveria diversas áreas: social, saúde pública, saneamento, educação, cultura.

A atuação igualmente deveria se dar nos níveis nacional, estaduais e locais, e envolvendo diversas entidades, entre o setor público e a sociedade civil. As experiências pontuais e isoladas de diversos órgãos e instituições por todo o país inspiraram o Programa Nacional Lixo & Cidadania (Abreu, op.cit.).

Em junho de 1998 foi criado no Brasil então, o *Fórum Nacional Lixo & Cidadania*, participando inicialmente 19 instituições, composto hoje por 56 entidades, entre órgãos governamentais, ONG's, entidades técnicas e religiosas, que atuam em áreas relacionadas à gestão do lixo urbano e na área social. O Fórum nasceu com os objetivos de erradicar o trabalho de crianças e adolescentes no lixo, inserir socialmente e economicamente os catadores, através de programas de coleta seletiva, reutilização e reciclagem de lixo e mudar a forma de destinação de lixo no Brasil, erradicando lixões, recuperando as áreas degradadas e implantando aterros sanitários (Abreu, op.cit.).

Para atingir os objetivos, o Fórum Nacional tem como estratégias: a articulação das ações e das instituições no âmbito nacional, o incentivo à criação de fóruns estaduais e municipais, o envolvimento do Ministério Público e a articulação com os agentes financiadores. Considerava-se que os poucos recursos disponíveis deveriam ser aplicados de forma mais eficiente, condicionando a liberação de recursos ao atendimento de critérios sociais, alinhados ao objetivo de retirar as crianças dos lixões (Abreu, op.cit.).

Iniciaram-se então, o desenvolvimento de algumas ações, tais como a pesquisa e levantamento de dados sobre os serviços de limpeza urbana no Brasil, a comunicação e divulgação do programa junto aos possíveis parceiros – municipalidades, associações, ONGs, governos estaduais e sociedade em geral – e campanha de bolsa escola para as crianças, como substituição da renda do lixo (Abreu, op.cit.).

Um ano depois, em 1999, as entidades participantes do Fórum se comprometeram à implantar o *Programa Nacional Lixo & Cidadania*, quando foi lançada também a campanha “*Criança no lixo nunca mais*”, que tem como objetivo erradicar o trabalho infantil no lixo em todo Brasil.

Hoje o Fórum Nacional vem atuando em algumas frentes, além das já citadas: mobilização nacional, estimulando a implantação dos fóruns estaduais e municipais; identificação, apoio e divulgação de experiências bem sucedidas; capacitação dos diversos atores responsáveis pela implantação dos projetos; abordagem de direitos junto à procuradoria e às promotorias da infância e do meio ambiente.¹⁰

¹⁰ Fonte: http://www.lixoocidadania.org.br/lixoocidadania/forum/fn_index.htm (acesso em 15/01/05)

Segundo Abreu (op.cit.)¹¹, 46.742 crianças deixaram de trabalhar no lixo e estão recebendo auxílio financeiro (bolsa escola), prioridade para estas crianças do PETI, da Secretaria de Ação Social (SEAS) do Ministério da Previdência e Assistência Social e também da ONG Missão Criança, entidades parceiras no Fórum Nacional Lixo & Cidadania.

Além deste número, outros aspectos foram apontados como êxitos do programa, como por exemplo: os Termos de Compromisso de Ajustamento de Conduta (TCAC), que devem incluir medidas de proteção às crianças e apoio aos catadores; os financiamentos condicionados à assinatura de compromisso para erradicação do trabalho infantil com lixo e a Plano Social para os catadores; a articulação nacional dos catadores; o reconhecimento da profissão de catador pelo Ministério do Trabalho e Emprego; a ampliação do número de aterros licenciados; o crescimento do Fórum Nacional, que passou a ter 56 instituições; e o fato de mais de 2.500 municípios aderirem ao Programa (Abreu, op.cit.).

Porém, além das conquistas, foram também apontadas as dificuldades do programa: manter as crianças longe do trabalho, pois a eficácia da bolsa é limitada; problemas com o fluxo de recursos; não há solução para férias, noites, fins de semana, crianças de 0 a 6 anos e para adolescentes de 16 a 18 anos; a aceitação da criança na escola e a inclusão educacional; o fechamento de um lixão não é tarefa fácil, inclusive por conta das muitas atividades e interesses estruturados em torno do lixão e a sua informalidade, que facilita práticas ilegais; o processo de organização dos catadores é complexo e lento, com uma cadeia de exploração do trabalho; os próprios catadores têm dificuldade em aceitar o trabalho em associação ou cooperativa; falta capacitação, cultura técnica, política e sustentabilidade financeira (Abreu, op.cit.).

Atravessando estes problemas, o Fórum propõe alguns desafios; entre outros: escola pública de qualidade para todas as crianças e adolescentes; acesso a programas de saúde, nutrição, lazer, proteção integral; integração dos catadores nas discussões da gestão de resíduos sólidos, com linhas de crédito especiais para os catadores; ampliação da capacidade técnica dos estados e municípios; desenvolvimento de linhas de pesquisa voltadas para a gestão dos resíduos sólidos; a ampliação do alcance do Programa e o monitoramento das ações (Abreu, op.cit.).

Como nos aponta Abreu (idem), apesar do número de bolsas distribuídas e, conseqüentemente, de crianças que saíram do lixo serem maior do que o número estimado de crianças que lá trabalhavam em 1999, não se pode dizer que o trabalho infantil nos lixões foi

¹¹ Informações encontradas também, de forma resumida, em apresentação no programa PowerPoint disponível em http://www.lixoecidadania.org.br/lixoecidadania/forum/fn_index.htm (acesso em 14/01/05)

erradicado. Supõe-se então, que o número de crianças seja bem maior. As informações sobre esta questão são muito difíceis de serem produzidas corretamente, pois este universo é muito instável e mutante. O PETI, continua a autora, não atinge as crianças que ainda não estão em idade escolar, o que muitas vezes as obriga a acompanharem os pais.

Além disso, a distribuição das bolsas foi extremamente desigual (sem citar o motivo): as regiões Sudeste e Centro-oeste receberam, até 2002, mais do dobro de bolsas do que o número de crianças estimado pela pesquisa do Unicef em 1999, e a Região Nordeste, por outro lado, tem um déficit de mais de 50% de bolsas.

Por esta análise já se tem a certeza de que nem todas as crianças que trabalham no lixo receberam auxílio financeiro para largar esta atividade. Porém, indo além disso, o acompanhamento da situação das crianças que se beneficiaram com as bolsas também é praticamente inexistente. Não se sabe como estão as crianças que estão recebendo as bolsas, o seu desempenho escolar ou mesmo se estão sofrendo algum tipo de discriminação ou violação em seus direitos pelo fato de terem saído do lixo.

Sabe-se que apenas a distribuição de bolsas não é garantia para a erradicação do trabalho infantil. A renda das famílias, com garantias de trabalho e plena cidadania é fundamental. Diante destes fatos, a autora nos diz que “o desafio, portanto, é garantir às crianças escola pública de qualidade, acesso a programas de saúde e nutrição, ao lazer, à informação e à proteção integral”.

3.1 Impressos

O “Programa Lixo & Cidadania” desenvolveu para a campanha “Criança no lixo nunca mais” uma série de publicações com o intuito de ajudar os municípios a enfrentarem o problema¹². São elas:

100 PERGUNTAS E RESPOSTAS QUE TODO MUNDO PRECISA SABER SOBRE A BOLSA ESCOLA - Publicada pela Missão Criança com resposta às várias indagações sobre a bolsa escola.

COLETA SELETIVA - 22 experiências de coleta seletiva em todo o Brasil, preparado pelo Instituto Pólis. Relatos de programas desenvolvidos em Angra dos Reis (RJ), Ribeirão Preto (SP), Belo Horizonte (MG) e em um condomínio comercial em S. Paulo.

¹² Fonte: <http://www.lixoecidadania.org.br/lixoecidadania/publicacoes/index.htm> e Abreu, 2002.

MANUAL DO PROMOTOR - Preparado pelo Ministério Público Federal, fala sobre reciclagem e explica a importância de parcerias com os catadores. Traz indicações de lei relativas aos temas crianças e meio ambiente. Propõe um Termo de Compromisso a ser firmado entre o Ministério Público as prefeituras.

CRIANÇA, CATADOR, CIDADÃO - Preparado pelo UNICEF, é a reunião de experiências de prefeituras como Olinda (PE), Manaus (AM), Rio Branco (AC), Petrolina (PE), Palmeira dos Índios (AL). Contém as metas dos projetos para tirar as crianças do trabalho no lixo e melhorar a gestão dos resíduos sólidos, os erros e os acertos de cada município.

MANUAL DE FINANCIAMENTO - Escrito por técnicos do Ministério do Meio Ambiente, ensina a obter recursos e empréstimos para programas de gerenciamento de lixo e de capacitação de profissionais para a área.

MANUAL DO CATADOR - Curso completo de capacitação de catadores de lixo. Dicas sobre como estimular a formação de cooperativas. Elaborado pelo Compromisso Empresarial para a Reciclagem (CEMPRE).

GUIA METODOLÓGICO - Guia Metodológico para a formação de Fóruns Municipais Lixo e Cidadania.

DO LIXO À CIDADANIA: ESTRATÉGIAS PARA A AÇÃO

Esta é a mais nova publicação do Fórum Nacional Lixo e Cidadania "Do Lixo à Cidadania: Estratégias para a Ação", produzido pelo Unicef e Caixa Econômica Federal.

3.2 O Projeto em Niterói

Niterói também participa da campanha “Criança no lixo nunca mais”. Segundo folheto publicitário do projeto (Prefeitura, s/d), o objetivo da campanha é “atender aos preceitos emanados pelo Estatuto da criança e do Adolescente na garantia de mínimos direitos de cidadania à população infanto-juvenil”. Na publicação vem citado um artigo do referido estatuto:

*Art. 4º – Estatuto da Criança e do Adolescente
“É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à*

saúde, à alimentação, à educação, ao esporte e ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”.

Continuando,

o objetivo do Projeto ‘Criança no Lixo Nunca Mais’ é reforçar as redes de parcerias intramunicipais voltadas para o atendimento das crianças e adolescentes e sua reinserção ao convívio familiar, aumentando seu vínculo com a escola para efetivamente retirá-las do trabalho no lixão.

E explica como funciona:

Uma equipe de educadores sociais estará permanentemente próxima do universo em que vivem as crianças e adolescentes e desenvolverá atividades lúdicas, sócio-educativas e culturais, no período em que as mesmas estiverem fora do horário escolar. Além disso, o Projeto oferece reforço alimentar e, em estreita parceria com a rede municipal de educação, atua pela permanência da criança na escola.

Por fim, oferece telefones para quem quiser acompanhar o desenvolvimento do projeto, dá a conta corrente para quem quiser fazer doações, e diz que também pode-se aderir ao projeto participando das atividades a serem oferecidas.

O projeto em Niterói se baseia no “Centro de Cidadania Chico Mendes”, um galpão onde as crianças ficam, em horário alternativo ao da escola, e recebem aulas de capoeira, futebol, dança de salão, basquete e também recebem almoço (Palmeira, 2002). O projeto começou no final de 1999, mas iniciou as atividades no centro de cidadania em 2000. Inicialmente havia 150 crianças, hoje conta com cerca de 320. As crianças em idade escolar recebem a bolsa-escola do PETI, e as que fazem 14 anos até os 16 recebem a bolsa do projeto Agente Jovem.

CAPÍTULO 4

PERCEPÇÃO TÉCNICA, DO HOMEM COMUM, DA MÍDIA

A preocupação com o meio ambiente e com as conseqüências que as atividades humanas têm sobre este são, relativamente, muito recentes. É a partir da década de 60 que os efeitos da intensa exploração dos recursos naturais e a degradação da qualidade de vida são amplamente denunciados. Este debate teve início a partir de entidades conservacionistas, criadas com o objetivo de proteger o ambiente natural, a fauna e a flora.

Segundo Soffiati, (1995. p.85):

Os contornos do movimento ecologista (...) mundial e brasileiro começaram a se delinear com mais clareza na década de 70, em função do aprofundamento da crise ambiental global pelas sociedades industrializadas e suas dependentes, quer capitalistas ou socialistas, a partir de 1945.

Porém, a crise ambiental que estamos sofrendo agora vem sendo historicamente construída. Desde que existe vida na Terra, esta existe superando crises, modificações e transformações na natureza, mas sempre encontrando mecanismos de superação. Diversas revoluções, contudo, vêm acentuando-a, como a gênese do capitalismo e da burguesia e sua tendência em transformar tudo em mercadorias, no final do século XI. Temos também a expansão marítima e comercial dos séculos XV e XVI, quando começa a história do uso indiscriminado dos recursos da natureza neste continente, passando ainda pela Revolução Científica do século XVII, que confere à natureza um caráter mecanicista, retirando-lhe os últimos vestígios de sacralidade. Por último, a Revolução Industrial, que considerava a natureza um estoque inesgotável de recursos (matéria-prima e energia), com capacidade também inesgotável de recuperação e de absorção dos resíduos (Soffiati, op.cit., p.75). Com a universalização do sistema de produção iniciado neste período, “em definitivo, instituíam-se o assalto à natureza, a pilhagem aos recursos naturais renováveis e não-renováveis que geraram a crise ambiental sem precedentes que a humanidade enfrenta” (idem, p. 79).

A partir da constatação dos efeitos desta revolução, os movimentos ambientalistas começaram a surgir em contraposição à idéia do desenvolvimento à qualquer custo. Em 1948

houve a criação da União Internacional para a Proteção da Natureza (IUPN), fundada pela Organização das Nações Unidas (ONU), transformada em 1952 em União Internacional para a Conservação da Natureza e Recursos Naturais (IUCN). Depois, em 1958, tivemos no Brasil a criação da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza (FBCN) e em 1961, a criação do Fundo Mundial para a Vida Silvestre (WWF) (Vieira, 2000). Temos em 1962 o lançamento do livro *Primavera Silenciosa*, da jornalista americana Rachel Carson, que denuncia uma série de desastres ambientais causados pelos setores industriais. Em 1968 é realizada a Conferência Internacional da Biosfera, em Paris, promovida pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e, neste mesmo ano, a criação do Clube de Roma, constituído por 30 especialistas de diversas áreas para discutir a crise da humanidade.

O Clube de Roma publica em 1972 o relatório “Os limites do crescimento econômico”, onde questiona os modelos de desenvolvimento econômico adotado, condenando a busca incessante do crescimento da economia a qualquer custo, indicando que o crescente consumo geral levaria a humanidade ao colapso (Vieira op.cit.). Outras conferências e encontros internacionais aconteceram, com o intuito de discutirem-se os problemas ambientais enfrentados pela humanidade e a busca de soluções, como a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, em Estocolmo (Suécia), em 1972, e a Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento e Meio Ambiente, (CNUMAD), no Rio de Janeiro, em 1992, por isso conhecida como RIO92.

O Clube de Roma publica também, em 1987, o relatório “Nosso Futuro Comum”, conhecido como Relatório Brundtland, que cunha o termo “desenvolvimento sustentável” – segundo Alier (1998), um outro nome para o crescimento econômico. O relatório, segundo este mesmo autor (idem, p. 99), faz entrar na moda a idéia de que a pobreza degrada o ambiente. De fato, logo no prefácio da presidente da comissão (Comissão, 1987, p. XIV), temos:

Esses vínculos entre pobreza, desigualdade e deterioração ambiental foram um dos principais temas em nossa análise e recomendações. O necessário agora é uma nova era de crescimento econômico – um crescimento convincente e ao mesmo tempo duradouro do ponto de vista social e ambiental.

E na página 4:

(...) muitas formas de desenvolvimento desgastam os recursos ambientais nos quais se deviam fundamentar, e a deterioração do meio ambiente pode prejudicar o desenvolvimento econômico. A pobreza é uma das principais causas e um dos principais efeitos dos problemas ambientais do mundo.

Como percebemos, a pobreza é a culpada, neste relatório, pelas principais mazelas ambientais e, por conta disso, devemos procurar erradicá-la com crescimento econômico - como já falado, apelidado de “desenvolvimento sustentável”.

O desgaste do meio ambiente foi com frequência considerado o resultado da crescente demanda de recursos escassos e da poluição causada pela melhoria do padrão de vida dos relativamente ricos. Mas a própria pobreza polui o meio ambiente, criando outro tipo de desgaste ambiental. (Comissão, op.cit., p. 30)

Fato que Alier (op.cit.) contesta, argumentando que, na verdade, a grande fonte de degradação ambiental vem justamente dos países mais ricos e sua demanda por mais matéria-prima e energia, muitas vezes vindas de outros países, mais pobres, e que o foco estaria então, na redistribuição de riquezas. Não exatamente no crescimento econômico desenfreado, que nunca seria sustentável nas bases atuais dos países ricos.

Através deste pequeno histórico chegamos hoje à discussão atual sobre o meio ambiente. Os diversos meios de comunicação e divulgação de notícias têm dado atenção freqüente às questões ambientais, sejam elas relacionadas às águas, ar, poluição, agricultura, desmatamentos, ou outros. Dentre eles a questão do lixo também se sobrepõe, visto ser um problema, como vimos, de certa forma mais recente, extremamente acentuado após o fim da II Guerra Mundial, estar presente em nosso dia-a-dia, em nossas casas, ser produzido diariamente e mexer com toda a estrutura de sociedade de consumo que estamos construindo.

Para este capítulo foram analisadas diversas fontes de informação, buscando-se colaborar para um panorama geral do conhecimento disseminado sobre este tema a que uma pessoa tem acesso, ao que chamarei de “discurso oficial”, que se refere aos impressos: revistas, folhetos, o discurso da mídia, as campanhas oficiais contra o lixo, a sujeira, os projetos e programas de reciclagem, entre outros. Não houve pesquisa bibliográfica ou procura das publicações, procurei apenas coletar e analisar algumas das que tive acesso normalmente, no dia-a-dia. Faço uma pequena descrição de cada texto e alguns comentários sobre os mesmos. Outras fontes estão citadas e também analisadas dentro do corpo do texto, nos demais capítulos.

4.1 O lixo visto pelos meios de comunicação

4.1.1 Revistas

Nesta categoria estão incluídas publicações periódicas de caráter informativo. Sisino e Moreira (1999) discorrem sobre o que é o lixo (composto de “objetos utilizados no dia-a-

dia”) e explicam quais são os tipos que existem, pois “o lixo produzido em outros lugares, em hospitais, por exemplo, não é composto exatamente das mesmas coisas que o lixo de uma casa”. Falam que o lixo se for acumulado em um mesmo lugar, sem qualquer controle, é conhecido por lixão: “esses depósitos são focos de sérios problemas para o meio ambiente e para a saúde das pessoas”, e discorrem sobre os problemas que pode causar se for depositado desta forma: a poluição do ar pelo biogás, que tem o metano e este, por ser inflamável, provoca fogo nos lixões, provocando mais poluição; o cheiro desagradável e a poeira que provoca problemas respiratórios e doenças de pele. Citam também a poluição das águas, o chorume e do perigo deste contaminar os vegetais: “Ai daquele que comer algum legume ou verdura poluídos pelo chorume! Pode ter diarreia ou, em casos mais graves, até parar no hospital”. Falam dos vetores que os depósitos de lixo atraem, que podem causar doenças: diarreia, malária, dengue, febre amarela, leptospirose, toxoplasmose.

No final do artigo – “O que fazer?” – dizem que o problema tem solução “ou melhor: soluções”, citam e explicam então, algumas delas, nesta ordem: reciclagem, compostagem, incineração e aterros sanitários. Qualquer pessoa pode colaborar:

pequenas atitudes como jogar sempre o lixo na lixeira, diminuir o desperdício (de comida, por exemplo) e pensar na reutilização dos objetos e na reciclagem de alguns materiais devem fazer parte do dia-a-dia. Jogar lixo no chão, por exemplo, dificulta o trabalho dos garis e pode entupir os bueiros, gerando enchentes quando a chuva cair.

Em Carvalho (2003) temos a matéria “o útil que vem do lixo”, com a chamada no sumário: “A reciclagem de objetos utilizados uma segunda vez”. É apresentado o trabalho feito nas escolas municipais do Rio de Janeiro por dois projetos da prefeitura. Na introdução, a frase “desde cedo, os alunos estão aprendendo a importância da preservação do meio ambiente” vêm seguida da notícia que, em uma determinada escola, os alunos recolhem latinhas e garrafas plásticas e trocam por televisão, computador, ventilador ou copiadora, além de haver concursos para ver qual turma recolhe o maior número de latas e garrafas, ganhando um passeio como prêmio. A escola participa do Projeto Escola, da Tomra-Latasa, em que as latas de alumínio e garrafas de Pet são trocadas por uma “moeda” chamada *recicles*, que por sua vez são trocadas, após determinada quantidade, pelos objetos escolhidos.

A autora descreve objetos de arte feitos pelos alunos e alguns depoimentos dos mesmos, como por exemplo, um para quem a reciclagem serve como sustento: “dá par ganhar dinheiro recolhendo jornais e latas”. Representantes da Secretaria de Educação comentam, contudo, que mais importante do que a própria reciclagem é ensinar o aluno a não desperdiçar e que o objetivo é tentar frear a onda de consumismo exacerbado.

Continua a matéria com notícias de trabalhos de arte feitos com lixo, pessoas que ganham dinheiro recolhendo garrafas e latas e sobre os pontos de coleta seletiva nas escolas. Dá o exemplo de um gari que confecciona pufes de garrafas Pet, exemplos de “alunos responsáveis que preservam o meio-ambiente”, e em “histórias de quem vive do lixo”, a história de uma desempregada que recolhe lixo para trocar por feijão, pois “na sua comunidade, garrafas Pet, latas e material reciclável viram moeda própria – o *ecoreal* (ER\$). E cem latinhas valem um quilo de feijão”.

Pequenas notícias são dadas na coluna “Você sabia?”; entre outras: “a reciclagem de latas de alumínio no Brasil cresce 10% ao ano”, “cerca de 150 mil pessoas tiram o sustento da coleta de latas de alumínio”, “escolas, instituições beneficentes, igrejas, aposentados e donas de casa se somam à figura dos catadores”.

Na base da página, também pequenas notícias: “Veja só o que a reciclagem faz: promove o aumento de renda em áreas carentes; é fonte de renda para mão-de-obra não especializada; colabora no crescimento da consciência ecológica; propicia uma agressão menor ao meio ambiente; beneficia entidades assistenciais, como igrejas e escolas”, entre outras.

Em Brasil (2003), temos uma matéria sobre lixo que procura, a princípio, ser mais técnica, mostrando diversos números do lixo no país. Sob o título “Brasil sujo, porque as crianças trocam a escola pelo lixo?” cita a pesquisa do Unicef (que também aparece em Abreu, op.cit.), elencando dados sobre o trabalho infantil no lixo no Brasil. Em um quadro também apresenta alguns números da pesquisa e a forma em que foi feita:

Quando lançou a campanha “Criança no lixo nunca mais”, o Fórum Nacional Lixo e Cidadania enviou a todos os 5,5 mil prefeitos brasileiros, um questionário procurando saber como eles gerenciavam a questão do lixo em suas cidades.

Uma tabela nos mostra que foram respondidos e computados 1.360 questionários. Em outro quadro “A salvação pelos 3 R’s”, é afirmado que “a nova ordem mundial é diminuir o lixo através da adoção, já em marcha no Brasil, do princípio do 3 R’s: Reduzir + Reutilizar + Reciclar.” Porém, na frase seguinte, inicia a informação sobre reciclagem: “Hoje em dia, pode ser reciclado praticamente tudo”. Depois de falar dos benefícios da reciclagem, lembra: “O ecologicamente correto hoje não é tão somente tratar o lixo, mas evitar a sua produção desnecessária”.

Continuando esta série, em um artigo na mesma revista, intitulado “Aterros sanitários, você tem idéia do que acontece com o lixo que você gera?”, McLennan (2003) cita alguns problemas que os aterros podem causar, como a produção de “gases nocivos”.

Um dos principais componentes desses gases é o gás carbônico (CO₂), causador sobremaneira do efeito estufa (...). O outro tipo perigoso de gás gerado nos aterros sanitários, é o metano (...) como gás de efeito estufa, é 20 vezes mais potente do que o CO₂. E são exatamente os aterros sanitários que recebem lixo urbano e doméstico, as maiores fontes de geração do metano.

Comenta que os gases gerados podem trazer vários problemas ambientais, de saúde e de odor. Inclusive algumas substâncias podem provocar câncer, como o benzeno e o cloreto de vinil. Termina com as informações de que os problemas podem ser minimizados com um sistema de coleta e controle (como queima e liberação). Como lembrança, é bom ressaltar a necessidade de haver esta coleta e controle para ser considerado um aterro sanitário.

De forma diversa destes, outro artigo, ainda nesta revista, intitulado “Nova York – Capital mundial do lixo” (Brown, 2003) trata de maneira diferente a problemática do lixo. Expõe a questão da cidade, que produz diariamente 11 mil toneladas de lixo, propondo que o problema está na economia do descarte, ou seja, a cultura dos produtos e embalagens descartáveis, que geram enorme quantidade de lixo. “É fácil esquecer quantos produtos descartáveis existem até que comecemos, efetivamente, a listá-los”. E recomenda:

O desafio que enfrentamos, hoje, é substituir a economia do descarte pela economia da redução/reutilização/reciclagem (...) Para cidades como Nova York o desafio é, em primeiro lugar, menos o que fazer com o lixo e mais como evitar sua produção.

Embora fale sobre reciclagem, também dá ênfase à diminuição da produção, basicamente falando sobre os descartáveis, citando como solução a proibição da embalagem de refrigerantes descartáveis e o uso dos retornáveis. Cita o exemplo da Alemanha, que obtém 72% do seu papel de fibras recicladas e fala da compostagem como forma de devolver nutrientes ao solo. Por fim, dá a idéia de aplicar um imposto sobre todos os produtos descartáveis.

Há também, na revista, um quadro que fala do “Fórum Nacional Lixo e Cidadania” e a Campanha “Criança no lixo nunca mais”. Segundo a secretária-executiva, “o papel permanente do Fórum é favorecer a discussão e apresentar soluções para os problemas, interferindo, inclusive, nas políticas públicas do país. É fazer com que as pessoas se indignem e queiram mudanças”.

Mesmo em publicações para leitores tão específicos como os fiéis de uma determinada religião, artigos sobre meio ambiente e lixo em particular, estão presentes. Em Bessa (2004), no artigo “Lixo tem solução”, logo na chamada a reutilização do lixo é apontada como solução, pois diz que “a reutilização de todo este lixo (que o Brasil produz) alivia o meio

ambiente, economiza energia, gera emprego e ainda faz moda”, o que nos remete, novamente, ao senso comum das vantagens da reciclagem.

No primeiro parágrafo dá o exemplo de uma catadora que vive “do lixo que produzimos” há 22 anos, quando a autora diz que este lixo deveria servir à

cooperativas de lixo reciclados ou usinas de reciclagem, o que absorveria de forma digna a mão-de-obra destas pessoas, já acostumadas a conviver com comida em decomposição, urubus, ratos e materiais hospitalares, o que pode causar infecções.

Segundo o artigo, “o primeiro passo para mudar esse perfil é a conscientização ambiental e agora, também, econômica”. Por esta última questão, fica mais evidente, segundo a autora, a necessidade e importância da reciclagem.

Mais uma vez então, no corpo da matéria, o assunto é a reciclagem, dando como exemplo os números da economia da reciclagem da lata de alumínio, tanto com a energia quanto com a bauxita. Oferece dados e informações da maior fabricante de latas de alumínio do Brasil, a qual “contribuiu para que o país assumisse o maior índice de reciclagem de lata de alumínio do mundo”, quando 87% de todas as latas produzidas no Brasil tiveram origem na reciclagem. Outro exemplo dado é em relação à coleta e reciclagem das garrafas Pet, área que a empresa também começa a explorar. Máquinas de recepção de garrafas Pet foram instaladas, segundo a matéria, em supermercados no Rio de Janeiro para que as pessoas depositem o material e recebam um vale-compra para ser trocado por arroz ou feijão (cada garrafa vale dois centavos). E comenta sobre um gari que junta latas e garrafas enquanto trabalha para trocá-los por vales ou dinheiro.

Em uma pequena nota dá exemplo de trabalhos de arte com Pet, sacos de cebola e embalagens de longa-vida e em outra afirma que

Recursos como água e energia são cada vez mais escassos e as grandes metrópoles não têm dinheiro para investir em coleta e criar novos aterros. Se não aumentar o índice de redução, reutilização e reciclagem e diminuir o desperdício, há o risco de acontecer um ‘apagão do lixo’ e a falta de água.

Em Lixo (2001), temos notícias de um seminário que debateu alternativas para o tratamento de resíduos sólidos. Depois de discorrer sobre o evento, quem participou e dar algumas das idéias debatidas, dá o exemplo de Três Rios, cidade de 80 mil habitantes que adotou a coleta seletiva e que, segundo o representante do projeto,

4 toneladas de lixo diário são recicladas gerando uma receita mensal de R\$ 103.824,00. (...) O projeto que começou com o auxílio do poder municipal é hoje

totalmente auto-sustentável (...) 40% da renda do projeto é revertida para o hospital do município.

Mahler (2001) inicia tecendo considerações sobre o nível de desenvolvimento de uma sociedade e sua relação com a quantidade e qualidade de lixo produzido. Assim, “quanto mais desenvolvida a sociedade, mais resíduos sólidos por habitante são por ela produzidos”, citando como exemplos números relativos à produção de lixo na Suíça, São Paulo e Rio de Janeiro. Afirma que “educação do cidadão comum o trato com o lixo por ele produzido é um dos aspectos que precisa ser considerado”. Segue tecendo considerações sobre a importância da “consciência ecológica”, pois, segundo o autor, “se o consumidor tiver consciência de sua responsabilidade com o resíduo produzido, talvez ele pensasse duas vezes antes de comprar o produto e, desde a compra, se preocupasse com a destinação”. Ou seja, há a preocupação com o consumo, mas devido à disposição final do resíduo gerado.

Versa também sobre a importância de projetos de separação e reciclagem dos resíduos e dá o exemplo da cidade de Seattle, nos Estados Unidos, a qual é, segundo o artigo, referência mundial em programas de coleta seletiva e reciclagem. Esta cidade adotou, em 1989, um programa para os resíduos sólidos no qual teria a meta de atingir o aproveitamento de 60% de todos os resíduos coletados ou gerados em 1998, programa este focalizado na reciclagem, mas com metas também de redução. Em um quadro em destaque a frase “o lixo adequadamente manuseado pode produzir riquezas”.

A revista “**Ecologia e Desenvolvimento**” traz já na capa o que norteará o raciocínio da reportagem: a palavra “lixo” no meio do símbolo da reciclagem, as três setas, com imagens que remetem à coleta seletiva e reciclagem e a chamada “Detritos em excesso exigem tecnologia”. Cozetto (2001) inicia relacionando a quantidade de lixo ao consumo, dizendo que “quanto maior a renda, mais consumidor será o cidadão – e mais lixo vai gerar”. Ainda, que “consome-se sem qualquer preocupação com a destinação do lixo e menos ainda com a sustentabilidade dos recursos naturais”. Nos dá a estatística de que “considerando alimentos, energia e recursos naturais, o mundo já está consumindo 40% além da capacidade de reposição da biosfera”. Segue dando números do consumo no Brasil e que “somente algumas dezenas de municípios, dentre os mais de 5.500 municípios brasileiros, operam usina de compostagem (onde se separam os diversos tipos de lixo), reciclagem ou incineração”. Aqui há uma pequena confusão com os nomes e propósitos das usinas. Cita o número de 55 mil catadores no Brasil e as cooperativas de lixo.

Continua afirmando que os resíduos domésticos aumentam mais de 10% ao ano no país, que restos orgânicos compõem 60% do total e que “estima-se que o Brasil perca mais de quatro bilhões de dólares por ano por não aproveitar o material reciclável”. Termina dando

números da reciclagem das latas no Brasil e afirmando que “nos países mais avançados no tratamento dos resíduos, a coleta seletiva de lixo cumpre uma função que, aqui, é exercida pelos mais deserdados, cuja atividade se torna altamente valiosa para o meio ambiente”.

Falando sobre “A questão social”, o autor cita o vazadouro de São Gonçalo (RJ) como uma imagem dos lixões do Brasil e um dos maiores desafios dos administradores municipais. Continuando, quanto aos catadores, é grande o índice de “verminose, pneumonia, bronquite e outras doenças respiratórias”, além de doenças de pele, acidentes e problemas intestinais pela ingestão de restos de alimentos que chegam de feiras e supermercado.

Cita obras de um aterro sanitário que estaria em andamento – que visaria recuperar manguezais afetados pelo chorume – e traz falas da secretária-executiva do Fórum Estadual Lixo e Cidadania, em que afirma que a questão sanitária dos lixões envolve também a questão social dos catadores: “Auxiliar no processo de valorização desses cidadãos que lutam com dignidade e trabalho é o passo mais eficaz para a construção de uma sociedade mais justa e um país mais limpo”. O secretário municipal do meio ambiente de São Gonçalo afirma que a construção da usina de reciclagem na cidade é de responsabilidade do governo estadual e que, por não terem certeza da quantidade de pessoas que será absorvida para o trabalho, alguns catadores são contra a construção da mesma. O secretário afirma ainda que “o lixo, na verdade, dá muito dinheiro. Mas, com os atravessadores e intermediários, o catador acaba ganhando pouco, daí a miséria”.

Em um quadro neste artigo, um dos diretores da Comlurb afirma ser cético em relação à eficiência das usinas de reciclagem. Segundo ele, “as usinas não funcionam, nós estamos desativando todas as nossas”. Afirma que as usinas recuperam apenas 5% do lixo recolhido, pois estas recebem o lixo levado por caminhões compactadores, nos quais tudo é misturado, e que o caminho mais adequado para um melhor aproveitamento seria através de um programa de cooperativas de catadores.

Em outro artigo, “Ivani e Maria, A vida no lixão”, o autor trata sobre o cotidiano de duas catadoras do lixão de São Gonçalo. Segundo uma das catadoras, as pessoas vão para o lixo quando estão desempregadas e saem quando arrumam “outra coisa lá fora”. E a outra catadora afirma que já não trabalha mais, apenas seu marido, sua filha, o genro e a neta de 15 anos. Segundo o autor,

A jovem trabalha só meio expediente, pois frequenta o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti) na outra parte do dia.

Outro artigo desta série de reportagem trata da cidade de Santo André (SP) como um modelo a ser seguido pelo trabalho que realiza em seu aterro sanitário.

O segredo básico é a coleta seletiva do lixo, que impede que o material reciclável chegue ao aterro. Essa coleta seletiva diária cria renda e emprego para 200 pessoas e garante a maior duração do depósito, que recebe apenas o que não pode ser reaproveitado.

Segundo a diretora do Departamento de Resíduos Sólidos do Serviço Municipal de Saneamento Ambiental da cidade,

... o lixo passou a ser visto não só como rejeito, mas também como matéria-prima, gerando renda, através do mercado da reutilização, da reciclagem. Isto permitiu a inclusão social de pessoas desempregadas ou mesmo de quem vive desse tipo de trabalho de forma permanente.

Cita ainda os avanços tecnológicos do aterro, destacando-se também os equipamentos para o tratamento do lixo hospitalar, os quais, segundo a diretora, Santo André seria uma das cinco cidades da América Latina que tem este tipo de equipamento instalado.

Na mesma revista, artigo falando sobre a reciclagem no Brasil (Neiva, 2001) oferece números da reciclagem de vidro, de latas de alumínio e de garrafas Pet (que são comentados em outros capítulos – figura 1.1). Segundo o autor, “o principal problema enfrentado para o crescimento dos índices de reciclagem dos mais diversos materiais é a inexistência ou o funcionamento precário de programas de coleta seletiva”. Para sanar esta deficiência, continua, empresas realizam campanhas de coleta seletiva.

Por fim, o artigo comenta sobre a coleta seletiva, apontando-a como parte da solução, juntamente com a reciclagem (Bianchini, 2001), com idéias como “é imprescindível que os cidadãos criem o hábito de separar em casa o lixo orgânico do inorgânico” e “é necessário que os governos propiciem tratamento tributário especial para empresas que reciclam e comercializam materiais recicláveis, e para aquelas que utilizam os reciclados como matéria-prima na produção”.

Alves Filho (2002) traz reportagem baseada nos números divulgados pela Pesquisa Nacional de Saneamento Básico do IBGE. É uma reportagem de capa onde vê-se a pergunta “como limpar o Brasil” e tem como título “País sujo”. Comenta os números divulgados pela pesquisa, como “68,5% dos resíduos das grandes cidades são jogados em lixões e alagados e só 451 cidades fazem coleta seletiva de detritos” e “Os brasileiros produzem todos os dias 125.281 toneladas de lixo”. Comenta das doenças que esta situação pode trazer: “febre amarela, hepatite, diarreia e dengue” e outros problemas, como o transbordamento de rios pela falta de drenagem. Comenta ainda sobre a situação dos catadores, dando exemplo de

duas catadoras, mãe e filha, do município de Santana do Parnaíba, em São Paulo. Segundo o autor, a pesquisa identificou 24.340 catadores, dos quais 22% são menores de 14 anos.

Em um quadro alguns exemplos de artistas que utilizam o lixo como matéria-prima, o que “tem a dupla vantagem de preservar o meio ambiente e gerar renda”. Mas mesmo assim, diz que “apesar de tantas criações, a colaboração dos artistas para a reutilização do lixo não faz diferença considerável na reciclagem. O destaque continua sendo a coleta de latas de alumínio”. No quadro “Soluções de longo prazo”, diz que “Para o lixo, a melhor solução é a reciclagem”.

4.1.2 Material Didático

Os livros foram escolhidos aleatoriamente dentre os de Ciências aplicados no Ensino Fundamental, tomando-se o cuidado de que fizessem parte do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), aprovados pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC).

Barros e Paulino (2000) colocam ao final de vários capítulos, quadros com pequenos textos sobre reciclagem, dos quais foram retiradas algumas informações a seguir. No primeiro temos a apresentação da proposta: “Reciclagem, marca desta coleção”. Afirmam os autores que “nosso propósito é fazer com que você, sua família, seus amigos e as autoridades tomem consciência da necessidade da reciclagem”. Apresentam os símbolos da reciclagem para vários materiais e alguns exemplos das vantagens, como a economia de energia e matéria-prima. No quadro seguinte, afirmam que o lixo orgânico poderia servir de matéria-prima para ração de animais, por isto a importância da coleta seletiva e em outro, explica como se dá o processo da compostagem.

Propõem um trabalho em grupo com a introdução: “Ajudar a salvar o planeta recolhendo latas vazias (de refrigerante e outras bebidas). De quebra, ganhar dinheiro ou certos bens necessários à sua escola e família,. Como? Quando? Por quê?”. Explicam os por quês, dizem que o quando é “já!” e propõem o como: organizar campanhas para a coleta seletiva das latas, pressionando a prefeitura a ou o prefeito a “engajar-se em projetos de reciclagem de latas”, até mesmo com abaixo-assinados ou comitiva de pais, alunos e professores.

Temos a informação sobre uma usina de reciclagem de entulho em Londrina (PR) e a construção, nesta cidade, de conjuntos habitacionais com este material para moradores de favelas. Os autores exibem algumas categorias de materiais recicláveis e dizem que a reciclagem “baseia-se no princípio da preservação ambiental” e que “o desenvolvimento sustentável tem três verbos: reduzir, reutilizar e reciclar”. Dão o exemplo de um decreto na

Alemanha que responsabiliza produtores, comerciantes e consumidores pelo lixo produzido, na intenção de diminuir a quantidade.

Sob o título “Perigo: lixo!”, dizem que “além de atrair insetos e pequenos animais transmissores de doenças e poluir nossos ecossistemas, o lixo pode causar a morte do ambiente e dos seres que o habitam, inclusive o homem”. Referem-se os autores ao resíduo industrial, “um dos maiores responsáveis pelas agressões fatais ao ambiente”. Dão exemplos de acidentes ocorridos com esta classe de resíduos, inclusive ao ocorrido na usina nuclear de Chernobyl, na Ucrânia, em 1986.

Os autores afirmam que os resíduos produzidos pelas atividades humanas são denominados genericamente de *lixo* e este pode ser classificado quanto ao seu estado físico (sólido, líquido e gasoso) e quanto a sua origem. Falam sobre o plástico e sua reciclagem, afirmando, entre outras coisas, que há dificuldades em sua implementação (pois existem muitos tipos que não podem ser misturados). Afirmam que: “A reciclagem de materiais é uma das maneiras de ajudar a natureza a recompor o que o homem utilizou. **Se cada um fizer a sua parte**¹³, todos teremos condições de desfrutar dos recursos que a natureza sempre ofereceu sem cobrar nada por isso”. Ensinam a fazer compostagem em casa, em uma caixa de madeira e sobre o lixo tóxico e os cuidados que devemos ter com as pilhas e baterias.

Além destes quadros, há uma parte do texto dedicada ao lixo. Sob o subtítulo “O lixo: problemas”, dizem que a falta de saneamento básico (água encanada, sistema de esgotos e coleta de lixo) faz com que mais da metade das internações hospitalares no Brasil sejam decorrentes de doenças transmitidas pela água. Comenta sobre a coleta de lixo no Brasil (e a falta dela) e dizem o que a população pode fazer, na falta de saneamento básico, para evitar que as doenças se espalhem. Já sob o subtítulo “O lixo: soluções”, comentam sobre os problemas que traz a grande quantidade de lixo produzida (ocupação de terrenos, mau cheiro e dificuldades para coleta e destino). No final frisam: “**Lembre-se bem**: o lixo precisa ser colocado em sacos plásticos, que devem ser amarrados pela boca”.

Continuando com o tema, no subtítulo “Como tratar o lixo”, comentam sobre o aterro sanitário, incineração e reciclagem do lixo orgânico, quando dizem que “Separar as partes orgânicas e inorgânicas do lixo e dar a elas o destino próprio ao seu reaproveitamento significa *reciclar o lixo*”. Comentam em seguida sobre os catadores e sobre a coleta seletiva, citando as vantagens da reciclagem do lixo: “diminui a poluição das cidades; diminui o espaço necessário para aterros, pois o volume do lixo diminui; fornece matéria-prima para a indústria; proporciona um meio de vida a muitas pessoas”.

¹³ Este e os outros negritos ou itálicos que se seguem nas citações são originais.

Em Silva Júnior (1998, pág. 73), em um quadro mostra-se várias fotos, e uma delas é de um trator operando no lixo, com a legenda: “O **lixo** enterrado em aterros sanitários pode facilmente poluir a água do subsolo, que acaba atingindo rios ou lagoas próximos”. Como vimos, há diferenças entre um lixão e um aterro sanitário, o que seria, portanto, um equívoco: em um aterro sanitário o lixo (ou seus subprodutos, como o chorume) não podem facilmente poluir a água do subsolo. É claro que um acidente não está fora de questão, mas o aterro sanitário é construído com técnicas de engenharia para que a poluição não ocorra.

Em uma coluna intitulada “Saiba mais”, dicas de como perceber a poluição da água de um rio, lago ou lagoa. Entre elas, “a existência de lixo ou outros objetos estranhos flutuando ou à beira d’água”. Sobre a obtenção da água (op.cit., p.78), falando sobre lençóis freáticos, comenta que, entre outras coisas, “(a poluição) acontece porque as águas que se infiltram no solo arrastam para os lençóis freáticos (...) substâncias solúveis resultantes da putrefação do lixo e até esgotos não-tratados, contaminados por inúmeros microorganismos causadores de doenças”.

Sob o título “A água contaminada” (p.83), explica o que quer dizer, como ocorre e quais são as doenças transmitidas pela água: “Quando a água apresenta organismos que causam doenças em animais e no homem, dizemos que ela está **contaminada**”. E sobre o ar, segue a mesma linha de raciocínio em “O Ar contaminado”(p.150): “O ar pode estar contaminado pelos dois tipos mais comuns de microorganismos: os **vírus** e as **bactérias**”. Segue falando de diversas doenças que podem ser transmitidas pelo ar.

No capítulo sobre “Lixos e esgotos” (p.179), a introdução trata dos resíduos que a sociedade atual produz, cada vez em maior quantidade, e faz uma diferenciação: “quando sólidos, os **resíduos** constituem o **lixo** e, quando líquidos, o **esgoto**”. E continua:

A composição dos esgotos e dos lixos varia muito, de acordo com sua origem, que pode ser domiciliar ou não. Enquanto alguns são constituídos de grande quantidade de matéria orgânica, como restos de alimentos e fezes, outros podem conter substâncias nocivas (lixo industrial); outros, ainda, contaminados por microorganismos patogênicos (lixo hospitalar), que causam doenças.

Sobre “O que fazer com o lixo” (p.181), em relação à grande quantidade de lixo produzido no Brasil, diz que:

A consequência imediata disso é a escassez cada vez maior de grandes áreas disponíveis para a construção de aterros sanitários, onde o lixo é acumulado, compactado por tratores, coberto por camadas de terra e deixado em decomposição, sem prejudicar o ambiente.

E continua afirmando que “os projetos de tratamento do lixo devem ter três pontos básicos: **reduzir, reutilizar, reciclar**”. Aqui é interessante um comentário, pois em “reduzir” e “reutilizar”, o autor comenta o que é, dizendo que evita-se o desperdício. Em “reciclar”, após comentar o que é, ainda expõe as vantagens:

A reciclagem, além de reduzir a quantidade de lixo, economiza água, energia e matéria-prima. Com os projetos de reciclagem, os municípios podem criar novos empregos para as pessoas que farão a coleta seletiva, o processamento dos materiais, sua venda e a fabricação de novos produtos.

Temos também um quadro com informações sobre o acidente em Goiânia:

Em Goiás, em 1987, foi encontrada num ferro-velho uma cápsula contendo 19 gramas de um material radioativo. Esse material, que atraiu a atenção porque brilhava como purpurina, era lixo hospitalar originado de uma bomba de césio usada no tratamento de doentes de câncer. As pessoas que abriram a cápsula, além de outras que manusearam o material, sofreram lesões irreversíveis. Algumas morreram.

E vale aqui também um comentário, pois embora apontado como *lixo hospitalar*, esta cápsula contendo material radioativo não está dentro desta categoria; seria *lixo radioativo*, que tem inclusive legislação específica, apesar de ter sido utilizado e abandonado por um hospital. O que aconteceu na época foi um completo desleixo por parte de quem abandonou o material.

O autor segue o texto com o subtítulo “O lixo é perigoso e incomoda”, onde diz, que

(...) além de enfeiar nossos ambientes de lazer e trabalho, ainda deixa o ar carregado de odores desagradáveis. Esse ar pode conter gases tóxicos de várias origens, que causam mal-estar, dor de cabeça, problemas respiratórios, tonturas e até lesões no sistema nervoso. O acúmulo de lixo, por menor que seja, representa outros perigos, como o de ferimentos com cacos de vidro, pregos, metais, lascas de madeira etc., que infeccionam facilmente e podem até matar, caso do tétano.

Segue citando os animais que atrai e as doenças que causam e o risco de obstruir córregos, canais e rede de esgotos. Comenta sobre os lixões e o chorume, comentando a contaminação por chumbo, mercúrio e “uma infinidade de substâncias tóxicas, presentes em embalagens de produtos de limpeza, inseticidas, medicamentos, tintas, etc.”. Em outros subtítulos, fala sobre os “Aterros sanitários”, comentando somente que são impermeabilizados no fundo e recebem uma cobertura de terra; sobre “Reciclagem do lixo”, falando da coleta seletiva, reciclagem, compostagem e com exemplo sobre as vantagens da coleta seletiva de papel, citando os EUA; “Incineração do lixo” comentando sobre as vantagens (redução do volume, fornecimento de energia, eliminação de agentes de contaminação); e “E agora”, onde

fala da sujeira das ruas, do mal hábito de jogarmos lixo no chão, dando de exemplo o próprio pátio da escola. Aqui faz comentários sobre o desperdício:

Grande parte desse lixo jogado fora é resultado de um grande desperdício de materiais, que poderiam ser reutilizados e conservados por mais tempo, com benefícios para a comunidade. (...)

Devemos tentar a todo custo reduzir o consumo de objetos, papéis, aparelhos e outros itens, limitando-nos àquilo que é realmente necessário. Não devemos achar que desenvolvimento depende de um consumismo incontrolável, sem limites.

(...) Cada um deve fazer a sua parte. (...)

Termina o capítulo com um quadro sobre os plásticos, explicitando as suas vantagens, por isto o crescimento de seu uso mundialmente, e os problemas que isto pode trazer, como ocupação de espaço por não serem degradáveis e a liberação de poluentes quando queimados. “Por isso é de extrema importância a coleta seletiva dos plásticos para reciclagem”, comenta no meio do artigo.

Em Gowdak e Martins (2002a) os textos são bem pequenos. Temos por exemplo no sumário a foto de quatro galões coloridos de uma coleta seletiva (p.2). A próxima referência porém, será um parágrafo onde o autor diz que

Um dos principais responsáveis pela degradação ambiental é o acúmulo de resíduos ou lixo. A necessidade cada vez maior de consumir obriga o ser humano a produzir continuamente novos bens. Isso leva a um processo crescente de industrialização em todo o mundo e, em consequência, a um aumento das sobras e dos detritos. (p.240)

Em relação ao “O destino do lixo” (p.247), nos diz que

Nas áreas onde o lixo é despejado vários processos podem ser adotados para se evitar a criação de focos de poluição e contaminação ambiental. Entre outros, podemos citar os aterros sanitários e a reciclagem de lixo.

E logo abaixo dá somente algumas poucas linhas falando dos dois. E completa: “três regras podem ser observadas (para a preservação e cuidados com o ambiente): economizar, reciclar e respeitar”.

Economizar significa não somente reduzir gastos e poupar dinheiro, mas também preservar os bens, diminuir o consumo de energia e buscar alternativas menos poluentes.

Reciclar é sinônimo de reaproveitar ou reutilizar objetos e materiais, como papel, papelão, vidro, lata e plástico. Como são recicláveis, podem ser novamente processados e transformados em novos produtos. A reciclagem representa economia de energia e de matéria-prima, além de diminuir a quantidade de lixo.

Respeitar significa não agredir lugares, seres e ocorrências naturais e também não interferir neles. Toda agressão e interferência que desequilibrem a natureza

causam degradação ambiental. Como consequência, a própria qualidade de vida do ser humano se deteriora.

Entre diversas considerações do que o ser humano pode fazer para a preservação de seu ambiente, temos que “é possível reciclar o lixo urbano”.

Podemos ver que, embora haja uma boa linha de raciocínio adotando valores como economia e respeito, em substituição ao reduzir e reciclar, que aparece sempre quando se fala dos 3Rs (Reduzir, Reutilizar, Reciclar), o assunto é pouco explorado e acaba centrando na reciclagem.

Em outro livro, os autores tornam a falar do lixo (Gowdak e Martins, 2002b). Inicialmente faz referência não à lixo exatamente, mas a resíduos: “atualmente, resíduos industriais acumulam-se no ar, na água e o solo, comprometendo todos os ecossistemas” e “o acúmulo de resíduos é o responsável pela poluição do nosso planeta” (p.235).

Quando falam dos “poluentes da água”, referem-se ao acúmulo de restos orgânicos, assim como quando falam dos “poluentes do solo”, referindo-se aos restos orgânicos acumulados nos lixões, que “permitem a proliferação de bactérias não só decompositoras, mas também patogênicas, como estafilococos, estreptococos e bacilos do tifo e do tétano. Além disso, atraem ratos e insetos, como moscas e baratas, que acabam propagando essas bactérias”.

Os autores comentam um pouco mais profundamente quando das “medidas antipoluentes” e do “controle da poluição do solo”. Nesta parte comentam sobre o destino do lixo e que existem várias técnicas de “remoção, estocagem e reaproveitamento. Ele pode ser depositado em aterros sanitários, queimado, utilizado para a produção de adubo e de gás ou reciclado”. Comentam então sobre os aterros sanitários, sobre a incineração e sobre a produção de adubo e gás. Continuando, afirmam que “a forma mais econômica e menos poluidora de tratar o lixo é por meio do reaproveitamento”, comentando sobre as usinas de reciclagem e o destino do material separado. Na parte destinada às questões para os alunos responderem, inserem um pequeno texto onde tem dados sobre a quantidade de material que o Brasil “joga fora” e as vantagens da reciclagem, afirmando ainda que “todo esse material poderia ser reaproveitado, com amplas vantagens econômicas e ambientais. A reciclagem resolve vários problemas” (redução de consumo de matéria-prima, redução da quantidade de lixo, economia de energia e menos poluição do ar e água).

4.1.3 Informativos, Folhetos, Panfletos, Cartilhas

Foram incluídas nesta categoria as publicações pontuais, versando sobre um tema específico e um determinado público-alvo. Podem fazer parte de uma campanha ou de um evento, como forma de divulgação de uma idéia ou mensagem.

Em Petrobras (2004) temos notícias sobre água e lixo. Sobre o lixo oferece alguns dados como “o Brasil joga no lixo todo ano 4,5% do seu PIB (Produto Interno Bruto)”, sobre a quantidade de lixo produzida, números sobre a reciclagem de alguns materiais, coleta seletiva e destino do lixo no país. Depois dá “Ecodicas para reduzir o lixo”. Entre elas algumas efetivamente sobre redução, como “consoma somente o que for realmente necessário”, “compre itens com menos embalagens ou com embalagens recicláveis e não tóxicas” ou “utilize os papéis dos dois lados” e outras também sobre reciclagem e coleta seletiva.

Em Pinto (1990), temos uma história em quadrinhos que se passa em um morro onde sempre há inundações e deslizamentos quando chove. Os personagens da história, observando os hábitos dos moradores, descobrem as causas dos problemas e as ajudam a mudar. Uma das causas, além de desmatar o morro e construir na margem do rio, é que as pessoas jogam todo tipo de lixo no rio, atrapalhando o percurso da água. Em uma passagem, uma moradora está limpando o galpão onde ocorrerá uma festa e traz um carrinho de mão cheio de lixo e despeja no rio. Ao ser interpelada por um dos personagens responde “Ah... meu filho... tem lixeira da prefeitura aí, mas é mais fácil jogar no rio!”. Em outra, um dos personagens está em uma ponte e é arrastado pelas águas do rio, ficando preso em algo no fundo, que se descobre depois ser um colchão com uma mola solta.

Em outra cartilha (Prefeitura, s/d) há a apresentação de uma família com dicas de como contribuir com a limpeza de uma cidade. Na apresentação aparece duas vezes a frase “Rio das Ostras limpa depende da gente”, tema da campanha e frases como “O lixo gerado nas residências pode se transformar na causa de proliferação de graves doenças” e “nunca chegaremos onde desejamos se não houver a colaboração de toda a população”.

A mãe da família inicia a conversa apresentando a família e falando da limpeza em casa, quando os resíduos “devem ser colocados em um saco plástico (podendo utilizar aquele do supermercado), dentro de um cesto ou vasilha com tampa”. O filho concorda, complementando, entre outras falas, que “O lixo jogado em terrenos baldios, valas e na beira dos rios poderá se transformar em ninhos de ratos, baratas, moscas e mosquitos, que, ao sair do lixo, levam para nossa casa algumas doenças perigosas, que, quando não tratadas a tempo, podem até matar”. Cita algumas doenças e fala dos pequenos lixos gerados nas ruas e diz que

quando os tem, joga na “cestinha de lixo da prefeitura” e quando não a encontra, guarda o “lixinho” para jogá-lo quando a encontrar.

O pai, pedreiro, afirma que não joga entulho “em terrenos baldios, principalmente em valas e na beira dos rios”, porque pode causar enchentes. A filha diz que na escola “A tia falou que as famílias podem separar em suas casas as coisas aproveitáveis dos seus lixos, e depois juntar com as coisas aproveitáveis dos lixos das outras famílias para serem vendidas. Com o dinheiro arrecadado, o grupo poderá realizar melhorias no lugar onde mora”.

Mesmo em cartilhas ou campanhas sobre a água, o lixo está sempre presente. Vallim (s/d) fala sobre a água no mundo, no Brasil, legislação, estatísticas, bacias hidrográficas e outras informações. Sobre os “gestos concretos”, ou seja, “o que posso fazer para ajudar a preservar a água?”, entre outras ações, destaca-se, para nosso estudo a que propõe

Procurar realizar em casa a separação do lixo, enviando ao aterro sanitário somente aquele que não pode ser reciclado. As embalagens e produtos recicláveis tais como papel, garrafas plásticas, vidros e latas, entre outros, devem ser levados para reciclagem ou reutilização, quando possível.

E também “Cuidar para não jogar lixo ou detritos nas áreas de nascentes, margens de córregos e rios, ou mesmo diretamente na água”.

Em Minc (2000) novamente vemos a idéia da reciclagem como dominante e como solução para os problemas. Na capa, uma foto de uma praia com montanhas de lixo coletadas durante uma campanha de limpeza e pessoas de mãos dadas. Abaixo dela o texto “limpeza de praia da Ilha do Fundão mostra necessidade de coleta e reciclagem de embalagens plásticas” e a chamada “Recicle o Pet!”. Na matéria o autor comenta sobre a limpeza da praia, efetuada com 100 catadores de uma cooperativa de lixo, e que, “jogadas no meio ambiente, as Pets se acumulam em rios, praias e na Baía de Guanabara, provocando enchentes e doenças, como a leptospirose, causada pela urina de ratos”.

São citadas as leis 3206/99 e 3369/00, ambas de sua autoria, que criam normas para a coleta seletiva e recompra das embalagens plásticas pelas fábricas e de medidas para a ampliação da coleta e reciclagem, como a melhora do preço pago aos catadores pelas Pets e a proposta da construção, no Rio, de uma fábrica de reciclagem. Em nenhum momento é citado outra alternativa para o problema do descarte das embalagens de garrafas Pet no ambiente.

4.1.4 Oficiais

Incluo nesta categoria algumas publicações elaboradas pelo poder público, seja nas três esferas (Federal, estadual ou municipal) ou quaisquer órgãos.

Na Agenda 21 brasileira (Novaes, 2000, p.31), quando fala do “Desafio da sustentabilidade” e da “Sustentabilidade nas cidades”, ao se referir ao lixo, indica que este desafio impõe “mudanças profundas nos sistemas de limpeza urbana” e também

impõe-se a adoção de políticas que induzam à redução do lixo, a começar por uma legislação que, abrangendo todo o ciclo do produto, leve os produtores a receber de volta embalagens e sucatas e contribua para baixar o consumo de recursos naturais.

Sobre os “entraves à sustentabilidade”, ao se referir aos resíduos sólidos dá alguns números da coleta e disposição final, por exemplo: 73% dos domicílios brasileiros dispõem de serviços de coleta de lixo, embora 11 milhões não disponham. Além disso, diz que 72% dos resíduos são dispostos em lixões a céu aberto ou jogados em vales e rios. E ainda cita números do trabalho no lixo.

Dentro das “Propostas para a Construção da Sustentabilidade”, proposta para a “gestão integrada dos resíduos sólidos urbanos”:

Promover a redução da poluição nos corpos d’água provocada pela disposição inadequada de resíduos sólidos urbanos a partir do planejamento integrado de intervenções; da adoção de instrumentos econômicos para incentivo às boas práticas de gestão; da reutilização, reciclagem e redução dos resíduos sólidos; da punição às práticas inadequadas de gestão dos resíduos sólidos; do desenvolvimento de critérios para seleção de áreas de disposição de resíduos; e dos procedimentos específicos para resíduos especiais e perigosos.

Já quando fala das estratégias para a produção e o consumo, há a proposta de

reduzir significativamente a quantidade de lixo (resíduos sólidos) produzido nas cidades, levando o setor produtivo e a população a desperdiçar menos, consumir somente o necessário e reutilizar materiais que são jogados fora

Nas estratégias setoriais, dentro do setor de saneamento, para os resíduos sólidos dá algumas propostas, dentre as quais

buscar alternativas de solução para que a coleta seletiva em conjunto com a implantação da indústria de reciclagem sejam auto-sustentáveis financeiramente, mediante criação de incentivos fiscais e linhas de financiamento a custos reduzidos; e

implementar programa de educação ambiental contínuo, visando evitar o lançamento indevido de lixo no meio ambiente.

Sobre as deliberações da Conferência Nacional do Meio Ambiente e da Conferência Infante-juvenil para o Meio Ambiente (MMA, 2004), estas refletem, de certa forma, o

pensamento da sociedade civil, visto que estas deliberações foram estruturadas dentro das discussões acontecidas nas Conferências. Dentro da primeira, quando trata das Políticas e Práticas a serem adotadas para o Meio Ambiente Urbano, temos:

- *Adotar sistemas de gestão e de planejamento ambiental de produção limpa e de sustentabilidade nos processos produtivos, buscando a redução ou eliminação de resíduos sólidos, efluentes líquidos e poluição atmosférica.*
- *Incentivar a substituição da coleta tradicional pela coleta seletiva: reaproveitando os resíduos sólidos recicláveis e orgânicos; economizando matéria-prima e energia; gerando trabalho e renda; incentivando a economia solidária; promovendo a cidadania e a inclusão social.*
- *Criar, em caráter prioritário, programas de inclusão social dos catadores de lixo, transformando-os em agentes ambientais.*
- *Estimular a formação de cooperativas de agentes ambientais catadores de lixo, que atuem na triagem e comercialização de resíduos.*
- *Incentivar a compostagem, diminuindo o volume de lixo destinado aos aterros sanitários ou lixões, e gerando trabalho e renda.*
- *Investir intensivamente em programas destinados à redução, reutilização e reciclagem dos resíduos gerados pela construção civil e de pneumáticos.*
- *Criar banco de dados de produção e destino desses resíduos, assim como certificação para reutilização. (p.47)*

Para a educação ambiental temos, entre outras, as deliberações de ampliar os investimentos em programas de educação ambiental voltados à questão dos resíduos sólidos e o estímulo à redução, reutilização, reciclagem e à destinação correta dos resíduos sólidos por meio de ações da educação ambiental.

Na apresentação das deliberações da Conferência Infanto-juvenil (op.cit., p. 86) afirma-se que algumas idéias apresentadas são recorrentes em vários temas, como a da produção de arte na escola a partir da reciclagem de resíduos sólidos. Foram definidas as dez propostas consideradas mais significativas e, dentre estas o lixo está presente algumas vezes. Inicia-se no tema “Água” quando propõe-se criar mutirões de limpeza dos rios e córregos.

Sobre o tema “Escola” , a proposta é desenvolver projetos de coleta seletiva e reciclagem do lixo produzido na escola, a reutilização do material orgânico como fertilizante na horta escolar e o inorgânico como matéria-prima para oficinas de artes.

Segundo esta proposta, agindo assim, “o lixo, além de ser reutilizado, deixa de poluir, ajudando ainda na conscientização”. Além disso, propõe que o governo, por intermédio da parceria com ONGs, capacite professores para trabalhar o lixo em forma de arte. E completa dizendo que “Nós, jovens, podemos formar mutirões para a reutilização do lixo”.

Dentro das considerações sobre as propostas para o tema “Seres vivos”, os jovens afirmam que “A comunidade e o município poderiam elaborar um projeto de coleta seletiva

que se tornasse lei e fosse capaz de combater a poluição” e que “Nós, jovens, podemos ajudar, sensibilizando as pessoas com informações sobre a forma de reciclar o lixo nas escolas e como fazer cooperativas de reciclagem”.

No tema “Comunidade”, ao apresentar as propostas, o texto afirma que os maiores problemas apontados foram a falta de saneamento básico e o precário atendimento pela rede de saúde. Por conta disso, continuam, a população fica doente, o que “significa desperdício de dinheiro, que deveria ser utilizado na construção de aterros sanitários e de lixões (sic), que podem gerar empregos para aqueles que necessitam de ajuda”.

Por isso, em uma das propostas, dizem que o problema das comunidades seria o que fazer com o lixo. A solução, portanto, seria a conscientização para a importância da coleta seletiva e a reciclagem de todo o lixo produzido, gerando empregos.

Para isso, entre outras ações,

O governo pode ajudar criando campanhas de conscientização, utilizando-se a mídia, construindo um local de reciclagem com máquinas apropriadas, protegendo os trabalhadores do lixão (principalmente crianças) e fundando cooperativas para produzir produtos a partir do lixo. Estas servirão não só para a reciclagem, mas também para a geração de empregos.

4.1.5 Mídia

Incluem-se notícias de jornais e notícias veiculadas pela Internet. Há inúmeras notícias e reportagens dentro desta categoria, das quais foram destacadas algumas em jornais. Outras estão ao longo do trabalho, dentro dos capítulos a seguir.

Em Moreira (2004 a) temos as maldades de um personagem de novela, que abandona sua noiva num depósito de lixo (gravado no Aterro Controlado de Jardim Gramacho, em Duque de Caxias, para onde vai, entre outros, o lixo da cidade do Rio de Janeiro). Cerca de um mês depois da gravação e da matéria, novamente o assunto aparece nos jornais (Quero, 2004), desta vez com o encontro da atriz com uma catadora, que ela conheceu no dia da gravação. Segundo a atriz

Eu sei que a vida daquelas pessoas que trabalham no lixão é muito dura. Mas estar ali é tão digno quanto qualquer outro trabalho. Ver aquela realidade fez com que esse momento ficasse para sempre na minha memória. foi, sem dúvida alguma, um dos dias mais emocionantes da minha vida. Por isso, quero voltar lá. Nossos problemas não são nada quando a gente vai a um lugar daqueles.

A atriz, na ocasião, reparou em uma mulher que lá trabalhava, pegou seu telefone e a chamou para um encontro, quando acertaram detalhes para ajudá-la a ser modelo, incluindo correção de problemas dentários e mudanças nos cabelos.

Moreira (2004, b) fala de um novo programa de televisão em que há um quadro de calouros (cantores novatos) onde um juiz decide o destino dos participantes. O melhor cantor ganhará dinheiro e uma cesta básica, os que não forem aprovados serão lançados em uma cela ou em um caminhão de lixo: “Existe coisa mais *trash* do que aprisionar uma pessoa numa cadeia por ela cantar mal? Pior que existe: jogá-la na caçamba de um caminhão de lixo cenográfico”.

Albuquerque (2000) faz reportagem especial sobre o lixo, com a chamada na capa “Cuide do seu lixo, reciclar latinhas, pilhas, plástico e papel é fácil e preserva a natureza”, com a foto de um jovem segurando latas de alumínio amassadas. A matéria é somente falando da reciclagem e da sua importância para “proteger o planeta”. No corpo da mensagem frases como:

é um luxo cuidar bem do seu lixo

não tem coisa mais inteligente, elegante e ecologicamente correta do que não apenas jogar o lixo no lugar certo (a lixeira, claro) como também saber separá-los de acordo com suas características. A Terra agradece.

separar o lixo e reciclá-lo preserva a natureza, economiza energia, gera empregos e cria recursos.

“Lá em casa eu junto as latinhas e dou para a empregada. No colégio do filho dela, vendem esse material e juntam o dinheiro par comprar computadores.” (fala de estudante entrevistado)

4.2 Considerações

Diante do quadro analisado, nota-se uma certa lógica, uma coerência em todos os textos. O lixo é visto como uma questão que deve ser resolvida, ele causa doenças e uma série de outros problemas. Podemos destacar algumas questões recorrentes: de uma forma geral, não há discussões sobre as causas reais desta questão, em suas dimensões cultural, social, política, econômica. Podemos perceber a importância dada à reciclagem, em detrimento de qualquer análise mais crítica sobre a questão. A solução para a problemática do lixo vem sempre através de ordem técnica, ou seja, a tecnologia pode transformar a situação. Basta que a população colabore, não jogando lixo no chão e separando o lixo para a coleta seletiva. A coleta seletiva e a reciclagem são sempre vistas como as soluções, nunca se questionando as verdadeiras causas do problema. Pensa-se sempre no destino final do lixo produzido: coleta

seletiva x coleta normal, reciclagem x descarte, lixão x aterro sanitário, em detrimento de uma análise e de uma correlação entre a grande produção de lixo com o consumo e descartabilidade em que estamos baseando a produção dos bens em nossa sociedade.

A reciclagem muitas vezes também é apontada em seu aspecto artístico, quando utilizam-se materiais descartados como lixo para a realização de artesanatos. Este tipo de reutilização de materiais, na maioria das vezes, é apontado como um benefício e solução ao problema do lixo.

Outros aspectos que podemos observar como recorrentes são o lixo hospitalar e os catadores. O lixo hospitalar apontado como fonte de doenças e infecções e quanto aos catadores dando-se ênfase também às crianças que trabalham nos lixões e em como transformar esta ocupação em uma profissão digna. Atribui-se à estes catadores outras designações, tais como “agentes ambientais”.

Outras considerações serão feitas ao longo do trabalho, citando-se, inclusive, outras fontes de pesquisa e comparando-se com as representações dos alunos, que serão descritas no próximo capítulo.

CAPÍTULO 5

A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS

As redações foram analisadas uma a uma diversas vezes, buscando-se extrair todos o discursos possíveis. Surgiram assim vários temas recorrentes nos trabalhos e esses temas foram agrupados em 7 categorias. Tanto os temas quanto as categorias se inter cruzam, pois há idéias muito parecidas entre eles. A tabela 5.1 apresenta as categorias com seus respectivos temas, os quais serão analisados um a um detalhadamente. Temos na primeira coluna a categoria, na segunda os diversos temas dentro de cada uma delas e na terceira coluna os números referentes a cada tema. Esta última coluna, por sua vez, dividida em três: a primeira com o número de citações de cada tema, na segunda a quantidade percentual em relação ao número de redações (148) e na terceira a percentagem em relação ao número total de citações (758). Os temas foram colocados em ordem decrescente quanto ao número de citações.

Foram analisadas 148 redações, dos anos de 2002, 2003 e 2004. Destas, 54 redações tiveram como tema apenas “lixo”, sem maiores direcionamentos. As outras (94) tiveram como tema “O que eu sei sobre o lixo, a lixeira do Morro do Céu e a relação que eu e minha família temos com ela”.

Das redações foram retiradas todas as citações que encaixassem com os temas surgidos. Desta forma, tivemos um total de 748 citações distribuídas pelas 7 categorias e 41 temas. Serei fiel às redações transcrevendo-as conforme são; portanto, em todas as citações os erros de português são originais. Muitas delas estão soltas na redação, apenas indicando que a criança lembrou do tema e tem conhecimento sobre o mesmo. Nesta situação, quando no recorte, a frase pode parecer incompleta. Coloquei as categorias em ordem de quantidade de citações, da maior para a menor.

Categoria	Unidade de registro (tema)	Frequência		
		Citações	% Red.	% Cit.
Lixo e morte	Lixo como transmissor de doenças	82	55,4	10,81
	Atração / presença de vetores de doenças	59	39,86	7,78
	Relação direta entre lixo e morte	36	24,32	4,75
	Lixo hospitalar	22	14,86	2,9
	Lixo contaminado ou contagioso	17	11,48	2,24
	Relação entre a lixeira e a violência que vivem	11	7,43	1,45
	Total	227		30
Lixeira como trabalho	Pessoas que trabalham na lixeira	86	58,1	11,34
	Crianças catando ou no lixo	27	18,24	3,56
	Eu nunca fui, mas conheço alguém	20	13,51	2,63
	Alguém da minha família vai (ou foi)	7	4,72	0,92
	Na lixeira “a gente pode ...”	6	4,05	0,79
	Vergonha	4	2,02	0,52
	Eu já fui, já catei	3	2,02	0,39
	Eu já fui, mas não catei	2	1,35	0,26
	Total	155		20,45
Alternativas Propostas	Discursos politizados	42	28,37	5,54
	Referências à reciclagem / usina	40	27,02	0,52
	Chamamento à ação	37	25	4,88
	O lixo deve sair daqui	24	16,21	3,16
	Relação entre o consumo e a produção de lixo	8	5,40	1,05
	O lixo não deve sair daqui	3	2,02	0,40
	Total	154		20,31
Aspectos Ambientais	Mal cheiro	52	35,13	6,86
	Chorume	19	12,83	2,50
	Sujeira das ruas, chão e outros	15	10,13	1,97
	Poluição do ar	14	9,45	1,84
	Lixo no mar	9	6,08	1,18
	Nojo	5	3,37	0,66
	Lixo nos rios e valões	5	3,37	0,66
	Lixo como causador de enchentes	2	1,35	0,26
	Total	121		15,96
Referências Institucionais	ao poder público	19	12,83	2,50
	à escola	18	12,16	2,37
	a trabalhadores do/no aterro	8	5,40	1,05
	a garis / lixeiros	7	4,73	0,92
	ao Projeto Chico Mendes	6	4,05	0,79
	a médicos	5	3,37	0,66
	à mídia	5	3,37	0,66
	à creche e orfanato	2	1,35	0,26
	à igreja	1	0,67	0,13
	Total	71		9,36
Antes e depois	Melhoras no aterro	15	10,13	1,97
	Como era antes	6	4,05	0,79
	Total	21		2,77
Outras referências	Referência a Deus ou religiosidade	7	4,73	0,92
	Referência a pobres x ricos	2	1,35	0,26
	Total	9		1,18
	Total geral	758		

Tabela 5.1 – Categorias e Temas, com as quantidades absolutas e relativas de cada um

5.1. LIXO E MORTE

Ficaram aqui agrupados os temas que relacionam, de alguma maneira, o lixo com a morte. Qualquer menção à problemas de saúde, doenças, ou algum aspecto que relacione o lixo como causador ou tendo alguma relação com a morte, foi relacionado dentro desta categoria.

Não é com surpresa que constatamos ser a categoria com maior número de citações: 30% do total (227 citações). Das 148 redações, 109 tocaram em algum assunto relacionado aos seis temas desta categoria, ou seja, quase 74% das redações faz alguma relação do lixo com a morte ou à problemas de saúde.

Lixo e doenças, lixo e morte, são sempre lembrados, tanto por aqueles que trabalham no lixo quanto por aqueles que têm uma relação mais afastada. E as relações feitas nas redações quase nunca têm uma relação causal lógica. Na maioria das vezes são advindas de idéias pré-concebidas, juntando-se informações adquiridas em diversas fontes. Tanto que algumas doenças citadas não têm relação nenhuma com o lixo.

Não nos causa surpresa a quantidade de citações desta categoria, pois o lixo sempre foi associado a problemas de saúde e à morte. Esta relação não é recente, é bem esmiuçada no livro de Eigenheer (2003) e também é discutida neste trabalho mais adiante.

5.1.1. Lixo como transmissor de doenças

(...) olixo ele é quase igual a uma fabrica que distribui doenças,(...)

Pela frase acima, podemos perceber um pouco da imagem que os alunos fazem do lixo. Um dos temas mais citados, aparecendo em 55% das redações e tendo quase 11% das citações é o lixo como transmissor de doenças.

As doenças citadas são diversas, numerosas e algumas improváveis. A seguir transcrevo as doenças, seguidas do número de redações em que são citadas: leptospirose (8), dengue (8), doenças respiratórias (7), dor de cabeça (5), hepatite (1), hepatite B (1), hepatite D (2), febre (4), diarréia (4), gonorréia (3), infecção (3), pneumonia (3), bronquite (3), asma (2), alergia (2), dor de cabeça (2), tonteira (2), vomito (2), AIDS (2), e com uma citação apenas, sinusite, moleira, intoxicação, dor de barriga, feridas, verme, vírus, câncer, doença dos rramites (sic), iptigo (sic).

O lixo ele e muito contaminado por isso muitas pessoas ficam doentes elas ficam com todas as doenças que existem (...)

O lixo também transmite várias doenças incuráveis.

Como vemos, o lixo é transmissor de todas as doenças, inclusive algumas bem pouco prováveis de se pegar no lixo, como a gonorréia ou AIDS. E sintomas gerais de diversos problemas também são colocados como causados pelo lixo, como dor de cabeça, febre, tonteira, vomito.

Percebe-se em muitos casos, uma certa assimilação de campanhas contra determinados tipos de doenças, como a leptospirose e a dengue. Há diversas citações sobre o perigo da urina do rato e da acumulação de água em recipientes como pneus ou potes de vidro, embora as vezes com idéias errôneas associadas:

(...) chovendo fica água nos penêus latas e vasilhas causa mosquito da denque o mosquito da denque trais varios tipos de deoenças algumas pode a ter matar com epatiti D (...).

Muitas se referem às doenças que as pessoas que trabalham no lixo estão sujeitas a pegar. Outro aspecto relevante então, é quanto à necessidade, por quem trabalha na lixeira, do uso de aparelhos de proteção, como luvas, botas ou máscaras.

Para se trabalhar no lixo tem que usar: luva, máscara, botas, calças compridas, etc...

Este tema está em estreita relação com os outros desta categoria, pois, segundo as redações, a doença pode vir através de algum vetor, ou por que o lixo é contaminado, ou pelo lixo hospitalar, ou ainda, pode levar à morte, assuntos tratados nos itens a seguir.

5.1.2. Atração / presença de vetores de doenças

Outro assunto recorrente, aparecendo em 40% das redações, são os animais a que o lixo está associado. Os animais ou outros vetores que a lixeira atrai compõem quase 8% de todas as citações selecionadas. São eles: ratos (44), baratas (21), moscas (19), mosquito (11), sendo dois deles “mosquitos da dengue” e um mosquito “ aedesejipe”, urubu (11), bactérias (6), lacraia (4), gatos (4), cobra (4), cachorro (3), insetos (2), cavalo (2), lesmas (2), porco (2), e com apenas uma citação, larva, vermes, escorpião, gambá, formigas, abelha e até um “bijinho micobris”.

Os animais citados podem ser transmissores de doenças, estarem presentes ou serem atraídos pela lixeira ou ainda, invadir suas residências. Eles são associados também com adjetivos do tipo “contagiosos” ou “nojentos”. Como transmissores de doenças o campeão das citações é o rato, seguido do mosquito da dengue, barata e bactérias:

(...) também dá prejuízos como a chegada de doenças como a leptospirose, transmitida por ratos, que nesses lixões são as coisas mais fáceis de se encontrar.

(...) se tem garrafas peneus com água pode ter mosquito aedes aegypti que pode da dengue e e pode mata e tabem tem ratos (...).

(...) o lixo da barata a barata da bacterias as bacterias dão doença e as doenças matam igual os lixoes tambem dão bacterias e as bacterias matam (...)

O lixo é visto como atrativo dos vetores, inclusive atrapalhando a vida dos moradores, mesmo dentro de casa:

Minha família e contra a lixeira poque alem do mau cheiro trás muita mosca para dentro de casa e com elas pode vir algumas doenças.

Eu moro aqui mesmo no Morro do Céu e é orível porque quando está aquele solão a casa fica cheia de moscas que nem o ventilador espantam elas, ninguém consegue ficar dentro de casa (...)

5.1.3. Relação direta entre lixo e morte

Chamamos de relação direta entre lixo e morte quando a criança, em sua fala, diz que, por algum motivo, o lixo pode levar à morte. Foram 36 citações (cerca de 5%) envolvendo a morte diretamente, estando presente em mais de 24% das redações. O discurso de que “pode até matar” aparece algumas vezes. Basicamente, o lixo pode levar à morte por causa dos vetores e das doenças que pode transmitir, que é a maior parte das citações deste tema:

(...) lá tem ratos e se pesar no xixi deles pega leptospirose essa doença pode até matar (...) Bacterias que pode matar pessoas (...)

Os trabalhadores do lixo (catadores) aparecem várias vezes como vítimas dessas doenças. Outro aspecto que aparece são os acidentes que acontecem na lixeira. Além dos aspectos acima em que os trabalhadores são as maiores vítimas, há ainda os acidentes de trabalho na lixeira envolvendo essas pessoas:

muitas pessoas morrem por ter que respirar e pisa em ciringas, vidros (?), matos e lixos, poriso que dá doenças que até mata ou aleja.

Uma ves aconteceu um acidente úm medingo estava dormido com muitos jornais em cima dele o trator passou por cima dele no lixão (...)

Porém, aspectos como a poluição que o lixo causa também podem matar:

O lixo nos prejudica com sua poluição, e por isso muitas pessoas morrem ou ficam doentes (...)

Pelo que eu conheço o lixo transmite muitas doenças e muitas pessoas já morreram por causa da poluição que tem lá e também por comer as coisas sem lavar.

Ou quando causa enchente:

Na sua família por que sua casa ficando inundada você além de perder seus móveis e outras coisas amais você pode perder também a sua familia.

E mesmo através de aspectos mais inusitados:

(...) ou guando tiver no ônibus, espere descer procure uma lixeira, não faça como outras pessoas que taca lata de refrigerate pela janela do ônibus pode pate no capacete de um motogueiro e matar (...)

5.1.4. Lixo hospitalar

Este foi inserido nesta categoria por estar invariavelmente ligado às idéias de doença e de morte. Aparecendo em 15% das redações (22 redações), o lixo hospitalar vem sempre ligado à transmissão de doenças e, conseqüentemente, à morte:

(...) O lixão tem coisas de ospital que pode passar doenças que pode ser fatal.

Este material é apontado como contaminado e contagioso, fazendo novamente a relação entre o puro e o contaminado, a saúde e a doença:

(...) la tem muitos materias hospitalares. Como exemplos ciringa contaminada (...)

E acompanhado as vezes, de uma pequena descrição de seu conteúdo:

Por exemplo: lixo de hospital vem as vezes pernas e braços anputados, agulhas contaminadas, luvas e roupas.

5.1.5. Lixo contaminado ou contagioso

Em cerca de 11% das redações o lixo aparece vinculado à palavra “Contaminado” ou “contagioso”. Na percepção dos que utilizaram esta expressão, o lixo é contaminado e, por isso, contamina as pessoas, os animais e o meio ambiente (cidades, rios, praia, ar...). Há uma relação de conflito entre o puro e o contaminado, que corresponde, na Bíblia, segundo Chouraqui (*apud* Eigenheer, 2003, p. 100/105), ao sagrado e ao profano, o conflito entre o homem e a imundície (o lixo), fazendo relação, hoje, com as idéias de limpeza e sujeira, saúde e doença, beleza e saúde, clareza e confusão.

Algumas vezes esta contaminação está associada à doença que pode causar, fazendo uma relação, mesmo que implícita, com possíveis agentes patogênicos presentes no lixo, mas a “contaminação” também aparece gratuita; simplesmente o lixo é contaminado, sem ser claro o como e o por quê:

O lixo ele e muito contaminado por isso muitas pessoas ficam doentes (...)

O lixo e uma coisa que contamina muitas pessoas, quando eles pissão no lixo pode sair doentes, por que têm muitas seringas com doenças.

O lixo contamina A nossa Cidade (...)

Ou ainda com uma pequena confusão com os termos, pois contagiar é transmitir algo por contágio. Nos casos abaixo, nem o rato, nem o lixo, são “contagiosos”, mas poderiam contagiar por estarem contaminados:

perigo so poque tem rato outro bixo cotagioso (...)

(...) e também o lixo e contagioso porição quando alguém vai catar garrafas etc. bota uma luva e uma bota por causa do xixi de rato e para não pega doenças (...)

5.1.6. Relação entre a lixeira e a violência que vivem

Já virou até cimitério clandestino

Das redações, 11 fizeram alguma menção à violência vivenciada por eles, tendo a lixeira como coadjuvante. Seja pelo simples fato de aparecer um cadáver na lixeira de vez em quando:

(...) o ruim que de um em um dia aparece um morto (...)

(...) temvi uma epoca que deu uma chuva e o lixo deseu passava siria passa cabeça de gente morta (...)

(...) no Morro do Céu você encontra resto de comida Coisas de hospital, Pessoas mortas (...)

Seja sendo mais direto em relação ao que acontece de fato:

(...) e os bandido mata as pessoas e joga lá.

(...) as vezes matam pessoas e enterram na lixeira (...)

Aus 2 meses atrás mataram o meu primo lá na lixeira.

5.2. LIXEIRA COMO TRABALHO

Nesta categoria foram colocados os temas que relacionam, de alguma forma, a lixeira com o trabalho e a necessidade de sustentar a família. Vale frisar que o trabalho na lixeira, nestes casos, é o de catação, daquelas pessoas que colocam a mão na massa dentro do próprio aterro – em contraposição com outros profissionais que trabalham e vivem do lixo, mas não têm contato direto com ele, tais como os garis, atravessadores, motoristas de caminhão.

Apesar de receber menos citações do que a categoria anterior (155 citações, 20%), aparece em quase o mesmo número de redações (109 aquela, 107 esta), demonstrando serem os dois temas mais abrangentes.

Como esperado e veremos abaixo, pouquíssimos foram os que admitiriam já ter trabalhado na lixeira – nenhum admitiu que ainda trabalha. Alguns poucos admitiram que alguém de sua família é catador. Muitos deixam transparecer pelas redações, o que será analisado mais adiante, um certo conhecimento e uma certa intimidade com a lixeira que só pode ter quem tem uma relação muito estreita com a mesma. Mesmo assim, não deixam claro já terem trabalhado ou terem alguém muito próximo que trabalha.

Isto se deve claramente ao estigma que carrega aquele que é catador – o que também será discutido mais adiante. Por isto, mesmo na escola, no convívio diário, esta relação com o vazadouro é ignorada, até por aqueles colegas que o sabem. Quando acontece de alguém tocar

o assunto, é para menosprezo ou algum tipo de deboche, o que já pôde ser presenciado por mim.

Segundo Ribeiro e Santos (2000), “os trabalhadores do aterro sofrem discriminação por parte de outros moradores do bairro, que deles se *envergonham*” e “o trabalho na ‘lixeira’, muitas vezes, significa para quem o pratica, a queda no círculo de amizades, principalmente na escola”.

5.2.1. Pessoas que trabalham na lixeira

Este é o tema dentre todas as categorias que recebeu o maior número de citações (mais de 11%), aparecendo em 58% das redações (86 redações). Foram inseridas aqui todas as citações envolvendo o trabalho na lixeira ou o fato de alguém morar na lixeira, ou seja, a lixeira como sobrevivência. Dentro deste tema, pode-se destacar vários aspectos e “sub-temas” que por si só, dariam análises à parte.

Assim como em Ribeiro e Santos (op.cit.), em que o trabalho é encarado como obrigatório por ser uma alternativa disponível de renda e complementação a ela, o discurso do sustento, da necessidade e da sobrevivência permeia quase todas as redações que encaixam neste tema:

(...) os moradores não tem como se sustentar em casa ai tem gue ir para o lixo (...)

(...) elis vive da quele lixo para pode sobrevive (...)

Unido a esse discurso, a família, os filhos, a incapacidade de sustentá-los e a necessidade de recorrer à lixeira para tal, também está presente em grande parte das redações:

(...) E muitas pessoas pesizar trabalra na licheira para sustentar seus filios si não tem como se alimentar sua mulher e seu filhos.

(...) têm gente que não pode sustenta os filhos e vão catar comida no lixão.

A questão da falta de trabalho e de moradia e da falta de opções para suprir estas necessidades também aparece em grande número:

(...) na lixeira tem gente que falam que eles são obrigados a trabalhar por que não tem trabalho, e gente que moram lá falam que não tem casa para morar (...)

(...) muitas pessoas trabalha no lixo porque eles não tem trabalho. O lixo do morro do céu tem muita gente morrano-lá porque eles não tem casa

E, mais diretamente, a fome também aparece como um dos grandes motivos para o trabalho na lixeira, especialmente para catar os restos de comida que são despejados:

As pessoas vai pra lixeira porque não tem o que cume

Várias pessoas não tem condições de comprar as coisas para comer por causa das dívidas para pagar e comem coisas do lixo até sem lavar quando estão com fome.

5.2.2. Crianças catando ou no lixo

A constatação de que existe crianças trabalhando no lixo aparece em 27 redações, sendo 3,56% do total das citações. Se adultos trabalhando no lixo choca a sociedade, nestes casos ainda mais. Diversas expressões nos mostram que este fato incomoda às próprias crianças. Frases e expressões como “é muito triste...”, “Coitada dessas crianças...” ou “tenho tristeza de saber...” aparecem em algumas delas.

Como já explicitado, o fato de haver crianças que freqüentam os lixões por todo o Brasil, incitou a criação do projeto “Criança no lixo nunca mais”. Porém, das 27 citações, apenas em três pode-se entender que não há crianças trabalhando na lixeira, uma por se referir ao passado, as outras duas por se referirem ao projeto Chico Mendes:

(...) também lá já foi muita criança (...).

(...) por isso que o projeto Chico mendes acolheu as crianças que viviam lá. (...) Crianças no lixo nunca mais

(...) porque quando não tenha projeto as criança viviam tudo na lixeira se a prefeitura não botava o projeto no morro do céu a também toda mundo na lixeira hoje não ficou na lixeira nunca mais ficaram no lixão

Além dessas citações ao projeto, há outras que serão vistas mais adiante. Porém apenas estas duas indicam que o projeto Chico Mendes retirou as crianças do lixo, as demais não o fazem, como veremos.

As outras redações deste tema indicam que ainda há crianças trabalhando na lixeira, conquanto haja uma placa, em uma entrada da lixeira (na verdade, a saída dos caminhões), com os dizeres “proibido crianças na lixeira”. Talvez os alunos possam estar se referindo a

acontecimentos antigos, já passados, mas ainda vívidos em suas mentes. Algumas redações apenas citam o fato:

(...) tem muitas crianças que trabalha lá na lixeira (...)

Outras demonstram haver, inclusive, conhecidos dos alunos – e alunos – que ainda frequentam a lixeira:

(...) Pior são meus amigos que catam lixo e quando eles vão para a escola eles vão fedendo. (...) Coitada dessas crianças. (...)

(...) tenho tristeza de saber que famílias com crianças são meus conhecidos, fazem dali sua sobrevivência. (...)

Mas grande parte se refere a esse trabalho das crianças com o mesmo objetivo do trabalho dos adultos: sustentar a casa. Esse aspecto também aparece em Ribeiro e Santos (op.cit.), onde elas citam que o trabalho dos adultos na lixeira “é, via de regra, realizado com a companhia dos filhos, que ‘ajudam’ na seleção do material”.

Alguns alunos se referem nas redações aos que trabalham como tendo a necessidade (diga-se de passagem, quase obrigação) de “ajudar” no sustento da casa e da família:

(...) Eu sinto mas temos que aguentar pois eles precisam do trabalho para sobreviver, criança trabalhando para se alimentar ajudando seu pai (...).

(...) Tem vários jovens meninos e meninas que em vez de estar na escola estão trabalhando para ajudar em sua casa (...).

Outros se referem às crianças como responsáveis até mesmo pelo sustento da casa e dos irmãos:

(...), têm filhos que até sustentam o pai a mãe e os irmãos. (...)

(...) e as, crianças sustentam a mãe e o pai (...)

Algumas redações, além das que já dissemos lamentarem ou terem pena, demonstram uma certa indignação, mais do que a simples constatação e lamento:

(...) As mães botam as crianças para trabalhar no lixo. Como as mães podem ter coragem para botar as crianças no lixo (...)

5.2.3. *Eu nunca fui, mas conheço alguém*

Este e os próximos quatro temas se referem a alguma pista, senão falado diretamente, do trabalho ou de alguma relação mais próxima com a lixeira por parte de quem escreve. Neste tema, envolvendo 20 citações (mais do que a soma dos outros quatro), as crianças ora negam que já tenham ido na lixeira ou que tenham alguma relação com ela – mesmo dando pistas ao contrário, como veremos –, ora afirmam que conhecem alguém que vai. Em vários casos, ambas declarações.

Em alguns casos, as crianças citam que conhecem alguém que utiliza da lixeira para sua sobrevivência:

(...) Eu conheço uma menina que trabalha no lixão e ja deve varias doenças trabalha ela a mãe dela e os irmãos dela (...)

(...)A minha amiga já catou latinha e papelão, mais agora ela está trabalhando para sustenta a sua família e ela até parou de estudar.

Em outros, citam os conhecidos, mas frisam que sua família não tem nada a ver com a lixeira, ninguém trabalhou lá, nem depende dela:

(...) e tem muitas gente morando lá, a minha família não mora lá, por que lá não é lugar para ninguém morar. mesmo assim tem gente que moram lá e tem gente que só trabalha. e têm gente que pegão coisas para vender. latinhas de cervejas mas (eu não tenho família mas [rasurado]) a minha família não mora tenho meu melhor amigo que parece ser um irmão para mim eu gosto muito dele. (...) [sublinhado original]

(...) A minha família não possui nenhuma relação com o lixão do morro do céu, mais a avó de minha prima possui, ela mora muito perto da lixeira (...)

Agora, negam que eles próprios dependam, embora saibam que outros dependam. É interessante notar neste trecho, que após descrever o que cai do caminhão apelidado pelos catadores (“eles”) de “sacolão”, inclusive que podem cair biscoitos dentro da validade – “mas é meio difícil” – a criança termina dizendo que, embora more perto, não tem nada a ver com a lixeira:

(...), tem um caminhão lá que eles dizem que e o “sacolão” esse sacolão cai frutas que eles podem comer, la cai biscoitos fora da validade alguns na validade mais e meio difícil cai iorgut, leites, manteiga que os homens que traz pega do mercado que ficam fora da validade eu moro perto mais eu não tenho nada haver com a lixeira

Há os casos em que admitem que a lixeira deve ser boa, citam algumas qualidades, conhecem pessoas que dizem que é bom, mas nunca foram, nunca trabalharam:

(...) eu não tenho nenhuma relação com o lixo mais eu conheço uma pessoa que trabalha lá e fala que ela é boa. (...)

(...) pelo que as pessoas falam lá deve ser muito bom (...)

Ou ainda, chegam a admitir que já pensaram em trabalhar, ou poderiam trabalhar se necessário, mas nunca foram:

(...) Eu já pensei em ir trabalhar na lixeira, mais isso não vai ser preciso porque tudo que meu pai e mãe me deram e estão me dando até hoje eu fico muito feliz pois a minha vida está maravilhosa se um dia for preciso trabalhar na lixeira não tem problema pois eu irei, porque ir para a lixeira não é vergonha.

E neste último caso, a única redação em que a conhecida que frequentou a lixeira é identificada. Embora ela diga que há coisas boas, ela diz que a lixeira é muito ruim e que ela mesma não depende deste trabalho:

(...) Daniele da 1001 (nome trocado) já trabalhou na lixeira ela fala que lá tem muita coisa boa (...). Crasa a Deus que eu não tenho que trabalhar na lixeira (...)

5.2.4. Alguém da minha família vai (ou foi)

Neste tema sete apontam o trabalho de alguém da família, embora não admitam o trabalho próprio. Visto que uma destas redações é de uma das crianças que admitem ter trabalhado, temos o total de 9 alunos que, entre eles próprios e a família, admitem um envolvimento físico com a lixeira. Duas citações são em relação ao tio e referem-se ao trabalho como algo bom, em que o parente ganha dinheiro, além de outras vantagens:

(...) o meu tio trabalha lá ele nunca trabalha em por ele estar desempregado não teve outra opção por isso e melhor por que é mais perto da casa dele (...)

(...) o meu tio trabalha lá e quanto ele volta ele vem cheio de latinha e de alumínio para amassar e vender ele ganha um dinheiro bom na lixeira (...).

Uma se refere à mãe, mas que já não trabalha mais, o que, neste caso, é visto como positivo e graças ao projeto Chico Mendes, do “Criança no Lixo Nunca Mais”:

Eu nunca trabalei no lixo mas eu se como e porque minha man já trabalho (...) mas graças adeus autrojeto mia mãe não trabalha mas no lixão

Outras duas referem-se a outras pessoas da família. A mãe e a tia, no segundo caso, já não catam mais, porém quem o faz é aqui defendido pela necessidade de sustento da família e pelo fato disto não ser vergonhoso:

(...) Algumas das minhas familia nessecitam da lixeira ninguém tem vergonha de dizer que trabalham lá. (...)

(...) minha mãe não trabalha no lixo ela trabalha fazendo faxina mais minha mãe já trabalho no lixo mais agora não trabalha mais nem ela nem minha tia. (...)

Uma das que admitiram que já trabalharam na lixeira, mas que hoje não trabalha porque o pai não deixa, se refere ao irmão, que ainda cata:

(...) Meu irmão trabalha lá hoje, e tem vergonha, ele cata latinha, fios de estações eletricas, metal e aluminio para vender. (...)

E, por último, a que mais detalhes contou sobre o trabalho da família na lixeira; pelo que o aluno relata, todas as pessoas pararam: três sofreram um acidente, uma arranjou “um serviço” e a outra foi assassinada:

(...) A minha bisa vó ela já trabalhou na lixeira (...) Minha vó também já trabalhou na lixeira (...) meu primo (...) Os irmão da minha (...). (...) mataram o meu primo lá na lixeira.

5.2.5. Na lixeira ‘a gente pode...’

Outro discurso interessante, que foi agrupado neste tema, foi quando a criança, ao se referir à lixeira ou ao lixo, não se referiu a ela própria diretamente ao discorrer sobre as vantagens destes, mas utilizou frases na primeira pessoa do plural; ou nós ou “a gente”. Foram 6 redações com este discurso, não variando muito em suas formas.

Assim, temos os que falam do cuidado que “devemos” ter ao mexer com o lixo:

(...), por isso, temos que ter muito cuidado na hora que andamos descalsos na hora que comemos algumas coisas que passou da validade (...)

(...) no lixo podemos achar muitas coisas para ser aproveitar (...) poriso devemos usar mascarar cando for meche com o lixo.

E os que falam sobre a ajuda que o lixo “nos” dá, “nos” ajudando a sobreviver:

(...)e também o lixo ajuda muita vida da gente como garrafa, resto de comida

(...) O lixo nos ajuda a sobreviver o lixo tem muitas coisas que podem ajudar nossa vida e a vida de outras pessoas e também da nossa vida.

5.2.6. Vergonha

Vergonha: 1. Desonra, descrédito. 2. Sentimento penoso de desonra pública. 3. Pudor, recato. 4. Embaraço, acanhamento. 5. Ato, dito ou fato vexatório e/ou indecente. (Ximenes, 2000)

Foram apenas 4 citações da palavra “vergonha” dentre todas as redações; três já citadas anteriormente. Se as profissões que têm maior contato com os resíduos são discriminadas, poderíamos esperar que tocassem mais neste assunto. Porém, creio que, por ser velado este contato, não teriam porque ter vergonha – pois não se tem vergonha de algo que não se faz...

(...) se um dia for preciso trabalhar na lixeira não tem problema pois eu irei, porque ir para a lixeira não é vergonha.

(...) Meu irmão trabalha lá hoje, e tem vergonha, (...) Se for necessário, trabalharia novamente.

(...) Algumas das minhas familia nessecitam da lixeira ninguém tem vergonha de dizer que trabalham lá. Vergonha é não ter o que comer e quando chove não tem aonde dormir as pess dizem que tem vergonha de dizer que trabalha lá por isso que o projeto Chico mendes acolheu as crianças que viviam lá. (...)

(...) as pess dizem que tem vergonha de dizer que trabalha lá por isso que o projeto Chico mendes acolheu as crianças que viviam lá. (...)

5.2.7. Eu já fui, já catei

Apenas 3 declararam que já trabalharam na lixeira, porém que não trabalham mais. Uma delas, inclusive, é a que foi apontada na última redação do tema 5.2.3:

Trabalha na lixeira e muito ruim poque e fendena e da doesa para gente poque eu cei poque eu trabale muito ano e rangei muito bienro (...) oge eu só muito feiz para sempe teamo Jesus. muito obigrado

Eu a muitos anos atrás, já trabalhei na lixeira, (...) Só trabalhei lá por que minha precisava por alimentos dentro de casa, (...) Se for necessário, trabalharia novamente.

(...) eu já trabalhei na lixeira já me machuquei muitas vezes (...)

É interessante notar que estas três redações trazem menos descrições da lixeira do que muitas das outras. Na verdade, a única que faz uma pequena descrição é esta última, à qual faz menção, inclusive, a um instrumento que os catadores utilizam para rasgar e separar o lixo despejado pelos caminhões, citado também em Ribeiro e Santos (op.cit.) como “gadanha”:

(...) e também quando cai as caixa la na lixeira eles avança e também te que toma muito cuidado com as gadanero por que cando eles catas pode pega e machuca.

Muitas outras redações nos dão pistas, como analisaremos em outra oportunidade, de que conhecem bem a lixeira, mas não admitem o trabalho.

5.2.8. *Eu já fui, mas não catei*

Duas das crianças admitiram que foram na lixeira uma única vez. Dois aspectos interessantes são que a primeira redação tece elogios ao que o “colega” catador acha na lixeira, e a segunda faz a ressalva de que “não era para catar lixo”, explicando depois que era para pegar uma roupa, jogada fora por engano:

eu tenho um colega que trabalha la e quando ele gega lan casa ele vem com um monte de coisa boas boneco carrinho boneca umonte de coisa. (...) e tambem um dia eu fui la na lige muito orubu muitas sacola e tem já umas partes que já ta limpinho.

Só uma vez que eu fui lar mais não era para catar lixo. (...)

5.3. ALTERNATIVAS PROPOSTAS

Encaixaram-se nesta categoria aqueles discursos que, de uma forma ou de outra, reclamam do lixo propondo alguma solução. Assim, há desde tentar fazer uma relação entre a

o consumo com o lixo existente, até frases conclamando todos a mudar a situação de alguma forma.

Foram 6 temas e a maioria com uma média alta de citações, o que dá um total de 154 citações nesta categoria, distribuídas por 88 redações. As exceções, com poucas citações, foram o “consumo x lixo” (8 citações) e “o lixo não deve sair” (3 citações).

5.3.1. Discursos Politizados

De certa forma, este tema foi uma surpresa: foram 42 redações nas quais, de alguma maneira, transpareceu um sentimento de inconformismo com a situação em que vivem e que se encontra a região do Morro do Céu, mas com alguma conotação política. O inconformismo não surpreendeu, mas sim o discurso político em muitas delas, inclusive com nome citado. O ex-prefeito da cidade foi lembrado duas vezes, equivocadamente, pois como vimos, não foi na gestão dele que a lixeira foi implantada:

(...) esse Jorge roberto silveira trouxe o lixão para ca e agora tenta tira mais não consegue mais tirar o lixão do morro do céu

Eu tenho muita raiva do Jorge Roberto pois foi ele que fez tudo isso.

Há também os que se referiram ao prefeito e também à outros políticos, sem nominar:

A lixeira do Morro do Céu, ela tem mais de 15 anos aqui o Prefeito dise que ia tira ela da qui, Mas nunca cunpril sua pronesa eles Falou, falou e falou e não cunpril e agora a lixeira esta cada vez Jogando mais lixão (...)

Eu acho que o vereador deve tirar o lixão (...) Meu pai disse que é uma pouca vergonha que o vereador deve tirar o lixão. (...)

Enquanto outras redações se referiram à prefeitura ou ao governo em geral, igualmente sem nominar:

(...). A PREFEITURA DE NITERÓI DEVE TOMAR UM PROVIDENCIA, PORQUE NOS MORADORES NÃO SUPORTAMOS O MAU CHEIRO DO LIXO. (...)

(...) Ai eu pergunto cadê o governo que não vê isso será que eles não sabe que lixeira e somente lugar de lixo e não um local de trabalho?

Ou ainda indo além da prefeitura e em suas considerações:

Em vez da prefeitura, do governo e principalmente do Presidência se enportarem com isso, não eles se preocupam em se mostrarem para presidentes de outros paízes com coisas sem importancia como criação de piscinões, criação de hotéis etc..., eu sei que isso gera dinheiro, mas e melhor gastar com nossos lixões do comempreendimentos que não daram futuro algum. (...).

Houve uma reclamação em relação à coleta de lixo:

(...) Lá na minha rua a onde eu moro tem muitos lixos, os caminhos de lixo vai pegar os lixos mas uma vez na vida e outra vez na morte Quando o caminhão vai pegar os lixos eles não pegam tudo deixar sempre lixos espalhados (...).

Apareceram também outras referências a promessas da retirada do lixo da região, além das que citam diretamente a prefeitura ou o prefeito. Podemos perceber o equívoco, em algumas delas, sobre a retirada “do lixo”, provavelmente se referindo às notícias do fechamento do aterro:

(...) Falão que vão tirar o lixo da li mais eu não acredito neles (...).

(...) Pelo o tempo que ela esta estalada eu acho que as autoridades já poderia mudar a lixeira de local. (...)

Vários, acompanhando outras considerações sobre o lixo e a lixeira, deram também sugestões do que se poderia fazer no local, evidenciando a carência da região por aparelhos e serviços públicos:

(...) E devia também tira a lixeira do morro do ceu e botar uma pracinha.

Todos os lixos são jogados ali pos não deveriam ali deveria ser construido uma área de lazer com picinas, quadras de esportes porque isto sendo construido la as crianças que vão para a lixeira brincar no lixo poderiam muito bem ir para área de lazer que é muito melhor que ir brincar no lixo.

Protestos também contra as crianças no lixo, não apenas se referindo ao fato, mas demonstrando indignação, embora somente três citações:

(...) Ah, exploração de menores no lixão é crime!

Alguns fizeram menção à necessidade de trabalho e a relação que isto tem com a lixeira, inclusive com a possível desativação da mesma:

(...) temos ajudar estas pessoas com isso ou o trabalho eles vão passar fome não quero que tire o lixo da li se não eles vai passa fome hoje idia precisamos mais de iprego(...)

Por três vezes o discurso se verteu contra as pessoas que sobrevivem do lixo, como se fosse opção ou falta de força de sair desta vida:

(...). As pessoas fala que a lixeira acabar muita gente morre de fome. Na morre não por que eles naõ quer enfretrar uma casa de familia se eles quiseste trabalhar no jornal o fluminense tem muitos trabalho de casa de familia. Eles gosta de um mole eles não pensao em contra um trabalho melho. (...)

Ou ainda colocando, declarada e talvez equivocadamente, a culpa da lixeira nos moradores do local:

(...) o governo está tomando providencias agora. mais eu acho que não está adiantando nada por que os moradores do morro do céu não colaboram em vez de joga o lixo no lixo jogam na lixeira mas aí não adianta nada. quanto mais o governo limpa mas os moradores do morro do céu sujão. (...).

Por fim, dentro deste tema, uma redação tem conotação política e inconformada do início ao fim, da qual retiro os primeiros parágrafos:

A lixeira pode contrair muitas doença e tem muitas criança que trabalham na Lixeira. Alguma delas o Pai e a mãe não tem condição de trabalho e os filhos não estuda e vai trabalha na Lixeira se todo colaborace nós podia fazer o Brasil sem forme e sé de alegia. Por que as criança não tem estudo por que a familia e pobre se fose assim o Paiz fose to colaborace tinha o Brasil melhor e as criança não ia se badida e a maioria dele estão no crime por que não sabe nada. (...) eu não concodo com isso tudo. (...).

5.3.2. Referências à reciclagem / usina

Este é o tema da solução por excelência, pois os outros temas desta categoria não apontam, necessariamente, caminhos para a resolução dos problemas. Também nos dedicaremos detalhadamente mais adiante. Quarenta alunos se referiram à reciclagem e/ou à usina de diversas maneiras, mais aprofundadamente ou apenas citando, apontadas como soluções para o problema do lixo, provavelmente repetindo o discurso que ouvem nos meios de comunicação e em outros lugares. Porém, nem sempre demonstram ter conhecimento do que se trata exatamente, confundindo termos ou noções. Porém, nenhuma consideração à

reciclagem foi feita em benefício do “meio ambiente”. Alguns apenas indicam que no lixo há materiais recicláveis:

(...). O lixo também tem algumas coisas para reciclar como o papel, ou uma latinha de cerveja ou refrigerante ou também plásticos

Poucos são os que parecem ter consciência do que dizem; outros citaram uma riqueza maior de detalhes, explicitando-se desde a coleta seletiva, até o retorno do material como outro objeto:

(...) e outros materiais que podem ser reaproveitados isso se chama reciclagem. A reciclagem e o reaproveitamento de materiais que podem ser reaproveitados ex: o papeu e feito a partir do tronco de uma arvore para fazer o papel e presizo cortar a arvore ou seja ci eles reciclarem o papel não irão precisar recortar a arvore e isso pode ser feito com outros materiais fazendo assim com que tenha menos lixo no lixão e com que a natureza saia ganhando.

(...) O lixo também pode ser dividido em 5 classes, para ser reciclado. Ex: plástico, vidro, papel, metal e materiais orgânicos.

Outros ainda, citaram a reciclagem através dos artesanatos:

Com o lixo nos podemos fazer varios objeto podemos como a garafa nois podemos fazer taça deimfeite podemos fazer carinhos, (...)

(...) e dessas garrafas eles fazem pufs, poltronas e várias coisas mais interessantes para vender e melhorar a sua escola.

A reciclagem ora é vista como uma ajuda àqueles que necessitam, como geração de renda:

(...) a lixeira do Morro é como se fosse um trabalho de reciclagem porque as pessoas ajudam a catar o material do lixo para reciclar (...).

Ora citando-se também outras vantagens agregadas:

(...), acho que o lixo que esta la podia ser reciclado assim alem de entrar um dinheirinho a mais iria sobrar espasso para outras coisas. Si ouvesse mais insentivo talvez iriam reciclar mais reciclagem e averia mais empregos

A reciclagem também vem, como vantagem agregada, contrapor os pontos negativos do lixo:

(...). Acho que devemos recicla todo o lixo que consumimos porque assim evitamos mais acidentes ecológico. (...).

(...). nós devemos jogar o lixo nas reciclagens para conserva a natureza. (...)

A usina de triagem está no imaginário das crianças como algo que vai dar a solução ao problema do lixo na região:

(...) O único jeito de acabar com isso era continuar as obras da usina e reciclar o lixo!

(...) tem alguma coisa muito legal que está acontecendo e uma alzima que está acontecedo lá tem algumas pessoas que vai trabalha lá (...).

E temos também duas referências à paralisação das obras:

(...) e o lixo tava criando uma uzina e não cei porque parou de continuar o trabalho e grio muito mato(...)

(...) A usina elétrica que serve para separar o lixo demorou varios anos para ser construida e ficou muito tempo com as obras paradas.

5.3.3. Chamamento à ação

Este tema é singular. Em 37 redações, exatos 25% do total, as crianças de alguma forma conclamaram o leitor a fazer algo para amenizar o problema apresentado por eles, ou então descreveram atitudes ou cuidados que devemos ter para a solução dos mesmos. Alguns ainda descreveram as atitudes que as pessoas têm que são responsáveis por diversos dos problemas causados pelo lixo.

Diversos citam, em suas palavras e opiniões, como se forma um lixo, através da negligência e, talvez, desperdício, das próprias pessoas:

(...) nós asvezes Jogamos lixo depois quando vamos vêr, nós mesmos montamos uma lixeira, nós podemos tirar-la não jogando lixo, (...)

(...), material que se for jogado sempre no mesmo lugar por muitas pessoas acaba se acumulando. (...)

E, complementando com a citação acima, palavras e expressões que chamam as pessoas para o trabalho em conjunto e para a cooperação estão presentes em diversas redações:

(...) o mundo deve ajudar nessa batalha (...) nada de lixo na rua junta ganharemos a batalha contra o inimigo da vida o lixo.

(...) Pense nisso se cada um fazer a sua parte quem sabe um dia teremos controle sobre o lixo.

Vários outros também escrevem sobre ações que devemos tomar para acabar com o problema do lixo:

(...) Por isso tapem bem as lixeiras. junte o lixo no saco para que o caminhão do lixo recolha.

(...) nós sempre devemos botar os lixos dentro de uma bolsa plastica e latas dentro do galão de lixo ou pendurar no muro para quando o caminhão de lixo passa e leva.

Outros também focalizaram estas atitudes na coleta seletiva ou na reciclagem:

(...). Se todas as pessoas separassem o lixo seria muito melhor e não existiria tanta poluição (...).

Assim como outras redações, as explicações para o que devemos fazer são, na medida do possível, racionais e baseadas nas compensações e nos ganhos coletivos que teremos se soubermos tratar bem o lixo:

O lixo e uma coisa que todos temos que ter igiene e não temos que jogar lixos, nos rios, praia e no mar porque se você jogar lixo no meio ambiente o seu futuro pode ser prejudicado.

(...). Nós temos que manter a casa sempre limpa dar fachina na casa 1 vez por semana e assim não vai ter barata nem ratos (...)

Outros ganhos coletivos:

(...) por que você e muitas outras pessoas jogam lixo nas ruas, (...) Então não jogar lixo nas ruas e rios você vai estar popando a sua vida e a vida de sua família. O lixo é para ser jogado no lixo. (...). Lugar de liso e no Lixo!

(...) Temos que ajudar a natureza para nós termos a vida mais segura.

Apesar de haver 86 citações às pessoas que trabalham na lixeira, além de 27 em relação às crianças que também trabalham, e apesar de quase todas, com poucas exceções, abordarem o tema de forma a lamentar que estas pessoas não tenham uma melhor qualidade de vida, um emprego ou outra opção, apenas uma criança fez um chamamento para ajudá-las.

Diversos relacionaram a solução ao poder público, além de outros que deram uma série de opiniões sobre o que deveria se fazer para resolver a situação, como vimos no tema “Discursos politizados”. Porém apenas um conclamou as pessoas a ajudarem quem necessita:

(...) temos ajudar estas pessoas com isso ou o trabalho eles vão passar fome (...) vamos ajuda

E, por fim, ao inverso dos que fazem um chamamento contra o lixo, há uma que pede para que “ame” a lixeira, como ela também ama:

(...) não fale que ela fede pode fede mas ela ajuda bastante (...) então ame bastante a lixeira eu amo ela então ame ela também. (...)

5.3.4. O lixo deve sair daqui

Vinte e quatro crianças fizeram o comentário de que o lixo deveria sair dali. Alguns ficaram divididos, pois sabem que é a renda de muitas famílias; outros não fizeram menção ao fato. Este desejo se manifestou apenas em cerca de 3% das 758 citações. Nota-se aqui também o equívoco de querer que a lixeira, ou o lixo, saia do Morro do Céu, quando sabemos que isto é impossível. O que pode acontecer é o aterro não receber mais lixo. Porém, o que já está lá, durante algumas décadas deverá ser monitorado até que não apresente mais nenhum perigo ou risco à região.

Algumas crianças opinam simplesmente, dentro de suas redações em que falam sobre o lixo, comentando sobre os problemas que causa:

Eu acho que a lixeira do morro do céu tengue-se muda (...)

(...), eu acho que a lixeira tem que sair daqui do morro do céu e ir para outro lugar.

Outras têm motivos pessoais:

(...). A lixeira seria bem melhor ser ela sair de lá por que se não vão deruba a minha casa e eu não vou ter a onde morrer (...).

Ou os motivos podem ser difusos:

(...) minha família se relaciona normal com ela. eles não ligam, mais eles também acham que a lixeira deveria sair. Ficaria um lugar melhor para a convivência com as pessoas

O tema do trabalho também repercute quando o assunto é a retirada ou o término da lixeira. Alguns se preocupam com os trabalhadores e, mesmo achando que a lixeira deve ser tratada e terminada sua atividade, quem depende dela deve ser beneficiado e amparado de alguma forma:

(...), e por isso que eu acho que a lixeira deve ser destroída mas antes devem arranjar trabalho para todos.

(...) Eu e minha família achamos que a lixeira devia ser tratada e enterrada como deve ser + as pessoas que dependem dela fossem beneficiadas. (...).

Apenas um citou um pouco mais de detalhes, como as reuniões que existiram sobre o fechamento e o novo destino do lixo, a usina e o fato de parte do vazadouro já estar sendo aterrado:

Já teve várias reuniões para acabar para acabar com o lixão. Então vão fazer uma usina, tapando o lixo com a terra já está sumindo uma grande quantidade.

Por fim, uma das crianças teve a visão do impacto que uma lixeira causa em um lugar, visualizando-o em outro, pois se as atividades se encerrarem no Morro do Céu, necessariamente irá para outro lugar:

(...) Eu quero que um dia vai acabar o que que adianta ela aqui acabar mais em outro lugar ela ir não adianta nada mais para nois aui ficamos alegre. (...)

5.3.5. Relação entre o consumo e a produção de lixo

Como dito, esta relação aparece poucas vezes, em apenas 8 citações, embora seja uma relação que cremos fundamental no trato e na solução do problema do lixo, como discutiremos mais adiante. Reflete, de certa forma, o encontrado na análise do discurso oficial, do capítulo anterior. Em geral a relação é bem direta, uso e descarte:

O lixo vem de coisas que não + precisamos, ou seja restos. (...) O ser humano, produz muito lixo. (...)

(...), as pessoas que fizerão o lixo se não fosse por nos não ia ter lixo

Uma delas deu um detalhe do caminho que o lixo percorre:

Lixo é uma coisa que quando nós usamos algo e depois joga fora é um lixo, por exemplo eu uso uma lata de leite e joga fora essa lata vai para uma licheira maior tipo a que tem no morro do céu (...).

Outra em relação à mudança na composição do lixo e no descaso que sempre tivemos com ele:

O lixo já vem sendo produzido há muitos anos, mas nunca foi levado a sério. Por não ser levado a sério, com o passar dos anos viemos produzindo lixo que demora anos para se decompor, sujando ruas, rios, matos, etc... (...)

E outra tece um comentário interessante, dentro de sua visão e realidade vivida, do desperdício que a sociedade faz:

O lixo é uma coisa todos fazem vários proveitos e jogam fora, mais não fazem o aproveitamento certos por que tem a coleta dos lixos que são criados, por várias coisas maneiras ou seja cestos, brinquedos, etc... (...)

5.3.6. O lixo não deve sair daqui

Por último nesta categoria, os três que por conta da necessidade das pessoas, acham que a lixeira não deveria acabar:

(...) não quero que tire o lixo da li se não eles vai passa fome

(...) si alixeira acaba muntas pessoas pasara fome em tam eu acho que alixeira não deve acaba. (...)

(...). A minha mãe acha que o lixo não pode sair porque tem muitas pessoas que tem que se sustentar lar no lixo e com tudo isso tem que respeitar o trabalho dos outros.

Apenas estes citaram diretamente o fato de que se a lixeira sair pessoas passarão fome, pois não têm trabalho nem como se sustentar. Porém sabemos que muitos outros podem ter dito isto de forma indireta, quando falam, por exemplo, do aterro como forma de trabalho ou quando nos dizem tudo o que pode ser conseguido dentro da lixeira – inclusive comida (o que será analisado mais adiante).

5.4. ASPECTOS AMBIENTAIS

São outros aspectos negativos do lixo, ligados ao meio ambiente, além dos que já foram trabalhados na categoria “Lixo e morte”. A diferença é que aqui não se tem uma ligação direta com a morte. Aspectos como o mau cheiro, poluição, a sujeira que causa em certos lugares, entre outros, receberam 121 citações, ou seja, 16% do total, em 92 redações.

5.4.1. *Mal cheiro*

O mau cheiro do lixo é o campeão de citações nesta categoria. Foram 52 redações que fizeram referência a este aspecto do lixo, de diversas formas. Como por exemplo, simplesmente citando o fato:

(...) ela fede muito (...)

(...). Eu e minha família moramos distante mais quanto o sol esquenta é um mal cheiro horível. (...), as pessoa que mora lá não aqueita o cheiro. (...)

E a constatação de que ele vai longe:

Como eu não moro no morro do Céu a licheira não me incomoda mas as vezes o cheiro chega la na minha casa no morro da igreja, (...)

Em algumas redações, o mau cheiro foi relacionado a alguma doença ou outro mal:

(...) o lixo contaminado pode contaminar o ar que nois respiramo guanto o tempo esta alrejado podemos centir o xeiro do lixo poluindo o nosso ar (...)

(...), nós não podemos entrar por que tem um fedor muito forte para criançar que pode ficar doente. (...)

Ou relacionando o mau cheiro com a atração de vetores:

O lixo ele fede (...) fede tanto que pousa muitos mosquitosque bota ovo e dos ovos nascem as larvas(...)

Às vezes o cheiro não é exatamente só do lixo:

(...) Tem também uma água com chero muito forte e insuportável (...).

(...) de baixo de lixo tem um gais címico poriso a liseira fedi munto (...)

Apesar do cheiro, o lixo ainda é bom, pois alimenta e ajuda as pessoas, como já vimos:

(...) No lixo tem coisas boas e coisas ruim, a boa e que alimenta muitas gente, tem gente que monta até casa, o ruim que (...) tem um geirro ruim (...).

(...) não e cherosa mas ela ajuda aquelas mães (...) não fale que ela fede pode fede mas ela ajuda bastante (...)

Embora outros não concordem:

(...) não sei como que ele consegue trabalha com o mau chero do alimento com as moscas e iseto (...)

O cheiro pode ainda ficar pior, de acordo com o tempo:

O lixo de manhã fedi muito e ainda mais quando da a quela chuva bem forte e quando da a quele sol bem forte ai vem aquele fedo quado nos estamos tomando café (...).

Quanto ao cheiro incomodar a todos da região, apenas uma redação disse que não (a primeira abaixo), enquanto outras disseram o contrário:

(...) O cheiro naõ incomoda mas aos moradores, porque eles já estão acostumados com o mal cheiro.

A lixeira além de transmitir um mal cheiro horrível, (...) Todos que moram aqui em cima, no morro reclamam do mal cheiro e com razão. (...)

5.4.2. Chorume

O chorume, embora um termo técnico e talvez desconhecido de muita gente, recebeu citações em 19 redações, o que dá 13% do total de crianças. Algumas delas têm uma relação muito estreita com o chorume, pois vivem bem perto da saída da canalização do aterro. Outras fazem referência sem citar o nome. Outras conhecem de ouvir falar, além das duas citações, já feitas, do chorume que deságua na Baía de Guanabara.

Em muitas das redações o chorume é visto como uma “água”:

O lixo tem uma água preta que chamo de chorume agua preta fede muito (...).

(...) e a água podre que sai do lixão pode criar muitos problemas muito graves (...)

Uma vez chamado do “esgoto”:

(...) tem um esgoto de lixo se incosta nele se contamina todo (...).

Em algumas um certo exagero e desvirtuamento de sua periculosidade:

(...) Um exemplo de um grande problema, é aquela água preta que existe na “lixreira do morro do céu” chamada de, “churume” o maior problema do “churume” é que só ao se aproximar dele você corre o risco, de pegar câncer. (...).

(...) Lá tem uma água poluída se ela ter espinhar em você você fica com os seus corpos todo manchado. E tem uma água quente e igual uma água de café quando está fervendo. (...)

Como era de se esperar, principalmente por quem mora perto, a reclamação em relação ao cheiro:

(...) Tem também uma água com cheiro muito forte e insuportável e o chorume á cor da água preta e suja. (...).

E dois relatos de alunos que foram fazer uma pesquisa na saída do chorume quando operários estavam fazendo a obra para contenção e coleta do chorume para tratamento:

(...) eu fui a onde estão fazendo uma obra perguntei algumas coisas sobre o chorume e o chefe da obra disse que não podia dar nem uma informação sobre a obra eles fizeram um muro e botaram um portão. pelo o que eu sei estão cavando onde está água do chorume e agora está pouco chorume. O que será que eles estão tentando fazer ali.

(...). 15/05/03 Nesse dia nos fomos fazer uma pesquisa lá no chorume. Pedimos uma informação. Eles não deram porque era proibido. E mandaram nós irmos embora...

5.4.3. Sujeira das ruas, chão e outros

Já houve época em que lançar lixo às ruas era comum e aceito social e legalmente. Apesar de em Roma, já em 45 a.C., haver leis em relação à conservação das ruas – exigindo, por exemplo, que a limpeza das calçadas até o meio da rua fosse feita pelo proprietário da casa (Eigenheer, 2003, p. 44) –, a decadência e queda do Império Romano levaram muito das conquistas sanitárias. Na idade média a situação era outra. Segundo Eigenheer (idem, p.53)

ainda no século XIV era costume a armazenagem e o despejo de excrementos humanos e animais defronte às casas. E complementa: “até 1372 era permitido, em Paris, ‘lançar-se água’ direto das janelas, bastando que se gritasse três vezes: ‘Gardez léau’” – e não se constituía o lançamento, certamente, apenas de água. Outro exemplo desta época temos em Bordeaux, na França, onde o volume de dejetos nas proximidades dos portões da cidade eram tão grandes, que poderiam se constituir em perigo de segurança, pois poderiam ser escalados e atravessarem-se as muralhas (Juncá, 2004, p. 49).

Hoje no Brasil o hábito de lançar-se fora, em qualquer lugar, aquilo que não nos interessa mais ainda persiste. Assim, por exemplo, se estamos com um refrigerante em lata na mão, e ainda o queremos, ficamos e andamos com ele o tempo e distância que se fizerem necessários. Quando este acaba, ou não mais o queremos, a lata vira lixo e deve ser descartada – e quanto mais rápido melhor! Quem fuma anda com uma carteira de cigarros – no bolso, na mão, na bolsa – pelo tempo que for, se ela ainda contiver um cigarro que seja; terminado aquele último cigarro, a carteira vira algo sem valor e deve ser jogada fora. Muitas vezes estes objetos, estando a pessoa na rua, vão para o chão.

Quanto a este aspecto, foi destacado pelas crianças a questão do lixo jogado ou espalhado em lugares diversos. Neste tema entraram as referências ao lixo jogado nas ruas, no chão – independente de onde – ou em outros lugares “em terra” (pois em mar, rios e valões são temas em separado, descritos mais adiante).

Neste tema foram 15 citações. Dentre elas aquelas que fizeram a relação direta do lixo no chão com as pessoas que jogam. Podemos perceber em alguns, inclusive, uma relação feita entre este hábito e a formação de uma “lixreira”:

(...) O lixo aparece quando nós não cuidamos, jogando lixo nas ruas e assim vai crescendo e quando vamos ver já está uma lixeira. (...).

(...) a lixeira começou pasando em geração muitas pessoas jogando lixo na rua aqui no morro do céu (...).

Há aqueles que dizem que este hábito é errado e não devemos fazer:

(...) nós não devemos jogar lixo nas ruas nas calçadas (...).

Inclusive explicitando as consequências:

(...) O lixo nós nunca devemos jogar os lixos na beira da rua por que pode contaminar e pode matar os animais (...).

(...) por que você e muitas outras pessoas jogam lixo nas ruas, (...) o lixo é arrastado e (...) entope boeros e (...) acaba inundando a sua cidade (...) Então não jogar lixo nas ruas (...)

5.4.4. Poluição do ar

Várias redações se referiram ao termo poluição, algumas se referindo especificamente à poluição do ar. Apenas uma, porém, especificou de que jeito o lixo pode poluir o ar:

(...) O lixo, quando o queimamos poluir o ar, (...).

Houve também uma outra tentativa, embora se referindo à fumaça dos caminhões e o equívoco de “poluir o ar carbônico”:

Eu vejo o lixo do morro do céu eu vejo como uma poluição do meio ambiente que polui o ar carbônico e o nosso pulmão como assim: assim a pueira dos caminhões entram nos nossos pulmões fazendo agente torsir, (...). Também quando eles mandam aquele vapor do lixo do morro do céu (...).

Considerando que as redações não especificam de que forma o lixo polui o ar, a impressão é que a criança se refere mais especificamente ao cheiro do lixo. Impressão mais acentuada na última frase da citação acima e também quando a criança se refere ao lixão, como abaixo:

Eu vejo a lixeira do Morro do Céu não como a pior coisa do mundo, mais sim como uma poluição do ar que só nos trás doenças e problemas. (...).

Além do “ar carbônico” tivemos outro equívoco:

(...) polui o oxigeneo (...).

E outras citações à poluição do ar menos específicas:

(...) o lixo contaminado pode contaminar o ar que nois respiramo (...) poluindo o nosso ar (...)

Outra delas também se referiu às fumaças dos caminhões – que parece incomodar – e nos disse como o lixo, sendo separado, não poluiria mais o ar:

(...), se colocassem filtros as fumaças dos caminhões não poluiriam o ar como o lixo separado não poluiria o ar.

5.4.5. Lixo no mar

A praia (ou mar), foi outro local em que o lixo incomodou, aparecendo esta referência em 9 redações.

(...), e tam- se um saco de lixo cair no mar pode poluir a água e os peixes morrer porque tem coisas ali dentro tóxicas então tem que evitar de não cair na água, (...)

Também apareceram dicas do que não se deve fazer. Inclusive, das quatro vezes que a palavra “higiene” apareceu nas redações, duas estão aqui:

(...) não jogue lixo nas praias porque é uma falta de igiene (...)

O lixo e uma coisa que todos temos que ter igiene e não temos que jogar lixos, nos rios, praia e no mar (...)

Aparece uma vez a relação, um pouco incompleta, do lixo sendo carregado às praias pelas águas das chuvas:

(...) quando chove o lixo se espalha pra todos lados como a praia de charitas ele tem lixo quando eu ia pra praia de charitas um dia chuveu e eu falei assim sabado eu vou pra praia e quando eu cheguei sabe o que eu encontrei lixos sacola de lixo (...)

E a relação da lixeira, com sua produção de chorume, que irá desaguar na Baía de Guanabara:

(...) A lixeira não prejudica so moradores local, o chorume que ela produz atravessa Miterói, São Gonçalo, e vai cair na Baia de Guanabara prejudicando a vida marinha.

(...) E ainda tem o “chorume” (liquido de cor escura escorre dos lixos) que além de fazer mal deságua na Baía de Guanabara. (...)

5.4.6. Lixo nos rios e valões

Da mesma forma que no mar, o lixo nos rios e valões também aparece, porém com menos citações (apenas 5), embora eles vivam em uma região de rios. Como já dito, e aqui se repete, aparece em quatro das cinco citações, as dicas do que não se deve fazer:

(...). O lixo pode contaminar os rios, lago e cachoeira mas muitas das vezes, são as pessoas que joga os lixo nos rios lago e cachoeira (...).

(...) nós não devemos jogar lixo nas ruas nas calçadas e nem nos valões. (...).

5.4.7. Nojo

Nojo: “1. Enjôo, náusea. 2. Asco, repulsa. 3. Mágoa intensa. 4. Enfado, tédio” Ximenes (2000, p. 662)

Aqui, as referências à palavra “nojo”. Aqui, no caso, das 5 citações à palavra, três se referem aos animais que o lixo atrai:

(...) O lixo atrair também muitos animais nojentos com rato, barata (...).

(...) as mosca fica deto de casa as mosca são um iseto muito no jentos. (...).

Na lixeira temos porcos, ratos, baratas, urubus e muitos outros animais nojentos. (...).

Um relato sobre as “coisas” do lixo:

O lixo ele fede tem varias coisas nojentas (...)

E também apenas um sobre ter este sentimento em relação ao lixo em si:

(...). Hoje minha relação com o lixo e totalmente distante, meu pai não deixa que chegue perto do lixo. Só trabalhei lá por que minha precisava por alimentos dentro de casa, mais ela morreu e hoje vivo com meu pai, que tem nojo do lixo. (...).

5.4.8. Lixo como causador de enchentes

O lixo como causador de enchentes, comum em notícias sobre enchentes ou afins, só mereceu duas referências. Uma apenas citando o fato, outra dando um pouco mais de detalhes:

(...) Na sua casa por que você e muitas outras pessoas jogam lixo nas ruas, e quando chove em 1o lugar o lixo é arrastado e em 2o lugar e entope boeros e em 3o lugar rios transbordam e acaba inundando a sua cidade e também é obvel sua casa e a casa de outras pessoas. (...)

5.5. REFERÊNCIAS INSTITUCIONAIS

De forma direta ou indireta, diversas instituições e poderes estão envolvidos com a questão do lixo e do aterro na região. Como vimos no capítulo da descrição da área, lá existe uma escola (onde os autores das redações estudam), uma creche, o projeto Chico Mendes (no âmbito da campanha “Criança no lixo nunca mais”), um posto do médico de família e o Centro de Controle de Zoonoses da cidade, anexo ao posto médico. Além disso, obviamente, a empresa que administra a coleta de lixo, a limpeza da cidade e o aterro: a Clin.

Nem todos os envolvidos foram lembrados e as referências foram poucas, salvo os casos à escola e ao poder público de uma forma geral.

5.5.1. Ao poder público

Iniciamos com as referências ao poder público. Aqui estão todas as lembranças, 19 ao todo, à prefeitura, ao governo e a políticos, mesmo nominalmente. Algumas já foram analisadas no tema “Discursos Politizados”. Exemplo do nome do ex-prefeito, citado duas vezes. Geralmente, estas referências são de reclamações, tanto pela implantação da lixeira:

(...) Em vez da prefeitura, do governo e principalmente do Presidencio se enportarem com isso, (...).

Como pelo fato, na visão deles, do poder público não fazer o que deveria:

(...) Ai eu pergunto cadê o governo que não vê isso será que eles não sabe que lixeira e somente lugar de lixo e não um local de trabalho?

O que também leva a cobranças por alguma providência:

(...) Algum prefeito ou governado tinha que acabar com a lixeira tira as crianca do lixo dar um imprego melhor para esta pessoa.

E uma reclamação da falta de cobrança pelos próprios moradores:

(...) Eu tenho muita pena nem muita por que eles quer saber se eles pudesem im na prefeitura reclamar eles tirarar o lixo. (...).

Além disso, há também reclamações das promessas não cumpridas de retirada da lixeira o Morro do Céu:

(...) A lixeira do Morro do Céu, ela tem mais de 15 anos aqui o Prefeito disse que ia tira ela da qui, Mas nunca cunpril sua pronesa (...)

(...) Muitos políticos prometeram que iam acabar com esse lixo todo do Morro do Céu, mais até agora nada. (...).

Por fim, há também cinco referências positivas ao trabalho que a prefeitura realiza. O exemplo abaixo se refere ao trabalho feito na contenção e captação do chorume; o aluno mora ao lado das obras:

(...) Hoje eu vejo que melhorou muito com o trabalho feito pela prefeitura, (...).

5.5.2. À escola

Por 18 vezes a escola foi citada nas redações. A maioria delas fazendo referência às crianças que estão no lixo e que, por isso, não vão à escola:

(...) e também não ter um futuro melhor essas crianças inves de está na escola aprendendo coisas legais elas estão trabalhando ilegalmente.

(...), crianças que ao inves de está na escola estão no meio de um monte de lixo para poder ajudar em casa. (...)

Aliado ao fato das crianças não estarem estudando, temos a possibilidade de, através da escola, sermos “alguém na vida” e termos um “futuro melhor”:

(...)Todas as criança deve está na escola todas elas pode ter um futuro melhor. (...) As mãe desa criança deve trabalha e bota os filhos na escola para ter um futuro melho. Todas as criança deve ter um futuro melhor não nas lixeiras mais na escola (...)

O que é reafirmado quando comparam o nível de instrução das pessoas (dos adultos), que hoje trabalham no lixo:

(...) Porque eles não tem estudo sem os estudo eles não consegue emprego É não consegue vense na vida (...)

(...), respeito quem tem dificuldade a ler, escrever e ter uma escola. (...).

Inclusive a escola e as possibilidades que ela traz para o futuro, também são uma forma de fugir do caminho da violência que muitos traçam:

(...) por que muitas criança não estuda para ter uma vida melhor e pode ir para os crime porque não estudaram para ser cidadão.?

Esse aspecto do estudo como perspectiva de um futuro melhor também é apontado em outras fontes, como em Ribeiro e Santos (op.cit.).

5.5.3. Aos trabalhadores do aterro

Chamamos aqui de trabalhadores do aterro as referências àqueles que operam as máquinas, tratores ou caminhões dentro do aterro. Diferentemente, desta forma, dos catadores, que também atuam dentro do aterro, e das referências aos garis e lixeiros, que atuam fora da lixeira, na varrição ou coleta domiciliar e que serão nosso próximo tema.

Estes profissionais não foram muito lembrados, assim como também os garis e lixeiros. Foram apenas oito referências, na maioria das vezes tratados como “eles”. Consideramos estes “eles” como sendo dos operadores do aterro pelas referências que fazem. Neste tema não foram incluídas as referências ao trabalho no aterro quando as crianças só se referiram às máquinas; por exemplo “quando o caminhão joga”.

Algo que chamou atenção foi o fato de as referências não serem muito positivas. Por apenas duas vezes é citado o trabalho que fazem como trazendo, ou tentando trazer, benefícios:

(...) E eu vejo a lixeira do morro do céu com muito muito lixo, gue eles tentão limpa reforma mais não consegue (...)

(...) Agora no momento a lixeira está com menos mau cheiro, porque eles estão aterrando, diz que vão fazer reciclagem (...).

A operação das máquinas é citada algumas vezes, mas como algo perigoso e inseqüente, como se estivessem utilizando as máquinas contra os trabalhadores (catadores) do aterro. Embora acidentes sejam citados mais de uma vez, em uma delas o motorista é citado em seu atropelamento involuntário:

Ai veio uma caçamba e o motorista já não tinha muito controle e passou com a roda da caçamba por cima do monte de papelão justamente o monte de papelão que o meu colega estava dormindo tapado com um papelão. (...)

Até mesmo o cheiro do lixo é atribuído a eles uma vez:

(...) Também quando eles mandam aquele vapor do lixo do morro do céu como melhor dizendo da lixeira. (...).

E por duas vezes, o trabalho que realizaram na saída do chorume foi citado, quando um grupo de alunos foi perguntar o que estavam fazendo, mas não receberam informações e, pelo testemunho, não foram muito bem tratados (já citados no tema “Chorume”).

5.5.4. Aos garis e lixeiros

Como dito antes, aqui se encontram as referências aos profissionais que trabalham na limpeza das ruas e na coleta domiciliar. Também foram poucas as referências, apenas sete. Duas delas com reclamações:

(...) Lá na minha rua a onde eu moro tem muitos lixos, os caminhos de lixo vai pegar os lixos mas uma vez na vida e outra vez na morte. Quando o caminhão vai pegar os lixos eles não pegam tudo deixar sempre lixos espalhados (...).

(...) mais os trabalhadores também tenque colaborar não deixar saco voar como tem acontecido e etc... (...).

Três comentando o trabalho que desenvolvem, que é recolher o lixo:

(...) Uma ves na cemana os lixeiros recolhem o lixo que nos jogamos fora jogam no camilhão oque os levara ate o lixão o lugar aonde fica o lixo de toda a cidane no no nosso caso no Morro do céu. (...).

E uma outra se refere ao tipo de lixo que recolhem do mercado:

(...), la cai biscoitos fora da validade alguns na validade mais e meio difícil cai iorgut, leites, manteiga que os homens que traz pega do mercado (...)

5.5.5. Ao projeto Chico Mendes

Foram feitas também algumas referências (6) ao Projeto Chico Mendes, o qual já foi explicitado anteriormente. Estas referências aparecem também em outros momentos e faço comentários sobre o projeto mais adiante.

Apenas uma citação nos diz claramente que não há mais crianças no lixo:

(...) porque quando não tenha projeto as criança viviam tudo na lixeira se a prefeitura não botava o projeto no morro do céu a também toda mundo na lixeira hoje não ficou na lixeira nunca mais ficaram no lixão

Enquanto outra diz que as crianças foram acolhidas pelo projeto, inclusive com o mote da campanha na qual já nos referimos:

(...) as pess dizem que tem vergonha de dizer que trabalha lá por isso que o projeto Chico mendes acolheu as crianças que viviam lá. lugar de crianças é na Escola é estudando para ser alguém na vida. Crianças no lixo nunca mais

Uma delas diz que a maioria se sustenta pela bolsa:

(...) A maioria se sustenta pelo pete do projeto se não fosse o pete os moradores do morro do céu (...). [refere-se ao PETI – Programa de erradicação do Trabalho Infantil]

Duas se referem à mãe:

(...) mas graças adeus autrojeta mia mãe não trabalha mas no lixão

(...)a minha mãe trabalha no progento que foi evitada para tira as criaça da lixeie (...)

Por fim, uma descrição diferente:

(...) tem um projeto que ajudam as pessoas a conseguirem realizar o que quer aprender O projeto é um lugar que encina ajuda na dificuldade e é um tipo de escola.

5.5.6. A médicos

Os médicos são pouco citados, embora a relação lixo/vetores/doença seja bem marcada e citada, como vimos no início do capítulo. Apenas quatro alunos se referiram a esta categoria profissional, além de um que se referiu ao médico de família como algo que se poderia fazer na lixeira. Apesar disso, existe um posto de médico de família e este é bem freqüentado pela população, visto o percentual de 82,5% de entrevistados que o utilizam, de acordo com o relatório de Ribeiro e Santos (op.cit.).

Interessante notar que, das quatro citações à médicos, duas se referem ao fato da pessoa ficar doente por causa da lixeira (inclusive ambas por pisarem em algo), se curarem com o médico e terem que voltar por não terem opção:

(...) e ali pisa em vaso quebrado corta o pé vai pro medico e vouta sem o que cume e vai pra lixeira não tem abrigo e não tem comida.

(...) eles podem fura o pé com a gulha de emgeção a gulha pode ta com algum remedio e depois pode traze muitos ploblemas para os médicos mesmo assim depois de sicora mesmo ele não tem casa e ele vai te que volta. mais se ele tivece uma casa e um trabalho ele não poderia passa o que está passando.

Este fato reflete um pouco a situação citada em entrevista pelo médico do posto de família segundo o qual, em situação de verminoses, eles curam os pacientes (notadamente as crianças) e em pouco tempo, questão de talvez três meses, estão de volta com os mesmos sintomas.

5.5.7. À mídia

Apenas 5 alunos fizeram alguma citação a jornal ou televisão. Um deles se referiu ao interesse que a lixeira desperta, atraindo pessoas para filmagens:

(...) tem vezem que vão pessoas para fumar a lixeira (...).

Outro se referiu a um acontecimento que teria aparecido até na televisão. Seria, talvez, o mesmo acontecimento, em Olinda, de uma família que supostamente comeu carne humana e que teria dado início, pela Unicef, ao projeto Lixo e cidadania:

(...) uma ves um casal comeu o peito da muler pensando que era carne até pasou na televisão (...).

A televisão aparece de novo, mas agora como um fator negativo que envolve as crianças que trabalham e vivem na lixeira – o fato de não assistirem TV:

(...) Eles vivem de catar lixo. Não vêem televisão, não brincam e o principal, muitos não vam a escola (...).

E o jornal aparece duas vezes, uma sobre as notícias de morte, de alguma forma aqui relacionadas como o lixo:

(...) tome cuidado onde você joga lixo [do ônibus} tome cuidado essas vidas que morrem que no anuncio no jornal diz essas vidas faz falta no Brasil ou no mundo (...)

E na outra como fonte de trabalho, através dos anúncios de empregos. Aqui é uma crítica a quem trabalha na lixeira que “só quer mole” e “se quisesse”, conseguiria um emprego:

(...) Na morte não por que eles não quer enfrentar uma casa de família se eles quiseste trabalhar no jornal o fluminense tem muitos trabalho de casa de família. (...)

5.5.8. À creche e orfanato

Não há orfanato no local, mas foi uma vez citado em uma redação que contestou o racismo e a situação precária de crianças em geral. Em compensação, há anos existe uma creche que atende aos filhos dos catadores e também só foi citada uma vez. Esta creche se localizava em um terreno dentro da área do aterro, não encostado ao lixo, de forma precária. Foi construído um novo prédio, em um terreno em frente ao aterro, perto de uma das entradas.

(...) Por que muitas criança fica no alfanato porque tem na que tem rasismo com criança morena se alguma pessoa te pedise para adotar uma criança que está com doença o que você faria adotace ou não adotace?(...)

(...) Lá na lixeira eles agora tão aterrando vai dece mais para onde era a creche agora a creche vai para o ponto final do ônibus (...)

5.5.9. À igreja

Uma única vez também foi a referência a uma igreja – sem a orientação religiosa – citando-se o trabalho assistencialista que fazem com os catadores:

(...) UM DIA A MINHA IGREJA FOI NO LOCAL VER COMO ERA A SITUAÇÃO DAS PESSOAS QUE CATAM LIXO E AXARAM MELHOR AJUDALAS. (...)

5.6. ANTES E DEPOIS

Como já comentado em capítulo anterior, a região foi descaracterizada com a ida do lixão, há mais de vinte anos. De lixão passou a aterro controlado e aos poucos algumas melhoras são efetuadas. Nesta categoria só há dois temas: relacionados àquelas redações que citaram como era a região antes da lixeira, e àquelas redações que citaram alguma melhora percebida na região ou no aterro.

5.6.1. Melhoras no aterro

Como dito, algumas melhoras aos poucos o aterro vem sofrendo, e 15 das crianças se referem a elas, seja por experiência própria (de morar perto, por exemplo, e ver e sentir alguma mudança), seja de ouvir falar de algo, como a usina, ou ainda ter uma visão mais externa, visto que, se não moram lá, ao menos estudam perto da lixeira.

Alguns se referiram às usinas, como já mostramos, relacionando-a com as melhoras que crêem estar acontecendo, mesmo incorrendo em equívocos. Relacionam também o fato da usina ser bom porque trará trabalho para os catadores:

(...) tem alguma coisa muito legal que está acontecendo e uma alzima que está acontecido lá tem algumas pessoas que vai trabalha lá as pessoa que trabalha na lixeira.

E, além da usina, também o aterramento – que de fato está ocorrendo em certas áreas – está sendo sentido:

(...) Já teve várias reuniões para acabar para acabar com o lixão. Então ião fazer uma uzina, tapando o lixo com a terra já está sumindo uma grande quantidade. (...).

(...) como a lixeira já esta sendo aterado e muito bom por que as crianças não vão ficar com chance de pegar um doença, (...)

Outro aspecto que aparece, junto com outros, é a mudança que ocorrem, como as casas que são desapropriadas (e outras doadas em outro lugar) e a creche que foi removida:

(...) Alguns moradores estão sendo removidos das suas casas para outra, para dá lugar a lixeira.

(...) agora a creche vai para o ponto final do ônibus e isso tudo que eu sei sobre a lixeira do morro do Céu

Dentro destes aspectos já abordados, citações que parecem conhecer de perto e diariamente os problemas e as mudanças ocorridas:

Há algum tempo atrás a lixeira causava um mal para nossa saúde tínhamos que conviver com mal cheiro moscas, ratos, mosquitos e o chorume que escorria do lixo. Hoje eu vejo que melhorou muito com o trabalho feito pela prefeitura, as obras para contenção do lixo e também está sendo construída uma usina p/ reciclagem do lixo. Hoje mudou muito para melhor contribuindo para minha saúde e da minha família.

Outra que não sente tanto:

A lixeira já está sumindo. Mas não parece que está. (A prefeitura deu um prazo até junho) (...)

5.6.2. Como era antes

Por motivos óbvios, aquelas crianças que citaram como era a região antes de começar a receber o lixo, o fizeram através do que os adultos, moradores mais antigos, lhes disseram. Dois têm uma visão um pouco distorcida da realidade, como se a própria população local fosse responsável pela lixeira, jogando lixo no local, mas mesmo assim, tentando definir como o lixo foi parar naquele local:

Eu sei que a lixeira do morro do céu era um lago muito bonito e as pessoas poluíram ele e ele secol e foi jogando mais lixo nele e ele agora e a lixeira no morro do céu

(...). a lixeira começou passando em geração muitas pessoas jogando lixo na rua aqui no morro do céu tinha muito mato arvores intam cortaram as arvore capinaram ate deixar um bam espasso para jogar lixo entulho (...).

Outros apenas comentam de como era o local antes, sem entrar em detalhes de como a lixeira pode ter ido para lá:

Há muitos anos que a lixeira já está aqui, mais ou menos 18 anos. Quando entrou a lixeira, só tinha árvore era um lugar muito bonito, não tinha, mau cheiro, nem mosquito. Os moradores tinha mais saúde, as suas casas tinha mais valor. Há única coisa que melhorou foi que fizeram asfalto, e água encanada, rede elétrica e rede de esgoto. (...).

5.7. OUTRAS REFERÊNCIAS

Dentro desta categoria foram incluídas referências a pobres e ricos e a Deus ou religiosidade. Embora antes nos referimos às citações às igrejas, aqui colocamos as referências à qualquer tipo de religiosidade, não necessariamente à instituição igreja, mesmo apenas uma menção à Deus.

5.7.1. A pobres x ricos

Duas redações apenas se referiram às pessoas da região, especialmente as que catam na lixeira como “pobres”, embora falem a mesma coisa de outro jeito. Aqui a palavra exata é utilizada:

(...) e tem muita gente rica que ajuda os pobre para não passa fome e da casa para eles não durmi na lixeira e não come coisa estragada do lixo porque faz muito mal (...).

Na lixeira do Morro do Céu moram muitas pessoas pobres que catam restos de comida para ter o que comer (...)

5.7.2. A Deus ou religiosidade

Seis alunos se referiram a Deus, dentre eles aquele que se referiu à igreja, já citado. Três referências foram com as expressões “graças a Deus” e “se Deus quiser”, normalmente utilizadas, o que sugere que possa ter sido apenas força de expressão:

(...) mas graças a deus autrojeto mia mãe não trabalha mas no lixão

(...). minha familia graças a deus nunca passou essas necissidades Minha mãe e meu pai disseram que quando eles se casaram passaram sertaz nessecidades.

Porém duas se referem especificamente à Deus, agradecendo alguma ajuda recebida, demonstrando um certo devotamento:

(...). A lixeira seria bem melhor ser ela sair de lá por que ser não vão deruba a minha casa e eu não vou ter a onde morrer mais mesmo assim eu estou feliz por quê se não fosser deus na minha vida eu estaria muito triste. (...)

(...) oge eu só muito feiz para sempe teamo Jesus. muito obigrado

5.8. OUTROS ELEMENTOS

Esta categoria está colocada à parte das outras, pois não entrou nas estatísticas apresentadas na tabela 5.1. Considerei os temas aqui abordados muito subjetivos para se fazer uma contagem, com o risco de se incorrer em erros. Porém, são temas extremamente importantes para o estudo e para o entendimento da forma de pensar das crianças.

Temos aqui analisados os equívocos cometidos, algumas lendas ou histórias repassadas de boca em boca, as possíveis apropriações do discurso oficial, a descrição que alguns alunos fazem do que há na lixeira e a visão que eles têm do lixo e da lixeira como algo bom ou ruim.

5.8.1 Lendas e Histórias

Lenda: 1. Tradição popular. 2. Narrativa fabulosa, em geral transmitida oralmente pelo povo. 3. Mentira, invenção. (Ximenes, 2000, p.576)

Chamamos de lendas as histórias que são repetidas e repassadas de boca em boca. Algumas têm um fundo de verdade, outras nem tanto. As versões variam para o mesmo fato, dado sempre como verdade absoluta. Uma das mais conhecidas é quando o trator passou por cima de uma pessoa adormecida no aterro, coberta por papelões.

Outra, que aparece algumas vezes, foi quando uma família se alimentou de um seio achado no lixo. Segundo a lenda o seio tinha câncer, e as pessoas que o comeram pegaram câncer. História parecida com a que motivou a Unicef a lançar o Fórum Lixo e Cidadania e posteriormente, a campanha “Criança no lixo nunca mais”.

Estas histórias são também repassadas verbalmente, na escola, no dia-a-dia. Eu já tive oportunidade de ouvir algumas vezes, especialmente a do seio e a do homem que o trator passou por cima dele, que aparece algumas vezes:

(...) E as vezes até uma lixeira tira a vida de um ser humano, como a do meu colega que trabalhava a noite na lixeira, e teve um certo dia que ele foi trabalhar na lixeira com os colegas há noite e estava muito cansado e deitou pra dormir num monte de papelão, perto da estrada onde os caminhões passavam. Ai veio uma caçamba e o motorista já não tinha muito controle e passou com a roda da caçamba por cima do monte de papelão justamente o monte de papelão que o meu colega estava dormindo tapado com um papelão. Foi tarde demais o motorista passou com a roda por cima da barriga dele. Ele morreu no meio do lixo, mais justamente no meio desse lixo que ele ganhava a vida trabalhando para sustentar a família dele

Este fato, pelo que pude perceber em conversas com pessoas que trabalham na região, é verdadeiro e realmente uma pessoa morreu desta forma. Um outro que, certamente, não passa de lenda – pois aparece em outros lugares como verdadeira – como vimos, é a da família que comeu o seio:

(...) Eu já ouvi falar por ai que uma familia que trabalhava e morava na licheira comeu um ceio que foi jogado lá e o ceio estava com cancer de máma e moreram.

Um “contador de histórias” relacionou três em sua redação, as duas anteriores e mais uma, de uma seringa contaminada com AIDS:

(...) Teve uma vez que uma criança meteu a ciringa que ele achou no pai e o pai pegou adis e infeslimente ele faleceu (...). Uma ves aconteceu um acidente úm medingo estava dormido com muitos jornais em cima dele o trator passou por cima dele (...) uma ves um casal comeu o peito da muler pensando que era carne até pasou na televisão (...).

A forma como a lixeira começou (encontrada com detalhes em Dib-Ferreira, 2001), também pode se tornar uma lenda:

(...) a lixeira comecou pasando em geração muitas pessoas jogando lixo na rua aqui no morro do céu tinha muito mato arvores intam cortaram as arvore capinaram ate deixar um bam espasso para jogar lixo entulho varios lixos foi jogado fora nolixo coisa que estam bom jogaram fora sem camdo que estava rum (...).

E tem também as histórias pessoais ou de alguém próximo:

(...) Teve um dia que ia indo pra o serviço atarde acabei dando de cara com um pé que os carros dos ospitais jogam ali. (...)

(...) Uma vez a colega da minha prima deu pra ela batata da lixeira para ela. Ela comeu sorte que ela não morreu (...)

5.8.2 Descrição do que tem na lixeira / tipos de lixo

Quase cem redações citaram objetos que são encontrados no lixo. Alguns citaram apenas os mais conhecidos: latinhas, garrafas Pet, papelão. Digo serem os mais conhecidos porque são, de certa forma, sempre notícia nos meios de comunicação, seja com os problemas que trazem (as garrafas Pet invadindo praias por exemplo), seja em projetos de coleta seletiva – especialmente as latinhas. Inclusive são eles que estão presentes nos latões coloridos característicos da coleta seletiva: papel/papelão, plástico, vidro, metais.

Outros alunos foram de uma riqueza de detalhes impressionante, com um grande rol de coisas, objetos, alimentos; tudo aproveitado por eles. Nesta categoria podemos ver também a relação que eles têm com o lixo: embora, com poucas exceções, como já vimos, eles neguem ou omitam uma relação mais estreita com a lixeira, aqui muitos a descrevem minuciosamente.

Os objetos podem ter sido citados pela criança com o intuito mesmo de dizer o que tem na lixeira ou podem aparecer dentro de uma frase em que ela comenta o que as pessoas catam e com o que sobrevivem. Considerarei aqui qualquer citação a algo que se encontre no aterro, que “cai¹⁴” ou que as pessoas jogam fora e vai parar no aterro.

Vou citar todos para dar uma visualização melhor, além dos recortes das redações. Novamente cito o objeto e ponho em parênteses a quantidade que apareceu (se não há quantidade, apareceu só uma vez). Faço uma separação entre duas coisas que são iguais, mas que a criança tenha colocado um adjetivo. Por exemplo, “comida” e “comida estragada”. Consertei também, aqui, os erros de português.

Objetos citados nas redações: roupas (4), roupa velha (2), roupas novas, sapato velho, sapatos (2), tênis, martelo, prego, serrote, madeira (5), caixote, tábua, jogo de faca, jogo de talheres, jogo de prato, jogo de cama, colchão (2), esponja de lavar, sabonetes, sabão, faca, mesa (2), cadeira (2), cama, sofá, janela, porta, agenda eletrônica, cortina, coberta, meia, laço para prender o cabelo, bolsa, pano, cd, radio relógio, radio, televisão (2), radinhos, armários (2), panelas, dinheiro (2), mochilas (2), lousa, livro (2), caderno (4), lápis (2), caneta, lapiseira, borracha (2), apontador (2), dicionário, quadro de giz, lápis de cor, hidrocór, taboada, pedaço de bicicleta, pedaço de carro, fios, fios de instalações elétricas, pneus (3), pilha, cachorro morto, bichos mortos (2), animais mortos, rato morto, passarinho morto, barata morta, urubu morto, cocô (3), pessoas mortas (2), crianças mortas, neném morto, boneca (2), carrinhos (2), roupinhas, bola furada, bonecos, boneco quebrado, rodas, brinquedo velho (2), brinquedos, coisas de hospital, agulhas (2), agulhas contaminadas, agulha de injeção, seringa, seringas contaminadas, luvas, gazes de hospitais, um pé, pernas amputadas, braços amputados, peito de mulher, fraldas de neném com cocô, garrafas (14), garrafa de álcool, garrafas de refrigerantes, garrafas Pet (3), garrafas de vidro, garrafas de plástico (33), sacos plásticos, plástico (33), lata de leite, latas (10), lata de óleo, lata de massa de tomate, latinha (33), latinhas de alumínio (2), latinhas de refrigerante (2), latinhas de cervejas, metais (15), alumínio (10), cobre (3), Ferro (6), ferro velho, vaso quebrado, cestos, vasilhas, sujeira, carniça podre, entulho (2), resto de terra (2), papel (18), papel branco (2), papel colorido,

¹⁴ Esta expressão é muito utilizada para designar os materiais que os caminhões levam para o aterro. Diz-se que lá “cai” isto ou aquilo. Por exemplo, “Lá cai muita comida”.

papel de biscoito, papel higiênico sujo, papelão (23), caixa de papelão, jornal (5), revistas, vidros (11), pote de vidro, vidro quebrado, vidro de copo, jarra de vidro, caixa de leite, pote de manteiga, saco de açúcar, pote de vidro de maionese, saco de sal, materiais orgânicos, legume (6), carne (4), biscoito (5), iogurte (4), arroz (5), feijão (4), macarrão (3), frutas (7), frutas estragada, restos de frutas, uvas, maçãs, chuchu, caqui, tomate (2), batata (2), cenoura, mamão, manga, pêra, banana, melão, verduras, leite (3), salsicha, queijo, mortadela, presunto, doce, balas, chocolate, manteiga (2), comida que nós não comemos, resto de comida (15), comida (11), comida estragada (2), restos de comida estragada, comida contaminada, alimentos (3), alimentos contaminados, carnes contaminadas e estragadas, carne podre, carne estragada, pedaços de coroa de galinha, muita coisa que vem de mercado.

Podemos perceber a quantidade de materiais citados, chamando atenção a diversidade e detalhamento dos alimentos que são achados. Muitas vezes nas citações, estes alimentos são referidos como de consumo das famílias que lá trabalham.

Temos diversas redações que apenas citaram os tradicionais e mais conhecidos materiais, como falamos:

O lixo, plasticos velhos, papeis rasgados, garrafas de vidro quebrado e ate restos de comida (...) peganto latinhas de aluminio, papelão, papel ferro (...).

É interessante que estes lixos são, na maioria das vezes, relacionados à catação e à reciclagem, chegando até a detalhes da separação:

(...) tem muitos lixo que pode ser reaproveitado como plastico papel, metal, vidro e outras coisas mais (...).

(...) O lixo também pode ser dividido em 5 classes, para ser reciclado. Ex: plástico, vidro, papel, metal e materiais orgânicos. (...).

O lixo proveniente dos sistemas de saúde está presente em algumas redações:

(...) Por exemplo: lixo de hospital vem as vezes pernas e braços anputados, agulhas contaminadas, luvas e roupas.

Há também citações de generalidades, sem especificar um material ou objeto:

(...) O lixo é formado por: sujeira etc (...).

(...) O lixo também só tem coisa podre (...)

Alguns não escondem o que pensam: há muitas coisas legais. Há muita coisa ainda boa e é uma satisfação achá-las. Como nos aponta Eigenheer (2004, p.56), “são outras as ‘coisas’ que fazem a alegria dos catadores (...) Que grande prazer este de ‘achar coisas’!”:

(...), tem a coleta dos lixos que são criados, por várias coisas maneiras ou seja cestos, brinquedos, etc... (...)

(...) ele vem com um monte de coisa boas boneco carrinho boneca umonte de coisa. (...) e as fezes eles acham ate dinheiro acha 1, 2, 3, 4, (...).

Ou então poder transformá-las:

(...) O papelão da para fazer estantes A garrafa da para fazer cadeiras (...)

(...) com lixo, podemos faze vido, mesa, cardeira, livro, cardeno, pastico, metais. (...)

Os brinquedos...

(...) eles cantam bola furada e bonecos quebrado e roupas velha. (...)

As comidas são muito citadas também. Muitos se referem aos alimentos que caem como fonte de alimentação das pessoas; muitas vezes a única fonte:

(...) têm um que morre de fome é quando trabalha encontra pedaços de coro de galinha ou de carne estragado (...)

(...) caminhão cheio de biscoito, chocolate (...) tem vezes que vem ate macarrão, manteiga, arroz muitos (...).

Outra questão que aparece com certa frequência são os corpos que aparecem, sejam animais ou humanos:

(...) ratos cachorro morto (...).

(...) já a pareseu até crianças mortas (...)

E dinheiro:

(...) cha teve gente que cha ajou dinheiro (...) tem um esgoto de lixo (...) latinha e de aluminio (...) garrafa plastico aluminio latinha cachote (...) caminhão de comida (...).

Por fim, algumas redações são bem detalhadas – apesar das crianças não admitirem a frequência no aterro –, demonstrando a satisfação de encontrar coisas: comida, objetos, utilitários...

(...) as vezes as pessoas coseque aranja biscoito iogurte leite aroiz e feijão carne salsixa macarão coisas que ele não tia a ouder ele arañjar e as vezes eles aranja legumes frutas e roupas novas e teneis sabonetes sabam (...) lar cai muita taubar e ela pequar para fazer sua casa elar tabei já caii martelo pergor e seronte jogo de faca e de taleres e de pranto e de cama coichaõ espoxa de lava lousa e ater cai coisa de hospital de colégio cai livro caderno lápis caneta lapizera borracha apodardo dicionario genda eletronica grandro xiz lápis de cor edrocor lápida taboada janela para ponta na casa para colocar nas escola cai porta para coloca no colégio e nas casas que fauta porta mesa para colocar nas casas que não tei camar sofar radio relog para as casas que não tei relógio radio televisão cortina corberta meia laço para abeder o cabelo bousa para careca as coizas moxila para caregar material para colocar material da escola para as crianças entra na escola (...).

(...) tem comida estragada tem rato morto e tem garrafa e tem roupa velha e sapato velho e tem briqueado velho (...) caixa de leite e papel de biscoito e vidro de copo e de jarra de vidro e tem passarinho morto e tem também lata de óleo e lata de massa de tomate (...) e as frutas estragada (...) e tem urubu morto (...) barata morta tem papel higiênico sujo tem caixa de papelão (...) pote de manteiga e saco de açúcar e pote de vidro de maionese e saco de sal e outras coisas (...)

5.8.3 Equívocos

Nas falas das crianças percebemos diversos equívocos em relação aos assuntos abordados. Seja em relação ao próprio lixo, às doenças relacionadas, aos processos de reciclagem ou outros. Temos também o que pode não ser um equívoco, mas um exagero, um excesso em relação ao tema; grande parte deste tema se refere aos exageros relacionados aos perigos que o lixo traz.

As falas, em geral, refletem, como poderemos ver, os temas e os discursos oficiais, porém quase sempre com estes equívocos associados. As visões sobre o lixo podem vir, por exemplo, distorcidas, exagerando alguns de seus aspectos:

(...) voces conhesem o lixo toquicico ele e o mais perigoso poque ele pode fazer nos animais multações que quase ninguem conhese es esas multações podem se pasadas para você se isso passar para nos os humanos e mundo vai virar um caus pessoas morrendo e sofrend florestas destruidas (...)

Equívocos e exageros sobre as doenças também são comuns, em parte já vistos quando analisamos o tema “Lixo como transmissor de doenças”. Os equívocos aparecem seja

confundindo a doença pelo vetor, confundindo os próprios vetores ou superestimando o poder de contaminação do lixo, com doenças que não têm nenhuma relação com este. Ainda assim, se a doença pode ter alguma relação com o lixo, não há como provar que sua aparição se deu por conta da lixeira. Ao lixo é até mesmo conferindo a culpa por toda e qualquer doença:

(...) olixo ele é quase igual a uma fabrica que distribui doenças, (...)

O lixo ele e muito contaminado por isso muitas pessoas ficam doentes elas ficam com todas as doenças que existem (...)

(...) Também á doenças como agonorreia (...) Doencas como parada respiratoria é muito grave pode até matar. (...)

O perigo do chorume também é confundido e exagerado:

(...) o maior problema do “churume” é que só ao se aproximar dele você corre o risco, de pegar câncer. (...).

O perigo de fogo e explosões é constante. Embora possível, também é exagerado:

(...) Ela tem muito gais que podera estora a qualquer momento e algem jogar um palito de fosforo ele pode esprodi ali podera esprodir a calquer momento (...)

A poluição que o lixo traz é disseminada por lugares e espaços equivocados:

Eu vejo o lixo do morro do céu eu vejo como uma poluição do meio ambiente que polui o ar carbônico e o nosso pumão (...).

Nos parece que às vezes as informações são tantas que confundem a cabeça, dificultando o registro de algum raciocínio lógico:

Eu acho que o lixo não e bom pras pessoas como alguns lixos como água chorume doenças, população, hospital, posto farmacias etc. (...)

A maneira como uma lixeira é formada – e o próprio aterro – parece também confundir um pouco as crianças. Se, de um lado, o depósito de resíduos pelas pessoas em um determinado local pode transformá-lo em uma “lixeira” – em uma expressão popular –, creio que a referência que há nas citações abaixo é em relação ao aterro do Morro do Céu, o que demonstra o equívoco sobre sua formação:

(...) O lixo aparece quando nós não cuidamos, jogando lixo nas ruas e assim vai crescendo e quando vamos ver já está uma lixeira. (...) Em Niterói a uma lixeira no morro do céu Caramujo, e nessa lixeira a muita coisas que vem de toda a cidade, (...)

(...) a lixeira começou passando em geração muitas pessoas jogando lixo na rua (...).

Em relação à reciclagem, diversos conceitos, objetivos e capacidade real se confundem:

Ela é uma lixeira que ajuda as famílias que nesicitam e tambem pra fazer resiclagem pra a Escola m. J. D. Anchieta (...) se não foce ela a Escola m. J. d. anchieta não ia ter uníforme por que as coisas desa Escola e tuda resiclado (...)

(...), emfim tambem começaram alzinas de reciclagem que recicla o lixo ospitalar.

A responsabilidade da lixeira ter ido e estar no Morro do Céu, para algumas crianças, é do recente ex-prefeito, que esteve no poder desde 1989:

(...) Eu tenho muita raiva do Jorge Roberto pois foi ele que fez tudo isso. (...)

(...) esse Jorge roberto silveira trouxe o lixão para ca e agora tenta tira mais não consegue mais tirar o lixão do morro do céu.

Outro equívoco é quanto à “retirada” da lixeira do local pelo prefeito. Como já dissemos, pode haver a finalização das atividades, mas a lixeira e o lixo continuarão impactando a área e demandando cuidados por várias décadas após:

A lixeira do Morro do Cêu, ela tem mais de 15 anos aqui o Prefeito dise que ia tira ela da qui, Mas nunca cunpril sua pronesa (...)

Outros equívocos quanto às tentativas e maneiras de se acabar com a lixeira:

(...) na lixeira do morro do céu tem muito lixo os garis já trabalharam mais de cinco anos para tirar todo o lixo e ainda não tiraram todo o lixo (...).

Além da responsabilidade dos moradores pelo fato de não se estar conseguindo:

(...) isso tinha que acaba o governo está acabando com isso até que fim mas os moradores não colaboram (...)

Como vimos em diversos depoimentos, o cheiro incomoda às pessoas, ao contrário do que afirma esta redação:

(...) O cheiro não incomoda mas aos moradores, porque eles já estão acostumados com o mal cheiro.

Penso ser um equívoco achar que as pessoas não querem trabalhar. Diversos estudos com catadores, em diversas fontes, já citadas, apontam a falta de opção como causa das pessoas estarem trabalhando como catador. Pode acontecer de alguns estarem trabalhando desta forma por opção, mas a grande maioria não parece ser o caso:

(...) As pessoas fala que a lixeira acabar muita gente morre de fome. Na morre não por que eles não quer enfreter uma casa de familia se eles quiseste trabalhar no jornal o fluminense tem muitos trabalho de casa de familia. Eles gosta de um mole eles não pensao em contra um trabalho melho. Se eles quiseste trabalhar mesmo eles se mostrava orculho do trabalho. Eles pensão que catar latinha leva au um fututo, pensa mais não leva catar jornal, papelão, aluminio.

Eu sei sobre o lixo que as pessoas gostão de trabalha na lixeira do morro do céu (...)

Também consideramos um equívoco achar que não há mais criança (ou ao menos adolescentes) trabalhando na lixeira. Ou ao menos que nunca mais irão:

(...) porque quando não tenha projeto as criança viviam tudo na lixeira se a prefeitura não botava o projeto no morro do céu a também toda mundo na lixeira hoje não ficou na lixeira nunca mais ficaram no lixão

E também a quantidade de pessoas:

O que eu sei sobre a lixeira é que milhares de pessoas vivem e trabalham no lixão(...).

Ou, até mesmo, em relação aos ganhos destas pessoas, que podem ser exagerados para cima ou para baixo. Em Ribeiro e Santos (op.cit.), 15% dos entrevistados têm renda familiar menor que um salário mínimo, 10% igual e 75% maior. Em Dib-Ferreira (op.cit., p.34), cerca de R\$ 600,00:

(...) Pessoas que por falta de oportunidade de emprego em outro lugar vai para lixeira catar papelão e garrafas plásticas para ganhar as vezes menos da metade de um salário ou uma cesta básica que não dura nem um mês(...)

(...) Mas também as pessoas que trabalham na lixeira temque trabalhar na lixeira tem suas casas e si arrumam melhor do que as pessoas que trabalham fora. Elas so andam de roupas demarca saparos caros e ganham bem tem uns tem moto

5.8.4 Bom x Ruim

O sentimento de duplicidade em relação ao lixo aparece em muitas redações, principalmente das que parecem conhecer a fundo o dia a dia do aterro. Esta oposição entre bom/ruim, útil/inútil, pode apontar as contradições que o lixo gera nas representações sociais destas crianças, acostumadas a viver e conviver com o lixo, mas absorvendo o discurso oficial. Ora o lixo é algo bom, gera trabalho, renda, alimenta as pessoas que não têm outras opções (como ela pensa), ora ele é transmissor de doenças, um poluidor, um vilão da sociedade (como querem que pensem). Um bom exemplo está na redação abaixo, transcrita inteira, apenas com comentários meus inseridos:

O lixo é uma coisa todos fazem vários proveitos e jogam fora, mais não fazem o aproveitamento certos por que tem a coleta dos lixos que são criados, por várias coisas maneiras ou seja cestos, brinquedos, etc... (o lixo é bom, tem coisas “maneiras”) O lixo também transmite várias doenças incuráveis. (o lixo é ruim) Muitos precisam do lixo para sobreviver, catam latinhas, papelões e plásticos vendem, e com o dinheiro do lixo, eles compram os alimentos para suas famílias. (o lixo é bom, traz dinheiro para quem precisa) E várias pessoas morrem com as doenças que as pessoas pegam no lixo. (o lixo é ruim) Várias pessoas não tem condições de comprar as coisas para comer por causa das dívidas para pagar e comem coisas do lixo até sem lavar quando estão com fome. (o lixo é bom, trás comida para quem tem fome) Também o lixo tem um cheiro nojento que embrulha os estômagos e dá moscas que causa doenças. (o lixo é ruim)

Porém, considero este aspecto muito relativo, pois em certos momentos é difícil decifrar o sentimento da criança em relação ao lixo. Muitas vezes é neutro, apontando aspectos ora técnicos, de quantidade, de atitudes, do que se deve fazer, de simples constatações. Outras há opiniões expressas com mais clareza. Considerarei aqui como positivo qualquer menção à serventia do lixo, mesmo se a criança não diga se acha que seja bom ou ruim. Se serve para algo, se alguém o utiliza, deve ser bom. Assim, menções à pessoas que o utilizam para trabalho, moradia (no aterro), ou comida, considerarei como algo bom. Mesmo assim, dentro do fato de “ser bom”, há nuances entre aqueles que afirmam o fato e aqueles que apenas deixam a entender. Por outro lado, qualquer menção à problemas que pode trazer, considerarei como ruim. Desta forma, sem contar as palavras e pensamentos neutros, que aparecem também na quase totalidade das redações, teremos algo em torno de 14% apontando somente aspectos positivos do lixo, cerca de 25% apontando somente os aspectos negativos e cerca de 56%, apontando ambos. Estes últimos ora têm um discurso bem marcado, ora tendem mais para um dos lados.

Para facilitar a compreensão, separei as análises em três grupos: o lixo como algo bom, o lixo como algo ruim e o lixo como algo bom e ruim ao mesmo tempo.

5.8.4.1 O lixo como algo bom

Em primeiro lugar, aqueles que acham o lixo uma coisa boa. Estes não apontaram nenhum aspecto negativo. A redação abaixo talvez seja a mais característica deste grupo – embora fazendo referência ao mau cheiro – pela reverência com que a lixeira é tratada, o que demonstra um pouco a representação e a importância do lixo para certos alunos. Deixei em negrito as duas conjunções “mas” que aparecem após a referência ao cheiro, demonstrando que este pequeno aspecto negativo não faz diferença em sua opinião:

*Ela é uma lixeira que ajuda as famílias que necessitam e também pra fazer reciclagem pra a Escola m. J. D. Anchieta e também da trabalho pra recicla mas ajuda. A minha relação com ela e muito boa e da minha família também quanto eu vejo ela fico empacionada por causa disso não e cherosa **mas** ela ajuda aquelas mães que quer abraça os seus filhos mas não pode por que não esta vivo por causa da nesecidade ela que ver a quelas pessoas nesecitada comendo indo pra Escola e sendo feliz não fale que ela fede pode fede **mas** ela ajuda bastante se não foce ela a Escola m. J. d. anchieta não ia ter uniforme por que as coisas desa Escola e tuda reciclado então ame bastante a lixeira eu amo ela então ame ela também. Essa e a minha Redação. E a minha Relação com ela. A minha palavra a minha opinião. E o meu grande amor por ela.*

As outras redações foram mais comedidas nas palavras, mesmo apontando alguns aspectos positivos. Algumas apenas apontaram serventias ao lixo, como por exemplo, para catar coisas para a pessoa sustentar a família, ou seja, o lixo é bom porque ajuda aqueles que têm dificuldade, não têm outra opção, não os deixando passar fome e outras necessidades.

As pessoas trabalha na lixeira para trazer dinheiro para compra alimentos para sua familia (...)

Eu sei sobre o lixo que as pessoas gostão de trabalha na lixeira do morro do céu para sustenta suas familias, (...)

Em algumas houve a utilização da expressão “muito importante”, enfatizando o quanto o lixo é necessário na vida de certas pessoas:

A lixeira é muito importante para a quela familia que não tem trabalho elis vive da quele lixo para pode sobrevive a maioria da quela pessoa não tem serviço (...).

Outros defendem, inclusive, a manutenção do lixo, por ser ele a fonte de renda e sustento de diversas pessoas:

O lixo tem muitas pessoas que trabalham para se sustentar. (...). A minha mãe acha que o lixo não pode sair porque tem muitas pessoas que tem que se sustentar lar no lixo e com tudo isso tem que respeitar o trabalho dos outros. (...)

Este sustento através do lixo foi também uma vez apontado como alternativas à outras formas de se ganhar dinheiro, que seriam menos dignas:

Eu sei que na lixeira e uma forma de ganhar dinheiro e tem as coisas sem necessidade de roubo. (...)

Interessante uma contraposição surgida em uma redação entre as pessoas que acham que “lixo é lixo” (ou seja, lixo não é lixo) e as pessoas que sobrevivem dele:

(...) Para algumas pessoas o lixo não passa de lixo! E ainda criticam pessoas que dependem do lixo. Essas pessoas geralmente não dão a minima para a reciclagem, é como já disse, para essas pessoas lixo é lixo.

Embora apareça outras vezes, a referência à reciclagem como sendo a serventia do lixo é bem explicitada em duas redações, que a tem logo como frase inicial:

O que eu sei sobre a lixeira do morro do céu é que ele pode ser reciclado (...).

Do lixo eu sei que ele pode ser reciclado (...)

E a reciclagem em forma de arte, exaltada em algumas redações:

Com o lixo nos podemos fazer varios objeto podemos como a garafa nois podemos fazer taça deimfeite podemos fazer carinhos, e etc (...)

Por fim, a exaltação das coisas que se pode achar na lixeira, vista quase como que uma “loja”, onde as pessoas podem conseguir “coisas que eles nem poderiam imaginar”:

O lixo e uma lixeira a ouder todo mundo não tei a ouder arajar trabalho e eles vão trabalha na lixeira para aranja dinheiro para alimenta os seu filhos (...) as vezes as pessoas coseque aranja biscoito iogurte leite aroiz e feijão carne salsixa macarão coisas que ele não tia a ouder ele aranzar e as vezes eles aranja legumes frutas e roupas novas e teneis sabonetes sabam e as vezes a te cai coizas que eles nem poder imagina nas vidas dela esas coizas que eles nei imaginas com dinheiros eles nuncar ia aranja coizas assim que cai no lixo (...).

5.8.4.2 O lixo como algo ruim

Há também aquelas redações que, como veremos, só salientam os aspectos negativos. Nestas, ao contrário das anteriores, não há referências às vantagens do lixo, ou o uso dele pelas pessoas que necessitam:

(...) muita poluição (...) muitas doensa (...) nestes alimento podem comte baquiterias vermis (...) pode estar contaminadas que podem trazer vareas duensa (...) podem chamar muitos animais tipo rato animal muito perigoso que pode trazer muitos tipos de doensa (...)

Algumas frases são interessantes, no sentido de mostrar o tipo de sentimentos e confusões que o lixo desperta. Abaixo eu sublinho algumas delas:

(...) o lixo pode acaba com a natureza poxa a coitada das planta das flores e dos animais podem pega doensas e ate morrer (...) junta guanharemos a batalha contra o inimigo da vida o lixo.

O lixo ele e muito contaminado por isso muitas pessoas ficam doentes elas ficam com todas as doenças que existem (...).

Nestas redações, o lixo é o inimigo da vida, transmite todas as doenças que existem, polui tudo. O aterro se mostra um local maculado por diversos aspectos, como na redação abaixo, onde temos, só nela, doenças, “faca”, insetos (vetores), lixo hospitalar, ligação com a morte e a violência:

O lixo è uma questão ambiental preocupante o acúmulo do lixo apresenta varios perigo. Como doenças e também pode ter faca e também um grande refúgio de insetos. (...) Aqui no morro do céu o lixo muitas vezes prejudica a vida das pessoas. O lixão tem coisas de ospital que pode passar doenças que pode ser fatal. Já virou até cimitério clandestino (...).

Palavras e frases já conhecidas nossas, como “podem até matar”, “contaminação”, “doenças”, lixo hospitalar”, entre outras, são recorrentes nestes discursos. Abaixo alguns exemplos, que sublinho:

O lixo pode causar varios estrago e poluição as maiorias das vezes o lixo causa até doença e pode até matar. O lixo pode contaminar os rios, lago e cachoeira (...).

(...) ela tem um tipo de chorume que solta um cheiro forte trazendo doenças contagiosas prejudicando a saúde, é um tipo de gás contaminando todo o ambiente. (...)

As duas redações seguintes são bem características neste grupo. Estão transcritas na íntegra, porém separadas, por mim, por frases e com marcadores, pois creio que ficará melhor a visualização:

- *O lixo trás os lixo ospitalar que pode trazer doenças que pode até matar as pessoas que trabalha catando latinha*
 - *e tambem olixo ele atraí os ratos que podem até trazer doenças que podem até matar*
 - *olixo ele é quase igual a uma fabrica que distribui doenças, para as pessoas que frequentam lá*
 - *e tambem ele pode ser até acabar com a nossa linda natureza*
 - *olixo tambem pode acabar com o nosso bairro*
 - *olixo ele muitas mortes*
 - *olixo tambem estamdo lomge ou perto da sua casa ele pode atrair os rato para a nossas casas*
 - *e o lixo atraí os urubus que pode atacar as pessoas*
 - *olixo vem de todas as fabricas que fabricam as coisas*
 - *lixo pode tambem pode acabar com a nossa preservação*
 - *os lixo ele pode acabar com as nossa felicidade*
 - *lixo ele pode acaba com a paisagem*
 - *lixo pode acabar com a nossa ortas*
 - *lixo pode acabar com os nossos campo de futebol*
 - *olixo pode acabar com o nosso pequeno espasso*
 - *olixo pode separar as nossas familias que morre trabalho lá catam papel e latinha*
-
- *O lixão é uma coisa muito fedida que atrapalha a vida de muita gente, tem gente que não aguenta este cheiro orrivel.*
 - *O lixão também é uma coisa que mata muita gente e mais aquelas pessoas que já não são do lixão.*
 - *O lixão também atrapalha as vidas daquelas que já são do lixão.*
 - *O lixão também é um cheiro que atrapalha as pessoas que já são do lixão que j não são do lixão e que já é muito distante do lixão.*
 - *O lixão é um lugar grande cheio de lixo, aquelas pessoas morrendo ali na quele lugar cheio de fome cheio de frio e cheio de calor também não tem aonde morar.*
 - *O lixão também só tem coisa podre é uma coisa podre, eles também não tem roupas para se agasalhar.*

Enfim, do mesmo jeito que alguns acham que não deve acabar, pela ajuda que traz a quem necessita, outros acham deve acabar, pelos problemas que causa:

Eu axo que e as lixera deve acaba porque a lixera trasmite duensa e faz mau para a saúde de todas as crianças do mundo imtero (...).

5.8.4.3 O lixo como algo bom e ruim ao mesmo tempo

As opiniões mais numerosas, entretanto, são as que vêem os dois lados do lixo: o lado do trabalho, do sustento, da saciação à fome, ao mesmo tempo em que traz doenças, é

contaminado, cheira mal. Dentro destas, numerosas nuances de pontos de vista. Como já citado, há desde aqueles que apenas apontam uma serventia do lixo – como às pessoas que o utilizam como sustento –, até aqueles que exaltam suas qualidades de maneira mais enfática. Mas a grosso modo, o pensamento pode ser resumido pela redação abaixo:

Quase todas as lixeiras tem seus dois lados. Um ruim e o bom, ruim para quem mora perto dela e tem que conviver com ratos, moscas, mal cheiro e outros tipos de bichos e até doenças. E bom para quem depende dela; porque pode até parecer estranho mas tem gente que tira seu próprio sustento da lixeira, como é que pode um lugar tão poluído ser muitas das vezes um meio mas fácil de sobrevivência. (...)

Podemos perceber nestas redações uma tendência maior em se iniciar com os aspectos negativos do lixo, pois são mais numerosas (57) do que as que iniciam com os aspectos positivos (25). Um outro fator a ser apontado é a grande utilização da conjunção “mas”, indicando, em todos os casos, a oposição dos sentimentos e contradições que o lixo gera nos discursos. Nas seguintes transcrições, esta palavra estará em negrito e alguns comentários são inseridos no meio das frases para destacar os aspectos antagônicos.

*Eu vejo a lixeira do Morro do Céu não como a pior coisa do mundo, **mais** sim como uma poluição do ar que só nos trás doenças e problemas. (...)*

A redação acima ilustra o pensamento destas crianças. O aterro não é a pior coisa do mundo para elas – mas “só traz doenças e problemas”. Pode ser um conflito entre o que pensa realmente e o que assimila do discurso oficial. Dos que iniciam com os aspectos positivos do lixo e após os opõem aos negativos, vários iniciam com o aspecto do trabalho e o contrapõem, entre outras coisas, com as doenças:

A lixeira para muitos é um meio de trabalho (...) [bom] A lixeira também tráz ratos e outros insetos e isso tráz doenças. (...) [ruim]

Além das doenças, também as crianças que frequentam foram utilizadas como o contraponto ruim:

*Eu axo alixeira bom não ço paramim [bom também para ele] mas para aqueles que ta passando nececidade e eu axo bom [e também para os outros que passam necessidade] **mais** eu axo rum porque tem muita criança que deis de pequeno ta já no lixo trabalhando e não estuda porque tem que alimenta teus irmãos. (...)*

Como o aspecto positivo, a reciclagem também aparece inicialmente em algumas, contrastando-se com diversos negativos:

(...) O lixo também pode ser reciclado, por exemplo: jornais e garrafas etc, podem se transformar em coisas útil e belos artesanatos. [interessante o uso das palavras “útil” e “belo”, em que poderia se transformar o lixo, que não seria então nem uma coisa nem outra] (...) O lixo também trás vários animais, ou seja insetos que acabam com o sussego de muitas pessoas, exemplo: ratos, barratas etc. (...) Também o lixo trás muita doença, causadas por exemplo do mijo de rato, etc. O lixo, quando o queimamos poluir o ar, e não é muito bom para nós, e para a nossa respiração e também quando jogamos em lugares públicos.(...).

Nas que iniciam com os aspectos negativos também aparece, em grande quantidade, o uso da conjunção “mas” e novamente o ponto de vista do trabalho, do sustento, da saciação da fome, como que a diminuir ou justificar os aspectos negativos, tirando-lhes a gravidade.

*Na lixeira temos porcos, ratos, baratas, urubus e muitos outros animais nojentos. **Mais** tambem temos as criançsa e seus pais, que moram em casas de papelão e comem resto de comida que as pessoas jogam fora. Eles vivem de catar lixo. (...). [embora se alimentam da mesma fonte – restos –, a palavra “mas” contrapõe os animais “nojentos” às famílias que necessitam do lixo]*

*Vejo que o lixo é uma coisa muito ruim além de causa doenças, suja a nossa cidade. (...). **Mais** tem muita gente que não consegue emprego e pra não passa fome cata latinha para dar o melhor para os seus filhos. (...).*

*R: eu so vejo poluição e sujeira para todo lado as coisas que agente ver para nos e ruim **mas** para sertaz pessoas são bom por que da dinheiro como a latinha, papelão, e muita gente que precisa vai para a lixeira trabalhar (...).*

No depoimento de um que trabalhou na lixeira, também a oposição: trabalhar lá é ruim porque fede e dá doenças, por outro lado, ele arrumou “muito dinheiro”:

Trabalha na lixeira e muito ruim poque e fendena e da doesa para gente poque eu cei poque eu trabale muito ano e rangei muito bienro (...)

Neste, a lixeira está “suja”, mas “pelo que o colega fala”, lá é bom e tem um monte de “coisas boas”:

a ligeira do morro do ceu esta muito suja [único aspecto ruim] eu tenho um colega que trabalha la (...) ele falou que não e ruim (...)

Novamente a reciclagem tem destaque, aparecendo como solução para os problemas apontados:

O lixo atrair doenças e outras coisas a mais (...) O lixo atrair também muitos animais nojentos (...) O lixo também pode se reciclado por exemplo: jornais, garrafas etc podem se transformado em coisas ultis pelos artesanados.

As redações que melhor nos apresentam as contradições dentro dos pensamentos das crianças são as que apresento a seguir. Nelas os autores mesclam aspectos bons e ruins do lixo e do aterro, indo além de uma simples contradição. O contraste entre os aspectos bons e ruins é, talvez, a disputa entre o pensamento deles (aspectos positivos) e o discurso oficial (aspectos negativos). Algumas foram transpostas praticamente na íntegra, para que possamos acompanhar melhor o raciocínio da criança. Temos as que iniciaram o discurso pelo lado positivo, seguindo o raciocínio alternando com o lado negativo:

O lixo faz as pessoas muito bem porque da as coisas para comer e para beber e tudo mas não atrapalha ninguém todo mundo gosta muito dele. [bom] as vezes alguém dismaia pelo fedo quem não e acostumado a ir lar no lixo as vezes atrapalha um pouquinho não muito [ruim] Eu nunca fui mas sei que e bom para quem precisa muito dele gente trabalha para sustenta as familia porque precisa muito ir lar nele se Eu precisace eu também ia trabalhar joga plastico garrafa lata precisamos do lixão para sobreviver [bom] fica animais como porco cavalo e urubu e a água que ocorre do lixo tem coisas estragada do lixo que faz muito mal tipo queijo mortandela e presunto tem bastante bicho no lixo os porcos morrem os urubu procura carnisa podre e assim o lixão termina pura ilusão do lixo [ruim] assim acaba a historia do lixo maravilhoso para todo mundo sem ele o que seria da gente quem passa fome ia ter que passar fome qume não trabalha ia ter que ficar sem trabalhar Eu acho que podia ser tudo assim como er a vida se mudar Eu não quero ver os outros passando fome para sempre isso e muito ruim para quem não passa fome e tanto pra quem passa fome [bom].

Outras, em maior número, iniciaram pelo lado negativo, alternando depois com os aspectos positivos. Nesta primeira redação os pensamentos se confundem; há interrogações mal colocadas, erros talvez, mas que podem querer dizer algo, assim como o uso confuso das conjunções “mas” e “pois”, postas em negrito por mim (sublinhados originais):

*O Lixo ele é muito ruim [ruim] **pois** tem pessoas que de pendem dele [bom] **mais** eu não de pendo? [bom?] **mais** O Lixo tem muitas do enças ou melhor dizer comtem doenças. Exemplos 1_ Bactérias. 2_ sugeira. 3_ E porcarias. tem umas pessoas que trabalham é pega doenças **mais** tem peçoas que não gostam [ruim] ou uma que gosta **mais** é muito de fisil? [bom] Ele provoca Enxente. polui o nosso ár que respiramos? [ruim] têm um que morre de fome é quando trabalha encontra pedaços de coro de galinha ou de carne estragado é tem um que a te come por não ter por não tem o como comer? [bom] É o Lixo trás muito mal chero. [ruim] Isso eu acho do Lixo*

(...) O lixão do moro do céu avezes tem animais e pessoas mortas [ruim] e tem pessoas catando lixo pra come e pra brinca eles cantam bola furada e bonecos quebrado e roupas velha. (...) [bom] O lixo pode crese a cada minuto o lixo tem muitas duença e se tem garrafas peneus com água pode ter mosquito aedesejipe gue pode da dengue e

e pode mata e tabem tem ratos e se você pode piza no chichi do rato você pode pega uma duença e pode tambem more. [ruim] O lixo pode ter metal e vidro madeira pano boracha apontador caderno muchilas armarios panelas [bom] e no lixo não tem nada bom sotem ruim e no lixão não pode brinca de nada. (...).[ruim, “não tem nada de bom, so tem ruim”, embora catam brinquedos, e tenha todo aquele material que foi descrito acima]

5.8.5 Apropriação do Discurso Oficial

Praticamente todas as redações estão impregnadas de frases soltas, idéias e conceitos retirados do discurso oficial. Estes fragmentos entremeiam a representação social deste grupo, resultando em discursos muitas vezes contraditórios – algumas contradições analisadas no tema anterior.

Analisando as redações em busca de apropriações deste discurso oficial, notamos que invariavelmente, esta apropriação vem distorcida, com idéias errôneas sobre o assunto tratado. Torna-se um pouco difícil definir, em uma redação, o que é a apropriação do discurso oficial, pois vários temas já analisados são aqui, de certa forma, considerados como tal. Por exemplo a questão das doenças, do lixo hospitalar, da forma como alguns vetores são atraídos pelo lixo e podem transmitir suas doenças, várias frases dos chamamentos à ação, da sujeira nas ruas, no mar, nos rios, entre outros.

Assim, os trechos da apropriação do discurso oficial coincidem quase sempre com outros pontos analisados, por exemplo: “equivocos” e “chamamento à ação”. Este último item por parecerem repetir frases de campanhas ou outros eventos em relação ao lixo. Muitas vezes estas frases estão no final da redação, fazendo-as parecer muito com as próprias campanhas, em que relatam os problemas decorrentes do lixo e no final, fazem o apelo:

(...) Para acabar com o lixo nós agora precisamos colaborar.

(...) Pense, sujar os lugares não é muito bom pois o lugar de lixo e no lixo.

(...) não jogue lixo no mar nem na rua nem na casa dos outros não polua o Brasil

(...) Pense nisso se cada um fazer a sua parte quem sabe um dia teremos controle sobre o lixo.

As doenças estão presentes, como vimos, em grande parte das redações. E realçando a periculosidade, assim como no discurso oficial, algumas vem acompanhadas da frase “pode até morrer”, “pode até matar” ou avisos parecidos:

traméti doenças e as pessoas pode ate morre (...).

(...) O lixo é de uma matéria que é uma sujeira muito perigosa que pode provoca até morte.

O discurso da preservação da natureza também aparece algumas vezes, praticamente ligado à ação que a pessoa pode fazer:

(...) nós não devemos jogar lixo nas ruas nas calçadas e nem nos valões. nós devemos jogar o lixo nas reciclagens para conserva a natureza.

(...) Para isso precisamos de trabalho em conjunto este trabalho que vai ajudar a natureza.

E algumas vezes, colocando a culpa nas pessoas, como também acontece em muitas notícias sobre lixo no discurso oficial:

(...) isso tinha que acaba o governo está acabando com isso até que fim mas os moradores não colaboram (...)

(...) o governo está tomando providencias agora. mais eu acho que não está adiantando nada por que os moradores do morro do céu não colaboram (...)

Muitos apontaram a resolução dos problemas pela reciclagem, assim como no discurso oficial. Depois de versar sobre os problemas do lixo, apresentam a solução:

(...) todas as pessoas tinham que separar os lugares para jogar o lixo, plastico, metal, vidro papel, e restos de comida em uma lixeira para cada coisa.

(...) Para isso acontecer todos tem que cooperar para que a cidade o estado os bairros e os municipios fiquem limpas faça a coleta celetiva.

Pois afinal, “lixo não é lixo”:

Para algumas pessoas o lixo não passa de lixo! E ainda criticam pessoas que dependem do lixão. Essas pessoas geralmente não dão a minima para a reciclagem, é como já disse, para essas pessoas lixo é lixo. (...)

(...) Muitas coisas que jogamos no lixo não são lixo, isto é, que podem ser reaproveitados: jornais, revistas caderno, latas, garrafas, vidros. (...)

E a reciclagem pela arte, tal qual aparece em várias publicações e também em vários projetos, dos quais alguns alunos também participam, também tem o seu lugar entre as soluções. Como se pudesse resolver os problemas do lixo, ou ao menos amenizá-lo:

(...) As pessoas acham que o lixo e umas coisas que não se pode aproveitar mau sabe eles que algumas coisas Que ele usa em casa vem do lixo nos podemos leva para reciclagem e eles fazem transformação que eles não podem acreditar (...)

(...) e dessas garrafas eles fazem puffs, poltronas e várias coisas mais interessantes para vender e melhorar a sua escola. (...)

A questão do trabalho infantil também aparece com um discurso que parece absorvido de outra fonte, com frases feitas e aparentemente copiadas de outro meio:

(...) Ah, exploração de menores no lixão é crime!

(...) essas crianças invés de está na escola aprendendo coisas legais elas estão trabalhando ilegalmente.

(...) Crianças no lixo nunca mais

E o lixo hospitalar é, como no discurso oficial, sempre visto como mais perigoso, contaminado, transmissor de doenças:

(...) O lixão tem coisas de ospital que pode passar doenças que pode ser fatal. (...).

tem muita poluisa no lixo ospitalar muita gente pega os couchão que cai no lixo e pode pegar muita duença momo a AID e outras.

Parece que as campanhas sobre determinadas doenças têm uma grande penetração no imaginário das crianças, quando estas repetem os perigos destas e os avisos, dicas ou atitudes que devemos ter contra as mesmas:

(...) no lixo tem penêus latas e vasilhas chovendo fica água nos penêus latas e vasilhas causa mosquito da denque (...)

(...) A Dengue tambem pode vir da lixeira do morro do céu, por causa dos pneus jogados pelo lixão, acumulando as águas da chuva. Por isso tapem bem as lixeiras. junte o lixo no saco para que o caminhão do lixo recolha.

Às vezes parece-me que todos os discursos se misturam, em uma confusão mental de idéias:

Eu acho que o lixo não é bom para pessoas como alguns lixos como água chorume doenças, população, hospital, posto farmácias etc. (...). [grifos originais]

(...) com lixo, podemos fazer vidro, mesa, cadeira, livro, cartão, plástico, metais. A lixeira é uma coisa que tem. O plástico dura mais de 600 anos. o metal dura mais de 3.000 bilhões de anos. com o plástico.

A toxicidade do lixo aparece algumas vezes, de forma confusa:

(...) e vocês conhecem o lixo tóxico ele é o mais perigoso porque ele pode fazer nos animais mutações (...).

(...) existem muitos tipos de lixo perigosos como o lixo tóxico que sai das usinas nucleares e também o lixo hospitalar. (...)

Por fim, aparece também o chorume, com o deságue na Baía de Guanabara:

(...) A lixeira não prejudica os moradores locais, o chorume que ela produz atravessa Miterói, São Gonçalo, e vai cair na Baía de Guanabara prejudicando a vida marinha.

(...) E ainda tem o “chorume” (líquido de cor escura escorre dos lixos) que além de fazer mal deságua na Baía de Guanabara. O único jeito de acabar com isso era continuar as obras da usina e reciclar o lixo! “Não prejudique o meio ambiente, ou será prejudicado”

CAPÍTULO 6

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E COMPARAÇÕES COM OUTRAS VISÕES DO MUNDO

A riqueza de informações existentes nas redações colhidas fará com que a discussão não seja esgotada neste trabalho. São muitas pistas que nos ajudam a entender melhor o pensamento de crianças que convivem diariamente com o lixo, o que pode ser fundamental em trabalhos de Educação Ambiental ou mesmo políticas públicas, especialmente relacionadas à questão dos resíduos sólidos. Além disso, como dito, as informações sobre o assunto disponíveis à sociedade são cada vez mais fartas.

Neste capítulo pretendo analisar algumas das informações colhidas nas redações, buscando paralelos e contrastes com o discurso oficial. De maneira geral, os temas são muito parecidos, recorrentes em ambos. Podem ocorrer às vezes contradições nos discursos, mas nem sempre.

6.1 Lixo e Morte

A relação entre lixo (ou, anteriormente, dejetos ou resíduos) e morte sempre esteve presente em nossa sociedade. Esta relação é muito bem explicitada no trabalho de Eigenheer (2003), segundo o qual, por exemplo, na antiga Roma não se podem separar *lixo de coleta e destinação de cadáveres* (idem, p. 46), notadamente entre os mais pobres. Ou ainda: “aos pobres se reservava a incineração em massa, ou simplesmente o lançamento em vazadouros de lixo além dos limites urbanos, juntamente com cadáveres de animais e outros dejetos” (idem).

Esta relação mostra-se bem presente nos discursos das crianças, considerando que encontra-se, através dos temas propostos, em quase 74% das redações. Inclusive, quanto à destinação de cadáveres, certamente hoje na ilegalidade, fruto da violência, mas uma relação que ainda persiste. Não podemos nos esquecer que esta relação é facilitada por estes espaços (vazadouros de lixo) serem relegados às periferias da cidade, pois o lixo, ao nos remeter às nossas degenerescências (da nossa produção e do próprio corpo) é mantido afastado, assim

como outros aspectos que nos remetam ao mesmo pensamento (doentes, velhos, inválidos...) (Eigenheer, 2003).

Por conta disto, a região do Morro do Céu e o aterro são constantemente vítimas da violência, que o poder público parece não ter capacidade para frear. Assim como cadáveres parecem ser comumente encontrados, todo o comércio, a escola e o próprio aterro já foram várias vezes fechados por “ordem” de traficantes – fato geralmente ligado à represália pela morte de algum comparsa –, sendo estas notícias amplamente divulgadas nos jornais de grande circulação. Se existe uma correlação entre a lixeira e a violência nas redações, aparecendo em frases como “já virou até cemitério clandestino” ou “os bandidos matam as pessoas e jogam lá”, os meios de comunicação a reforçam.

Como exemplos, podemos citar¹⁵:

Há indícios de que (...) para sumir com os corpos, teriam utilizado o forno para incinerar lixo hospitalar existente no aterro sanitário (Trindade, 2003);

Os corpos foram encontrados no Aterro Sanitário do Morro do Céu. As aulas na Creche Comunitária Os Girassóis e na escola Municipal José de Anchieta, próximas ao local onde os corpos foram encontrados, foram suspensas. [Neste caso, assim como em outros, o agravante de um dos assassinados ser ex-aluno da escola] (Seixas, 2004);

O lixão do Morro do Céu, na Zona Norte de Niterói, foi mais uma vez fechado por traficantes ligados à facção criminosa comando Vermelho, na manhã de ontem (...) em pouco mais de um mês, esta é a segunda vez que o aterro foi fechado por traficantes (Emanuel e Kano, 2004);

Ititioca vive dia de medo, com escola e aterro fechados, após morte de homem baleado pela PM (Trindade, 2004).

Juncá (2004) também faz referência à estes acontecimentos – cadáveres no aterro -, citando inclusive, que quando “vistos”, a polícia deveria ser acionada, resultando em prejuízo à rotina de trabalho, o que fazia com que, muitas vezes, estes acontecimentos fossem ignorados.

A relação do lixo com a transmissão de doenças, atração de vetores que transmitem doenças e com a contaminação (trazendo doenças), fica bem explicitada nas redações. Se somarmos os três temas, teremos 20% de todas as citações selecionadas. Paralelamente, nota-se esta preocupação também quando analisamos o discurso oficial, no capítulo 4. As doenças (“graves”, “perigosas”) são enumeradas em vários textos: diarreia, malária, dengue, febre amarela, toxoplasmose, leptospirose, tétano... Além disso, os vetores das doenças também são fartamente apontados: ratos, insetos, bactérias, moscas, baratas, mosquitos...

Outro aspecto interessante é que em vários momentos a mesma frase contundente sobre as doenças é encontrada tanto no discurso oficial quanto nas redações: “que podem até matar”. Este final parece adicionado para fortalecer as informações da periculosidade do lixo.

Porém, não se indica quantas são as doenças e, em geral, não se especificam as reais vias de contaminação. Moscas, baratas e ratos, por exemplo, existem e podem invadir casas independente do lixo. Além disso, as doenças que o lixo traz, no discurso oficial e das crianças, são sempre as relacionadas à estes vetores animais, praticamente ignorando-se os problemas, que compõem grave ameaça à saúde e ao meio ambiente, dos materiais tóxicos, cancerígenos, corrosivos ou inflamáveis, presentes em diversos elementos do lixo (bem explicitado em Zanon e Zanon, 2000).

E o termo “contaminado” é igualmente recorrente em ambos discursos. Contaminar, segundo Ximenes (op.cit., p.249), significa contagiar-se, viciar, corromper; e segundo Lima-e-Silva, “introduzir uma substância ou organismo patogênico, geralmente tóxica, num sistema que naturalmente é isento dela, ou a contém em quantidades menores do que aquela inserida”. Ou seja, o lixo é corrompido, apresentando organismos patogênicos que podem nos contaminar.

Esta contaminação do lixo e pelo lixo está presente em várias publicações analisadas no capítulo 4, especialmente aquelas destinadas especificamente ao público infanto-juvenil, como a Ciência Hoje das Crianças (Sisinno e Moreira, op.cit.), os livros didáticos, além de outras citadas (por exemplo Abreu, op.cit., p.2).

6.2 Lixo Hospitalar

É interessante comparar este termo (contaminado) com as citações para lixo hospitalar (ou RSS, Resíduos dos Serviços de Saúde). Se o lixo, de uma forma geral, é contaminado e contagioso para 17 das redações, uma relação direta do lixo hospitalar com esta palavra aparece somente em três delas, embora haja 22 citações sobre esta classe de lixo: “(...) e la tem muitos materias hospitalares. Como exemplos ciringa contaminada(...)”; “O lixo tem varios objetos sujos e contaminosos cono, agulhs, gáses de hospitais e poste de saude.” e “nas maiorias das vezes o lixo causa muitas doenças. Por exemplo: lixo de hospital vem as vezes pernas e braços anputados, agulhas contaminadas, luvas e roupas. (...)”.

Apesar disso, o lixo hospitalar aparece como causador de doenças: “ O lixo trás os lixo ospitalar que pode trazer doenças que pode até matar (...)”. Esta relação do lixo hospitalar

¹⁵ Notícias que saíram em letras chamativas na primeira página e também em outros jornais, como em O São Gonçalo e em O Dia.

com transmissão de doenças – relação mais forte do que com o “lixo comum” –, também é recorrente no discurso oficial. Parece este um senso comum que a ciência ainda não consegue sobrepor, embora haja diversos estudos demonstrando a similaridade entre o lixo proveniente de sistemas de saúde e o lixo doméstico.

Como exemplo de publicação com este teor, temos uma coletânea de artigos editada pela Comissão Consultiva de Resíduos Sólidos da Secretaria de Estado de Meio ambiente e desenvolvimento Sustentável do Rio de Janeiro (Eigenheer, org., 2000a). Logo na apresentação do livro temos:

A periculosidade dos Resíduos dos Serviços de Saúde é anunciada e firmada em lei, sem que respostas sejam dadas a argumentos acadêmicos que julgam tal posicionamento como anticientífico, fundado em preconceitos e a serviço de interesses comerciais (Vieira, 2000a).

Antes de iniciar qualquer debate sobre a periculosidade dos RSS, devemos ter em conta que

no cenário epidemiológico atual, a doença infecciosa é considerada um fenômeno multifatorial, resultante da interação simultânea da presença de um agente infeccioso em número suficiente, de uma via de transmissão adequada, de uma porta de entrada e de um hospedeiro em estado de susceptibilidade (Zanon, 2000).

Ou seja, não basta a presença do agente infeccioso. Assim fosse, comparando-se os RSS e os resíduos domiciliares, segundo Ferreira (2000), há muito mais semelhanças do que diferenças, tendo estudos, inclusive, que constataram que os resíduos domésticos conteriam mais microorganismos patogênicos do que os RSS (Althaus et al., 1983 *apud* Ferreira, *idem*). Em outro artigo, Zanon e Neves (2000) afirmam:

A comparação das características físicas, químicas e microbiológicas das amostras de resíduos domiciliares e de RSS não revelam diferenças que possam justificar esta distinção (entre as duas). Praticamente, todos os resíduos existentes em uma categoria podem ser encontrados na outra. (Zanon e Neves, 2000, p. 60)

Apesar disso, continuam os autores, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e o Conselho Nacional de Meio ambiente (Conama) distinguem os dois, contrariando fatos científicos comprovados por diversos estudos. Esta declaração de que os RSS constituem risco de transmissão de doenças infecciosas para as pessoas e para o meio ambiente reforça credences populares e não têm respaldo científico, pois o lixo domiciliar é ainda mais contaminado do que o próprio RSS (*idem*).

Por outro lado, há nos resíduos sólidos em geral, qualquer que seja sua origem, diversos materiais poluentes, realmente perigosos e danosos à saúde humana e ao meio ambiente e que, muitas vezes, são esquecidos, tendo um destino igual a de um resíduo inócuo. Bons exemplos temos em Zanon e Zanon (2000), com detalhes de suas consequências. Os mais frequentes seriam: pilhas e baterias, lâmpadas fluorescentes e componentes eletrônicos, embalagens contendo resíduos de pesticidas, resíduos de tintas, pigmentos e solventes, frascos pressurizados e os poluentes gerados pela incineração do lixo (Zanon e Zanon, 2000, p.74)

Mesmo com todos os argumentos científicos, no discurso oficial, assim como nas redações, o lixo hospitalar sempre é visto como perigoso, contaminante, contendo agentes patogênicos e necessário de cuidados extremos. Com isto duas questões se sobressaem: a quem interessa este discurso e por quê a ampla aceitação deste pela sociedade. A resposta à primeira pergunta pode ser dada pelas palavras de Zanon e Neves (op.cit.):

quando se afirma que não há relação entre lixo e transmissão de doença infecciosa, cabalmente demonstrado pela literatura, estabelece-se um fato científico. Afirmar o contrário é uma leviandade, uma insensatez ou um falso argumento para beneficiar a indústria do lixo. (p.67)

e pelas palavras de Vieira (2000a):

Não se pode tolerar que recursos públicos estejam sendo desperdiçados com coleta e tratamento especial de Resíduos dos Serviços de Saúde comprovadamente não danosos à sociedade, enquanto faltam verbas para assistência básica à saúde da população.

Quanto à segunda questão, quem nos dá a pista é Eigenheer (2000b, p. 102), ao afirmar que

a palavra hospital acrescenta aos preconceitos culturais (repugnância, rejeição e afastamento) inerentes ao lixo, os componentes do medo da doença e da morte, peculiares à palavra hospital. Juntando-se as palavras lixo e hospital, monta-se um cenário de periculosidade baseado na teoria microbiana, e cria-se, então, a necessidade de esterilização dos resíduos produzidos nessa instituição, ainda que em sua maior parte sejam absolutamente idênticos aos resíduos domésticos.

Vejam os casos de Niterói. A cidade busca há anos soluções para seu aterro, ficou anos com as obras das usinas de triagem e desidratação paradas (hoje funcionando em fase de teste), ainda não resolveu o problema do chorume. Porém a usina de incineração do lixo hospitalar funciona. Esta usina foi financiada pelo Governo do Estado, com verba do Programa de Despoluição da Baía de Guanabara (PDBG), projeto de saneamento iniciado há

dez anos, financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e Banco Japonês para Cooperação Internacional (JBIC). O projeto total está orçado hoje em U\$ 1,04 bilhão (cerca de R\$ 2,8 bilhões) e para o saneamento da questão do lixo foram destinados U\$ 16 milhões (cerca de R\$ 43,2 milhões), dos quais já foram gastos cerca de 70% dos recursos, utilizados prioritariamente na construção de usinas (de triagem, compostagem ou incineração) e sem obter resultados significativos (Marqueiro e Brandão, 2005).

Em 2001, nota no jornal O Fluminense (Que horror, 2001) afirma que “há um forno crematório no local”, mas que “só não funciona porque uma máquina foi roubada e até hoje não foi encontrada nenhuma outra para substituí-la”. Hoje a usina, como afirmado antes, está funcionando, porém nos fica a indagação se ela não estaria emitindo poluentes para o ar, o que seria, como dito, extremamente prejudicial à saúde da população, principalmente do entorno.

Além disso, a prefeitura de Niterói, através da Clin, tem grandes custos mensais com a coleta, transporte e destino diferenciados do lixo hospitalar. Apesar disso, apenas 0,5 a 1% do total de lixo recolhido na cidade é proveniente dos sistemas de saúde – do total de 700 a 800 toneladas diárias, apenas 5 toneladas são de lixo hospitalar (Lixo Hospitalar, 2003). Soma-se a isto o fato de que, deste pequeno total, apenas 20% é considerado “perigoso” (idem).

E não podemos nos esquecer que, como afirma Zanon e Zanon (op.cit., p.75-76), um incinerador queimando resíduos metálicos lança no ar compostos metálicos mais perigosos do que os originais. A única maneira de evitar esta poluição, continuam os autores, seria instalar sistemas de limpeza de gases, tecnologia que só pode ser utilizada em incineradores de grande porte. Os de pequeno e médio portes teriam grandes dificuldades para atingir padrões aceitáveis de emissão.

6.3. Lixeira Como Trabalho

Talvez esteja aqui a grande diferença entre o discurso oficial e o pensamento dos alunos. O tema “Pessoas que trabalham na lixeira” foi o que recebeu maior atenção entre eles, aparecendo em 86 redações, ou 58% do total. Se é correto afirmar que o discurso oficial também trata deste tema, especialmente nos últimos tempos, com a busca da “geração de emprego e renda” através da associação e cooperativismo dos catadores, o mesmo não se pode falar quanto à abordagem ao tema.

Enquanto algumas apontam o fato do lixo ser fonte de renda e trabalho para as pessoas como se fosse uma fatalidade, triste e que dá pena (geralmente quem conhece o fato mas não tem relação com a lixeira), outros apontam como se fosse algo muito bom, é a fonte

de renda de quem não tem trabalho e tem “que sustentar a família” (quem tem esta relação). Os catadores não são vistos como miseráveis (como em Abreu, op.cit., p. 2) ou, como aponta Juncá (2000, p.31), quando “tornam-se indiscriminadamente reconhecidos como ‘classe perigosa’” pela população em geral.

O que sobressai nos discursos das crianças, mesmo que de forma implícita, é uma postura de certa forma política, quando vincula a necessidade de sustentar a família e a falta de oportunidades no mundo do trabalho formal. Muitas vezes, a impressão que nos passa, é que elas não consideram isso um trabalho, mas a falta de um trabalho. Na falta de um trabalho, de um emprego decente, o que se tem é a lixeira, ou seja, é um “não trabalho”, simplesmente uma forma de sobrevivência:

mas para algumas pessoas que trabalha lá um certo ponto é bom por que as pessoas não tem um inprego. e se elas não trabalha lá. vai morer de fome. é poriso que trabalha por obrigação senão. não ganha seu pão de cada dia...

Por outro lado, esta análise pode apontar também uma falta de análise crítica da situação em que vivem. Não há trabalho, o lixo traz trabalho, comida, renda e muitas outras coisas que eles não têm nem teriam como ter se não fosse o lixo, então ele é maravilhoso e nem pensam na possibilidade de acabar com ele.

(...) vários moradores moram perto dessa lixeira e estão querendo acabar, mas as pessoas que não tem trabalho e que trabalha nessa lixeira não querem acabar com o lixo. (...)

(...), é muito triste vê as crianças e os adultos trabalhando no lixão mais agente não pode fazer nada porque se eles não trabalhar eles não vão ter dinheiro para comprar comida. [sublinhado meu]

(...) O lixo nos ajuda a sobreviver o lixo tem muitas coisas que podem ajudar nossa vida e a vida de outras pessoas e também da nossa vida.

Embora haja discursos politizados também, que clamam por soluções e melhores condições de vida para quem trabalha na lixeira, não aparece, porém, exatamente o conceito de cidadania, de justiça social, inserção social e outros que são recorrentes no discurso oficial. Muitas vezes não parecem ter a consciência de que estão, na verdade, catando os restos que uma determinada classe social não quis e nem deu a alguém, jogou no lixo, para se dar um desaparecimento.

Podemos observar também, que as crianças percebem os trabalhadores do lixo como pessoas que não têm outra alternativa, que não têm um trabalho, um emprego decente, e por isso, devem ser ajudados a sair desta situação. Não são “agentes ambientais”, não trabalham

em prol da reciclagem ou da “conservação da natureza e dos recursos naturais” (como aparece em várias fontes, por exemplo, MMA, 2004, p. 47 e Gonçalves, et al, 2002, p.5). Para eles tem de haver a mudança da situação dessas pessoas:

(...) e isso eu digo com toda cinseridade que isso que as pessoas vivem não é vida, e isso é vergonha pro governo que não faz nada! que só qué comer o dinheiro das pessoas, eu acho que o Brasil tinha que melhorar, e dá um jeito nessas pessoas

(...) Ai eu pergunto cadê o governo que não vê isso será que eles não sabe que lixeira e somente lugar de lixo e não um local de trabalho?

Porém, parece que o discurso oficial procura mudar a situação, mas não muito. Quer “reconhecer o catador de materiais recicláveis como agente ambiental” (Gonçalves, et al, 2002). Parece mesmo que os catadores estão – e continuarão – à margem da sociedade: “Catadores, sociedade civil e poder público juntos na busca por uma melhor solução para a questão do lixo” (idem, p. 12). Catadores não fazem parte da sociedade civil?

Segundo Abreu (op.cit., p.5), o Fórum Nacional Lixo & Cidadania foi constituído com um dos objetivos “Inserir socialmente e economicamente os catadores, preferencialmente apoiando e fortalecendo o seu trabalho em programas de coleta seletiva, reutilização e reciclagem de lixo”. Será porque “esse exército de trabalhadores informais desvia entre 10 e 20% dos resíduos urbanos” e “Estima-se que os catadores sejam responsáveis por 90% dos materiais que alimentam as indústrias de reciclagem no Brasil”? (idem, p. 3). Desta forma, apropriando-me das palavras de Eigenheer (2004):

Onde está então o problema com eles, se são úteis às indústrias e ao meio ambiente, ganham seu dinheiro, comem e se vestem de nossas sobras, sem aumentar o contingente de deserdados pelas ruas?! Queremos também o lixo deles...

Porém, apesar desta aparente contradição entre os discursos – as crianças querendo mudanças, emprego decente, e o discurso oficial querendo “inserção social no lixo” –, este aspecto também aparece em algumas redações:

“(...) e também se as pessoas que trabalham lá tivesse luvas, botas, roupa para o trabalho, capacetes equipamentos, e si cada um deles recebe um salario eu acho que a lixeira ia melhora e sem fala que tabém poderia fazer uma fabrica de reciclagem”.

O estigma de quem trabalha no lixo como sendo miserável e posicionado na última escala da dignidade humana continua presente, mesmo com toda a recente discussão sobre o assunto. Desta forma, era esperado o resultado que obtivemos sobre a “confissão” de já ter

trabalhado catando lixo. Apenas três o fazem, além de outras sete citações de pessoas da família (no passado ou no presente). Por isto também apenas uma redação citou o nome de algum conhecido que trabalhou na lixeira, embora 20 delas apontem que conheçam alguém. Isto se deve ao que Goffman nos indica:

“Deve-se acrescentar que as pessoas íntimas não só ajudam a pessoa desacreditável em sua simulação mas também levam essa função além, do que suspeita o beneficiário; elas podem, de fato, servir como um círculo protetor que lhe permite pensar que é mais amplamente aceito como uma pessoa normal do que ocorre na realidade”
(Goffman, 1998, p.108)

E pelo fato de poucas pessoas terem se “assumido”: “Recusando ou evitando brechas de intimidade, o indivíduo pode evitar a obrigação conseqüente de divulgar informação” (idem, p. 110).

Porém, mesmo com a negação ou a omissão do relacionamento direto com a lixeira, concorre para nos mostrar o contrário diversas pistas. Em primeiro lugar, a quantidade de citações sobre as pessoas que lá trabalham (58% das redações), com defesa explícita desta atividade em sua maioria, justificando-a pela necessidade, o sustento à família, a saciação da fome. Depois, as redações em que negam ou omitem, mas dizem que “conhecem alguém”, e “esse alguém” sempre “diz que é bom” ou então conta sobre as coisas que acha e como é a lixeira. Outra pista do encobrimento da relação das crianças com a lixeira são aquelas que dizem em seus discursos que “no lixo *podemos* achar muitas coisas...” ou “o lixo ajuda a *nossa* vida...”, indicando com isto que ele se coloca dentro daqueles que se beneficiam do lixo. Por fim, a descrição, algumas vezes minuciosa, das coisas que são achadas no lixo. Como saber tanto, se não frequenta?

Constatamos também uma certa contradição dentro do próprio discurso oficial: ao mesmo tempo que “condena” o trabalho dos catadores dentro dos lixões, por ser insalubre, desumano, à margem da sociedade, não se cansa de dar exemplos – para incentivar a reciclagem – de pessoas que ganham dinheiro catando lixo. Com um porém: estas pessoas não catam lixo em um lixão ou aterro, catam nas ruas, juntam em casa, trocam por “vales-compras” ou até mesmo por “moedas” fictícias para trocarem depois por comida (exemplo em Bessa, 2004). A miséria, em geral, não é contestada nestes discursos, apenas é vangloriado o fato da pessoa estar conseguindo algum dinheiro ou comida catando lixo.

Estas e as outras manifestações a favor dos catadores nos remetem ao que Goffman (op.cit., p.33) chama de “agentes ou agências” que representem as pessoas que têm um estigma em particular. Estes representantes ou são uma pessoa igual a eles (que têm, de início, um pouco mais de oportunidades de se expressar), ou são os “informados”, pessoas “normais”

que têm um conhecimento mais profundo da vida do estigmatizado e têm uma certa aceitação por parte deles. Segundo o autor, “uma tarefa característica desses representantes é convencer o público a usar um rótulo social mais flexível à categoria em questão”. Daí o uso, ao nosso ver, do rótulo “agente ambiental”, em contradição com “catador”.

Quanto ao trabalho das crianças, com apenas 27 citações, também temos aqui, ao mesmo tempo, uma pequena correspondência e também diferenças em relação ao discurso oficial. Algumas visões que aparecem têm o tom negativo e de compaixão do discurso oficial: “(...), é muito triste vê as crianças e os adultos trabalhando no lixão (...)”; “(...) Coitada dessas crianças. (...)”; “(...) Eu já vi em varios lugares mães e pais lamentando ao ver o filhos trabalhando na lixeira, pois isso doloroso saber que o filho não tera um futuro como eles queria (...)”; “(...) e eu axo bom mais eu axo rum porque tem muita criança que deis de pequeno ta já no lixo trabalhando e não estuda porque tem que alimenta teus irmãos. (...)” “(...) tenho tristeza de saber gue familias com crianças são meus conhecidos, fazem dali sua sobrevivencia. (...)”, entre outros.

Por outro lado, há os que simplesmente apontam a causa e efeito: “(...) e tem as crianças trabalha para a sustentar as família para cuidar dos irmãos (...)”; “(...) Eu sito mas temos que aguentar pos eles precisa do trabalho para sobreviver, criança trabalhando para se alimentar ajudando seu pais (...)”; “(...), têm filhos que até sustentam o pai a mãe e os irmãos. (...)”; “(...) tem crianças que estudam aqui que morram lá na lixeira. Muitas delas não tem nem o que come, (...) lá também trabalham crianças pequenas para compra comida para come elas catam tomate, verduras, frutas e etc... (...)”. Ou seja, para não passar fome, trabalham na lixeira. Então, “tem áte crianças trabalhano no lixo de 9 amos de 7 amos e de 5 amos mas si alixeira acaba muntas pessoas pasara fome em tam eu acho que alixeira não deve acaba”.

6.4 Consumo de carne humana

Embora tenha sido apontado, como vimos, o fato de várias crianças terem sido hospitalizadas com intoxicação por terem ingerido lixo, no lixão de Aguazinha, em Olinda, em 1994, onde “suspeitava-se haver carne humana no lixo hospitalar que era depositado a céu aberto”, este fato não foi encontrado em nenhuma outra literatura. Nos perguntamos até que ponto não pode ser este mais uma “lenda urbana”, como as apresentadas pelos alunos.

Um fato que provavelmente ocorreu e está registrado em várias fontes, foi o consumo de um seio, proveniente de material hospitalar, neste mesmo lixão, por um casal de catadores adultos. Seriam mãe e filho, ela com 65, ele com 39 anos. As reportagens da época e outras fontes citam inclusive os nomes dos dois. Matéria do jornal Folha de São Paulo (Guibu, 1994)

inicia com a frase “favelados de Olinda (6km de Recife, PE) estão comendo pedaços de carne humana recolhidos no lixo hospitalar”, para depois dizer que “pelo menos duas pessoas admitiram à Folha terem se alimentado de carne humana recolhida do lixo”. Creio interessante transcrever os trechos da entrevista com a catadora publicados no jornal:

Folha – A senhora confirma que comeu um seio encontrado no depósito de lixo?

Catadora – Comi sim. Eu e meu filho. Assei no óleo e comi com cuscuz (mistura de farinha de milho com água). Foi a primeira vez que fiz isso.

Folha – Porque a senhora fez isso?

Catadora – No começo eu não sabia o que era. Achava que era uma gordura qualquer.

Folha – Então a senhora comeu sem saber o que era?

Catadora – Quando comecei a fritar a carne apareceu uma gordura amarela. Aí as pessoas me disseram o que era, mas eu não tinha o que comer e comi isso mesmo. Com fome entra tudo. Passei um bocado de dia sem saber o que era almoço.

Folha – A senhora não passou mal?

Catadora – Passei mal. Vomitei muito. Depois tomei remédio, uns negócios aí, e melhorou. meu filho também passou mal.

Folha – O que a senhora costuma comer em casa?

Catadora – Costumo comer o que a gente cata no lixo. É peixe, pão, galinha, essas coisas... (Guibu, 1994)

Este assunto rendeu diversas outras matérias nos meios de comunicação, neste e em outros jornais. Na reportagem, uma pastora da igreja anglicana que liderava um grupo de evangelização entre os catadores sugeriu que a prática era comum entre os mesmos e que os dois que admitiram o consumo não seriam os únicos, embora sem confirmações. Disse a pastora que “nas conversas que tivemos com os catadores sentimos que a prática parece comum entre eles. Mas todos se resguardam” (idem).

Esta é uma questão delicada e, de certa forma, polêmica. Em primeiro lugar, mesmo tendo ocorrido tal fato (mãe e filho comerem o seio humano), não se pode justificar a periculosidade do lixo hospitalar por isto. Depois, não creio ser prática recorrente. Via de regra há abundância de comida nos lixões: sacolões, feiras, mercados, restos domésticos. Os catadores recorrem com frequência à estas fontes, como vimos nas redações das crianças e pelas listagens de coisas que existem e encontram. Duas delas, inclusive, citaram o fato de haver um caminhão, vindo de um supermercado, apelidado de “sacolão”:

Eu sei que existe várias crianças trabalhando para cosegui o pão de cada dia, tem um caminhão lá que eles dizem que e o “sacolão” esse sacolão cai frutas que eles podem comer, la cai biscoitos fora da validade alguns na validade mais e meio difícil cai iorgut, leites, manteiga que os homens que traz pega do mercado que ficam fora da validade

e augus dia veo um caniaiu chamado de sacolar que leva alineto para as pessoas

Este caminhão também é citado no relatório de Ribeiro e Santos (op.cit.):

O “caminhão do Carrefour” – conforme é identificado pelos moradores/catadores – que despeja alimentos com validade vencida ou prestes a vencer, também foi apontado como alternativo na alimentação, somente viável graças à existência da lixeira. Entre os alimentos despejados, são selecionados verduras, legumes, frutas, laticíneos, massas, biscoitos e enlatados. É permitida a entrada dos catadores no caminhão para a escolha dos alimentos ainda aproveitáveis. Essa rotina é conhecida como o “fazer a feira”, ou o “hortifruti”.

Juncá (2004) nos mostra também que os catadores sabem como conseguir comida, e quais os melhores caminhões neste sentido:

[os catadores] rapidamente identificavam os caminhões provenientes de áreas cuja população tinha um melhor poder aquisitivo, aqueles que vinham de áreas comerciais, os que traziam resíduos industriais ou ainda os que despertavam sua especial atenção por serem oriundos de supermercados, podendo conter alimentos a serem ainda aproveitados. (p. 113)

6.5 Nojo

Considerando ainda esta questão, apesar de os catadores trabalharem em contato direto com o lixo, também há, entre eles, sentimentos de incômodo, afastamento, nojo e repugnância. Portilho (1997) trabalhou com as representações sociais sobre o lixo em três categorias profissionais envolvidas com a questão: engenheiros, garis e catadores. Nos depoimentos recolhidos através de entrevistas, pôde perceber que as três categorias mantêm formas de afastamento do lixo. Estas formas foram agrupadas em cinco estratégias principais: 1) evitar ou reduzir o contato com o lixo, 2) se “preparar psicologicamente” antes deste contato, 3) limitar o tipo de contato, 4) limitar o tipo de lixo com o qual é permitido manter contato e 5) demarcar os espaços onde o contato é permitido (p.99). Destas cinco, apenas a terceira não foi encontrada entre os catadores, visto que sua atividade impõe um contato direto e inevitável.

Na estratégia “limitar o tipo de lixo”, os catadores apontaram, assim como os garis, o lixo hospitalar. O lixo hospitalar é um grande tabu entre eles, seja pela presença de seringas ou objetos perfuro-cortantes e “contaminados”, seja pela presença de peças anatômicas humanas, sendo este, inclusive, o maior tabu do lixo.

Segundo Rodrigues (*apud* Portilho, op.cit., p. 44), na vida cotidiana nós criamos zonas de fronteiras que separam categorias opostas, que não devem misturar-se. Esta lógica dos opostos (e ao mesmo tempo complementares) é predominante nas sociedades ocidentais, em que temos o claro/escuro, leste/oeste, limpo/sujo, sociedade/natureza, etc. Assim, também

temos as portas e divisórias, fronteiras territoriais, tampas, muros, cortinas, uniformes, porta social e porta de serviço, etc. (Portilho, *idem*). O que não encontra lugar neste sistema binário, não se enquadrando em nenhum ou mesmo se enquadrando nos dois, causam as ameaças e inseguranças, merecendo, por nós, cuidados e atenções especiais. Por exemplo temos os adolescentes (nem crianças nem adultos), as empregadas domésticas (não são da família, mas não estão fora dela totalmente), etc.

O nojo, para Portilho (*idem*), seria então, uma reação à desordem na linha divisória entre dois mundos antagônicos, da natureza (próxima ao mundo da “sujeira” e da cultura (práticas higiênicas). Como ela aponta, “uma coisa nojenta é sempre algo que cruza uma linha demarcatória e a reação de nojo é uma reação de proteção contra estas transgressões”.

Como vimos, a relação deste sentimento com o lixo não apareceu de forma expressiva nas redações, com apenas cinco referências. Destas cinco, duas generalistas (ao lixo, sem especificar especialmente a qual aspecto) e três relacionadas aos animais. Talvez pelo fato do lixo estar já dentro de seu mundo, as crianças não o demonstraram muito como uma agressão à uma fronteira. Os animais que o frequentam, por outro lado, representam uma transgressão à a fronteira entre a saúde e a doença (dicotomia muito citada, como pudemos perceber), pois são eles que trazem as doenças e, pior, para dentro de casa.

6.6 Criança no lixo nunca mais

Como já apontado, o fato de crianças que teriam passado mal por ingerirem comida de um lixão (supostamente lixo hospitalar), serviu como impulsionador para a Unicef lançar o Fórum Lixo & Cidadania e, posteriormente, a campanha “Criança do lixo nunca mais”, inserindo a erradicação do trabalho infantil no lixo como uma de suas prioridades, por estarem “sujeitas a problemas sociais como a gravidez precoce, abuso sexual e uso abusivo de drogas” (Abreu, *op.cit.*). Creio que todas as crianças estão sujeitas a estes problemas, principalmente as que são lançadas no mercado de trabalho, seja ele qual for.

Partindo deste princípio – da igualdade de todas as crianças – fazemos alguns questionamentos à campanha e a forma de abordagem ao problema. Em primeiro lugar em relação à quantidade de crianças que trabalham no lixo. Segundo dados do IBGE (Ciranda, 2003), 5,5 milhões de crianças e adolescentes trabalham no Brasil. Ainda de acordo com o IBGE, pesquisa baseada no censo 2000 (Rodrigues e Lins, 2004), são 14% das crianças e adolescentes, entre 10 e 17 anos, que trabalham no Brasil. A situação é pior em cidades menores, diminuindo a proporção quanto maior a cidade. Por exemplo, em municípios com

até 5 mil habitantes 22,5% trabalham, enquanto são 17,6% nos municípios de 20 mil a 50 mil habitantes e nos que têm mais de 500 mil habitantes, 8,4%.

Dados quanto à exploração sexual infantil, por exemplo, mostram como é complexo o problema do trabalho de crianças e adolescentes. Estudo do Ministério da Justiça, Unicef e da Universidade de Brasília (*in* Brígido, 2005) apontam a exploração sexual infantil em 16,88% dos municípios brasileiros – 937 municípios (considerando-se prostituição, tráfico de menores, pornografia e turismo sexual). A maior parte deles no interior, em cidades com 20 mil a 100 mil habitantes, embora também esteja presente em todas as capitais. Não há números quanto à quantidade de crianças envolvidas.

Frente ao problema, segundo os autores, o governo pretende articular ações de todos os programas sociais (como o Bolsa Escola e o Saúde em Família) para dar mais atenção às vítimas. O governo traçou uma meta de reduzir a 50% o número de cidades onde se praticam crimes sexuais contra crianças e adolescentes. Por outro lado, segundo Abreu (*op.cit.*, p. 8), “a adequada Gestão de Resíduos Sólidos pressupõe [*entre outros aspectos*] a inclusão escolar de todas as crianças que trabalhavam com lixo”. E explica:

Lugar de criança é na escola, aprendendo. Toda criança tem direito a ter nome, registro civil gratuito, atendimento prioritário em postos de saúde e hospitais, acesso a vacinas no momento apropriado, moradia digna, pré-escola, vaga na escola mais perto de casa, lazer e informação. E isso não é utopia. É lei. Está no estatuto da Criança e do Adolescente. E precisa ser garantido para TODAS as crianças em todo o Brasil.

Conforme pesquisa da Unicef (*in* Abreu, *op.cit.*), em 1998, tínhamos 45 mil crianças trabalhando na catação de lixo. De acordo com informações do boletim Prioridade Absoluta (Ciranda, 2005), são cerca de 40 mil crianças e adolescentes que trabalham e vivem em lixões espalhados pelo Brasil¹⁶. Em notícia sobre o lançamento da campanha “Criança no lixo nunca mais”, no sítio do Ministério do Meio Ambiente¹⁷, são 50 mil crianças. Já na Agenda 21 Brasileira (Novaes, 2000, p. 83), há um trecho em que, também segundo o Unicef, no Brasil mais de 40 mil pessoas (grifo meu) vivem diretamente da catação em lixões, sendo a presença de crianças e adolescentes “significativa”.

Assim, comparando o número de crianças que trabalham no Brasil (5,5 milhões) com o número de crianças estimado pelo Unicef que trabalham catando lixo (45 mil), já temos uma grande diferença entre os dois números, ou seja, a quantidade de crianças que supostamente trabalham no lixo é apenas uma pequena porcentagem da quantidade total de crianças que

¹⁶ Estimativas do Unicef, baseadas em pesquisas da ONG Água e Vida de 1998 e do Fórum Nacional Lixo & Cidadania

trabalham no Brasil. Além disso, como visto no capítulo 3, apesar de terem sido distribuídas 46.742 bolsas para que crianças saiam do lixo, Abreu (op.cit.) nos diz que não se pode dizer que o trabalho infantil nos lixões tenha sido erradicado. De fato, não se pode e por vários motivos. Em primeiro lugar, estas informações são muito difíceis de se conseguir com precisão. Podemos considerar também, como já apontado, a diferença entre as regiões Sudeste/Centro-oeste e a região Nordeste. Enquanto as primeiras receberam mais que o dobro de bolsas do que a pesquisa da própria Unicef havia indicado de crianças, a segunda recebeu menos da metade do que necessitaria. Ou seja, o número de crianças é bem maior do que a estimativa e nem todas receberam. Há o problema também, não controlado, de a criança receber a bolsa e continuar no lixo, ainda para complementar a renda familiar (como vimos exemplo em revista analisada no capítulo 4).

Além disso, como ainda nos aponta Abreu (idem), a criança só entra neste programa de bolsas (PETI) quando em idade escolar. As que ainda não estão (abaixo de 7 anos), muito provavelmente acompanham os pais no trabalho nas lixeiras. E devemos considerar, por fim, que o fluxo de pessoas que entram e saem das lixeiras é contínuo; há um constante rodízio: a criança recebe a bolsa, sai do lixo, vem outra.

Em relação à situação em Niterói, no projeto Chico Mendes, já esclarecido aqui por mim, soube de diversas crianças que sabidamente não trabalhavam no lixo mas recebiam o PETI. A razão é, de certa forma, lógica: aqueles que não estão no lixo, não quer dizer que não precisem. Se só os outros, que catam no lixo, receberem, haverá um fluxo de crianças indo à lixeira, para também poderem receber o auxílio. Ainda assim, há dados interessantes. Mesmo recebendo o benefício, os agentes Jovens (bolsa auxílio para quem tem de 14 a 16 anos) ainda catam lixo. E muitas crianças não catam mais por uma razão mais forte do que a bolsa: o tráfico e a violência, que cresceu muito na região. Os próprios pais não deixam. E, segundo informações igualmente colhidas no projeto, eles ganham mais catando lixo do que recebendo o auxílio financeiro do PETI.

Estas questões nos levam a pensar se um projeto deste tipo não se torna demagógico, tendendo inclusive ao seu uso político. Em Niterói, o Projeto Chico Mendes aparece em muitos meios de comunicação, porém na maioria das vezes citando-se apenas a Secretaria Municipal de Integração, Cidadania e Promoção Social, embora sabendo que, para que ocorra, são fundamentais as bolsas do PETI distribuídas às crianças, base de todo o projeto.

Por exemplo, temos na página da internet do vereador da cidade à época como secretário, onde cita suas realizações frente à secretaria:

¹⁷ Notícia de 08/06/99, disponível em: <http://www.mma.gov.br/ascom/imprensa/junho99/lixo.html> – em: 14/01/05

Na Secretaria Municipal de Integração, Cidadania e Promoção Social de Niterói, durante a gestão de Rodrigo, foram implantados (...) o Centro de Cidadania Chico Mendes, entre diversas ações de combate da exclusão social¹⁸

E entre as citações de seus projetos e leis:

Implantou o Centro de Cidadania Chico Mendes para erradicação do trabalho infantil no aterro sanitário¹⁹

Em uma versão eletrônica de um jornal local (Garcia, 2002), temos a notícia:

O trabalho desenvolvido pelo Centro de Cidadania Chico Mendes, no Caramujo, com crianças retiradas do lixão do Morro do Céu, conquistou destaque internacional. A iniciativa será apresentada pela Secretaria de Integração e Cidadania de Niterói num seminário sobre ações sociais na Holanda, a convite do governo holandês.

Outro jornal local (Caramujo, s/d), a notícia da inauguração do Centro, citando apenas um acordo com a Unicef:

(...) A inauguração, em clima de festa, foi prestigiada por centenas e moradores do bairro.

Uma iniciativa da Secretaria de Integração, Cidadania e Promoção Social, o Centro de Cidadania Chico Mendes vai atender a crianças, jovens e famílias que moram nas proximidades do vazadouro de lixo. De acordo com o secretário de Cidadania e Promoção Social, Rodrigo Neves, a Prefeitura de Niterói atende mais um compromisso firmado em setembro de 1999 pelo prefeito Jorge Roberto Silveira com a Unicef. A partir desse acordo foi criado o projeto “Criança no lixo nunca mais”, que objetiva tirar as crianças do trabalho no lixo.

E em outra notícia deste mesmo jornal (Unicef, 2003):

Representantes da Unicef estiveram na última terça-feira, 28, no Centro de Cidadania Chico Mendes, no Morro do Céu (Caramujo) para conhecer o programa “Criança no lixo, nunca mais”, desenvolvido com crianças que foram retiradas do vazadouro de lixo.

Os diretores da Unicef estavam acompanhados pela secretária Heloísa Mesquita, de Integração, Cidadania e Promoção Social. (...).

Por fim, no jornal O Fluminense (Parabéns, 2003):

Há dois anos desenvolvendo projetos com as crianças do Morro do Céu, o Centro de Cidadania Chico Mendes faz aniversário nesta segunda-feira. Para comemorar, o Centro está organizando uma festa, que contará com a presença do prefeito

¹⁸ Disponível em: <http://www.vereadores.com.br/rodrigoneves/rodrigoreal.htm> - acesso em: 10/03/05

¹⁹ Disponível em: <http://www.vereadores.com.br/rodrigoneves/rodrigoproj.htm> - acesso em: 10/03/05

Godofredo Pinto. Desde a sua fundação, o objetivo da instituição é evitar que crianças trabalhem como catadores de lixo, atividade que sustenta muitas famílias do morro, que abriga o aterro sanitário da cidade. O Centro oferece atividades educacionais e esportivas, como cursos de informática e capoeira. A comunidade também é beneficiada por uma bolsa-auxílio destinada à educação dos menores.

6.7 Consumo x lixo

Por diversas vezes, soluções para os problemas apontados (doenças, morte, aspectos ambientais) foram propostas pelos alunos. Iniciamos esta categoria com aqueles que fizeram, de alguma forma, uma relação entre o lixo e o que usamos. Como vimos, a problemática que hoje existe sobre os resíduos sólidos teve origem com a instalação e fortalecimento de nossa sociedade industrial e de consumo. Inicialmente a Revolução Industrial, com a produção em série dos bens e, posteriormente, após a II Guerra Mundial, com o incremento do consumo de massa (Eigenheer, 2003, p. 62). A relação consumo x lixo é muito pouco apontada, apenas oito o fizeram, seja em relação ao consumismo, seja em relação ao desperdício de quem gera o lixo. Como exemplo, temos um trecho de redação de quem parece conhecer o que tem no aterro e faz uma relação, com as suas palavras, com as pessoas que não sabem consumir:

O lixo é uma coisa todos fazem vários proveitos e jogam fora, mais não fazem o proveito certos por que tem a coleta dos lixos que são criados, por várias coisas maneiras ou seja cestos, brinquedos, etc... (...)

A relação que ela faz, neste caso, é, de certa forma, muito lógica: se há no lixo tantas coisas “maneiras”, como cestos, brinquedos, entre outras coisas que podem ainda ser aproveitadas, é porque não era lixo, e as pessoas não souberam aproveitar, jogando-as fora.

Na realidade, quando os poucos alunos apontam esta relação, não aprofundam o tema, nem o dão importância como parte da solução. Ou seja, o lixo é produzido pelo ser humano, mas como solução para o problema do lixo não aparece a diminuição do consumo, nem o cuidado com as coisas, nada contra a descartabilidade. Esta pouca reflexão acerca desta relação reflete, em parte, as informações disponíveis no discurso oficial. Neste, muitas vezes se fala da quantidade de lixo produzido, da relação entre esta quantidade e o nível de desenvolvimento de uma sociedade (quanto maior este, maior aquele) e da necessidade, cada vez maior, em nossa sociedade, de consumir. Como solução, porém, poucas vezes citam, ou pouco exploram, a necessidade de reduzir a produção.

Algumas vezes se aponta a necessidade de “evitar a sua produção desnecessária” ou “diminuir o desperdício”, dando, inclusive, dicas de como fazê-lo. Várias vezes estas noções

estão dentro do chamado 3R's (Reduzir, Reutilizar, Reciclar), o que leva à estas dicas. Porém, assim como nas redações dos alunos, o grande foco está na reciclagem. Poucas vezes o foco principal está na sociedade de consumo, na descartabilidade, no desperdício. A relação é direta e apresentada como lógica: se existe muito consumo e desperdício, devemos reciclar. Assim terminaremos com o desperdício do lixo, apresentado no discurso oficial como sendo matéria-prima, como renda, como diminuição dos gastos de produção. Por exemplo, entre outros: “O lixo bem administrado é capaz de gerar renda e emprego” (Lixo, 2001,a, p.10); “O lixo passou a ser visto não só como rejeito, mas também como matéria-prima, gerando renda, através do mercado da reutilização, da reciclagem” (Cozetti, 2001, p.17); “O lixo é matéria-prima fora do lugar” (Minc, 2003). Já a descartabilidade ou o desperdício de materiais *antes* de se tornarem lixo, não são assuntos abordados profundamente em todos os textos.

6.8 Coleta Seletiva e Reciclagem

Um aspecto que sempre aparece, talvez importado do discurso oficial, é o de coleta seletiva e da reciclagem. Ambos são apontados pelo grupo de alunos como soluções para o lixo, junto com o fato, sempre citado também, de que o lixo traz trabalho e renda. A idéia de uma cooperativa porém, não aparece em nenhuma redação; e apenas em uma referência à usina há a idéia da absorção dos catadores para trabalhar nela:

(...) tem alguma coisa muito legal que está acontecendo e uma alzima que está acontecido lá tem algumas pessoas que vai trabalha lá as pessoa que trabalha na lixeira.

Se a coleta seletiva e a reciclagem estão presentes em ambos discursos, questionamos porém a maneira em que são vistos hoje pelo discurso oficial, com o risco de se tornar uma espécie de alibi para continuarmos no caminho de uma sociedade de consumo – cada vez mais destruidora do meio ambiente e excludente.

Como as estatísticas podem mostrar, a reciclagem de determinado material não está diminuindo seu uso. Não está diminuindo a demanda e a pressão por sua extração ou utilização. Assim, a reciclagem do papel não diminui a quantidade de árvores cultivadas e cortadas, principalmente para a fabricação do papel branco. A reciclagem da latinha de alumínio chegou a níveis como a 89% da produção nacional²⁰, mas não diminuiu a quantidade

²⁰ Em 2003. Informação retirada do sítio do Cempre – Compromisso Empresarial para a Reciclagem, disponível em http://www.cempre.org.br/fichas_tecnicas_latas_aluminio.php (acesso em 09/02/05)

de extração de bauxita – minério de onde é retirado o alumínio. Layrargues (2002) faz em seu artigo uma pormenorizada análise desta situação, onde nos diz que

“O fato é que o Brasil não deixou de extrair bauxita, nem reduziu sua produção de alumínio primário em função da reciclagem. Ocorre que, como qualquer outro negócio, o investimento na produção de alumínio depende da demanda interna ou externa”. (p.194)

Outro exemplo podemos ter com as garrafas Pet. Segundo gráfico da revista Ecologia e desenvolvimento (Neiva, 2001), tanto a produção quanto a reciclagem das garrafas Pet vêm crescendo a cada ano. Há dados para a demanda nacional da resina Pet, dados da demanda para refrigerantes (um pouco menores) e dados da reciclagem pós-consumo. Em 1997, por exemplo, a demanda da resina para refrigerantes foi 185,7 mil toneladas, enquanto a reciclagem pós-consumo foi de 30 mil/ton. A diferença é de 155,7 mil/ton, com um nível percentual de reciclagem de 16,2%. Em 1998, com uma demanda de 223,6 mil/ton. e 40 mil/ton. de reciclagem, a diferença agora é de 183,6 mil/ton, com uma percentagem um pouco maior (17,9%). Em 1999 a diferença entre consumo e reciclagem sobe para 187,4 mil/ton e a percentagem reciclada sobe para 20,42%. Finalmente em 2000, a diferença entre a demanda nacional da resina Pet e a reciclagem pós-consumo, que subiu para 26,27%, é de 188 mil/ton. Isto considerando a demanda apenas para refrigerantes, pois se considerarmos a demanda total da resina Pet, o fosso entre esta e a reciclagem é bem maior.

Podemos ver por este exemplo que, embora a reciclagem esteja crescendo, não alcança o crescimento do consumo, sendo a diferença entre eles sempre maior. Mesmo supondo que, em determinado ano, tudo o que seja produzido retorne para reciclagem, o que é pouco provável, com a crescente demanda e consumo sempre haverá uma diferença a ser produzida.

Estes números são apresentados como sendo positivos, pois a tendência está sendo ver apenas a porcentagem da reciclagem. De que nos adiantará chegar ao nível de consumos dos Estados Unidos por exemplo, em que a reciclagem, em muitos lugares, já está bem adiantada, como o exemplo de Seattle (Mahler, 2001), mas com a cultura da descartabilidade cada vez mais acentuada? Segundo Layrargues, o foco na reciclagem produz um efeito tranquilizante na consciência das pessoas, que podem então consumir mais produtos, pois agora são recicláveis e, portanto ecológicos. O próprio símbolo da reciclagem nos produtos “cria a suposição da reciclabilidade garantida e infinita” e “torna-se um componente da descartabilidade, reforçando a ideologia do consumismo” (Layrargues, op.cit., p. 188).

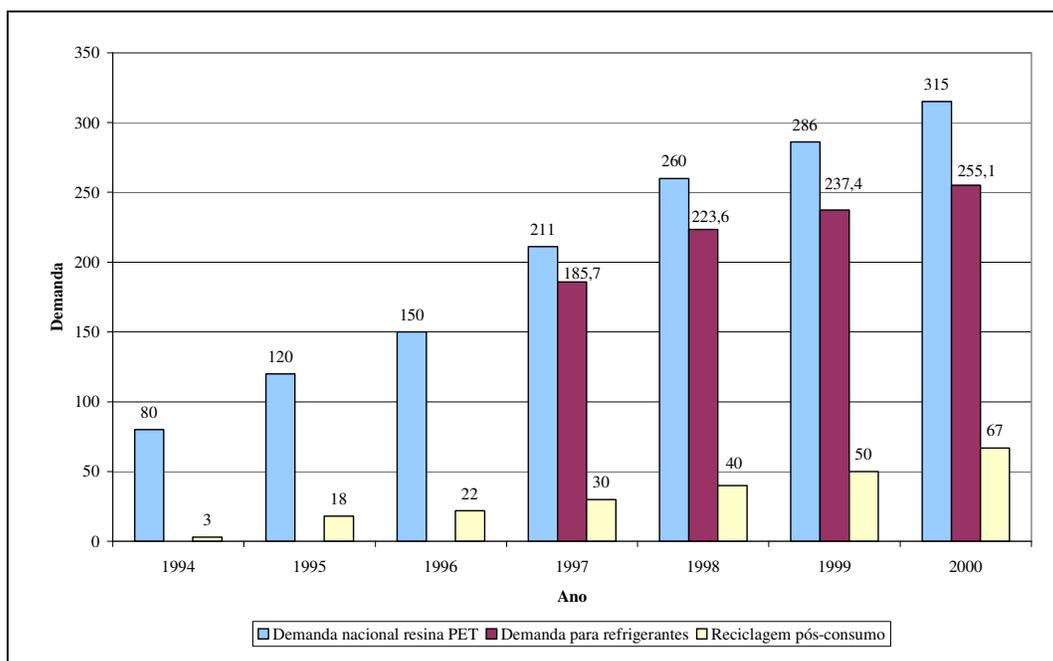


Figura 6.1 – Resina PET – Produção e reciclagem (in Cozetti, 2001, p.19)

Temos o exemplo também da Alemanha, onde não obstante ter um dos mais avançados programas de coleta seletiva do mundo (o DSD, conhecido como ponto verde, em que os produtores de embalagens e comércio em geral recolhem as embalagens que produzem e vendem), não implicou na redução do volume de lixo gerado (Eigenheer, 2003, p. 76). Além disso, com este programa há mais geração de lixo reciclável do que sua própria capacidade industrial em absorvê-los (Eigenheer, *idem*, p.77 e Araujo Junior, 2004), o que pode explicar em parte os “escândalos episódicos” envolvendo a exportação de materiais recicláveis para países do Terceiro Mundo (Wiedemann, 1999, p. 22 e Eigenheer, 2003, p. 77).

Nos jornais também a reciclagem é vista como panacéia para os problemas. Como em Medeiros (2001, a), onde o próprio título leva a pensar isto: “A reciclagem é a solução”, e onde temos, no sub-título e no corpo do artigo, a indicação que as usinas acabariam com os aterros sanitários: “cidades investem na construção de usinas de lixo para acabar com os transtornos causados por aterros sanitários” e “Todo o lixo de Tanguá vai para a usina. Graças a isso, a cidade não precisa recorrer aos aterros sanitários, o que evita danos ao meio ambiente e a proliferação de insetos” (o que é contestado por um diretor da Comlurb, como vimos no capítulo 4 – em Cozetti, *op.cit.*).

Não se tem notícia, por enquanto, de cidade que não utilize uma destinação final para seus resíduos (lixão ou aterro), mesmo com coleta seletiva ou usinas de triagem. Nem sempre a separação do lixo equivale ao seu posterior aproveitamento pela indústria. Como exemplo temos novamente a Alemanha, que, como vimos, país dos mais avançados neste setor de

coleta seletiva, algumas vezes “exporta” resíduos para países do Terceiro Mundo e, todavia, ainda mantém aterros sanitários.

6.9 Reciclagem ou arte?

Segundo Lima-e-Silva (op.cit.),

pode haver vários tipos de reciclagem, p.ex.: (a) reutilização de materiais com um mínimo de reprocessamento (garrafas de vidro, p.ex.); (...) (c) reciclagem de materiais pós-consumo, que envolve separação prévia na fonte geradora, coleta seletiva, limpeza e reprocessamento”. (p. 194)

Desta forma, embora prefiro considerar “reaproveitamento”, chamarei aqui de reciclagem a arte com o lixo. Também refletindo o discurso oficial, as crianças citaram oito vezes este tipo de reciclagem. Em geral, dizendo que o lixo pode ser reciclado, por exemplo, fazendo “belos artesanatos”, “taça de enfeite”, “carrinhos”, “pufs”, “poltronas”, “até brinquedos que viram motivo de alegria para crianças que tem uma condição de vida ruim”.

Este aspecto também está presente em diversas das fontes consultadas, como já vimos, com vários exemplos de pessoas que ganham dinheiro com este reaproveitamento. Além disso, outras formas de reaproveitamento de materiais como garrafas Pet e caixas de leite longa-vida também têm destaque. Exemplos em notícias como “garrafas de plástico vão para paredes de casas populares (Penhalver, 2004) e “caixinhas de longa vida deixam a casa mais fresca (Ribella, 2004). Segundo o coordenador do projeto,

“as mantas de Tetra Pak são uma boa solução para favelas, habitações populares e galpões, já que a instalação tem custo muito baixo, não exige mão-de-obra qualificada e também não há compromisso com a estética.”

6.10 Usinas

As usinas aparecem 12 vezes nas redações das crianças, seja nominalmente, seja considerada como uma “fábrica de reciclagem”. Oito delas referem-se às próprias usinas que estão sendo construídas no local. Estas usinas, assim como o aterro, foram alvo de diversas denúncias, discussões e manchetes nos jornais. As crianças apontaram o que estava acontecendo: “(...) e também está sendo construída uma usina p/ reciclagem do lixo. (...)”; apontaram que as obras pararam: “(...) e o lixo tava criando uma uzina e não cei porque parou de continuar o trabalho e grio muito mato(...)”; e também o que deve acontecer: “(...) O único jeito de acabar com isso era continuar as obras da usina e reciclar o lixo!”

As obras de duas usinas (triagem e compostagem, e incineração do lixo hospitalar) tiveram início em 1998, através do Programa de Despoluição da Baía de Guanabara, pelo governo do Estado. Porém foram paralisadas em novembro do mesmo ano (Medeiros, 2001), foram finalmente retomadas, mas nem tudo está concluído. Diversas notificações foram feitas pelo Ministério Público, com prazos não cumpridos e multas aplicadas. Posteriormente, foi acoplada à usina de triagem e compostagem uma usina de desidratação de lixo, que segundo a então presidente da Clin, levaria a um volume de lixo em 30% do total que entrasse no aterro.

Em reportagem de Medeiros (2002, b), de julho de 2002, temos a promessa de que todas as obras estariam prontas em três meses: “15 dias para a conclusão da usina de seleção de lixo; 30 dias para operação do incinerador de lixo hospitalar e três meses para a inauguração da usina de compostagem”. Esta fase de finalização das obras estava orçada em R\$ 2 milhões. Já em Trindade (2003,b), de maio de 2003, a usina de desidratação ficaria pronta em mais dois meses. No início do ano seguinte, em Borges (2004), a conclusão das usinas ainda é notícia, quando a Clin assina um contrato de R\$ 8,3 milhões com a empresa responsável por gerir o aterro, determinando a conclusão das obras e também a construção de um muro no perímetro do aterro, a pavimentação dos acessos e modernização das balanças responsáveis pela pesagem dos caminhões. Finalmente, em Malta (2004), temos a notícia da inauguração da usina de desidratação, em julho de 2004. Porém, a usina funciona ainda em fase de testes, sendo inclusive, alvo de investigação pelo MP, como atesta a notícia Lixo (2004).

Como há diversos equívocos encontrados na literatura em relação às usinas, tanto aos nomes, quanto às suas funções, colocamos aqui algumas definições que podem ajudar a entender melhor algumas leituras:

Usina de lixo – Instalação onde é efetuado o processamento de resíduos sólidos, como a triagem, a prensagem, a incineração, a compostagem etc. (IBGE, 2004); Instalação onde se dá o processamento de resíduos sólidos, p.ex. triagem, prensagem, incineração, pirólise, etc. (Lima-e-Silva et al., op.cit.);

Usina de triagem – Instalação onde é efetuada a separação dos materiais presentes no lixo, após sua coleta e transporte (IBGE, op.cit.); Instalação onde é feita a separação dos materiais do lixo, após sua coleta e transporte (Lima-e-Silva, et al., op.cit.);

Usina de compostagem – Instalação industrial onde se processa a transformação do lixo orgânico em composto orgânico para uso agrícola (IBGE, 2004); Usina onde é feita a compostagem da fração orgânica do lixo (Lima-e-Silva, et al., op.cit.).

Compostagem – Método de tratamento dos resíduos sólidos (lixo) através da fermentação da matéria orgânica contida nos mesmos, conseguindo-se a sua estabilização, sob a forma de um

adubo denominado composto. Na compostagem sobram normalmente cerca de 50% de resíduos (IBGE, op.cit.); Processo de provocar a decomposição da matéria orgânica (lixo de origem animal ou vegetal - restos de comida, folhas, etc.) pela ação de microorganismos (bactérias e fungos), transformando-a no composto, um húmus produzido artificialmente, que serve como adubo (Lima-e-Silva, et al., op.cit.).

Usina de reciclagem – Instalação industrial onde materiais misturados ao lixo são separados por triagem manual, tais como papéis, plásticos, vidros, pedaços de pano, ou também através de sistema magnético como no caso de materiais ferrosos. Os materiais separados do lixo são encaminhados para a reciclagem (IBGE, op.cit.); Unidade onde materiais pré-selecionados dos resíduos sólidos são processados e transformados em produtos (Lima-e-Silva et al., op.cit.).

Usina de incineração – Instalação onde se processa a queima controlada do lixo, com o objetivo de transformá-lo em matéria estável e portanto inofensiva a saúde pública. Pode ainda ser utilizado forno especialmente projetado para tal finalidade (IBGE, op.cit.).

Usina de Desidratação – Tecnologia nova em fase de testes onde, após triagem de certos materiais do lixo para o reaproveitamento (plásticos, metais e papéis, por exemplo), o lixo é desidratado e mineralizado em circuito fechado, quando pode-se reduzir seu volume a cerca de 5% do original.

6.10 Discursos Politizados

Como vimos, 42 crianças apresentaram alguma reivindicação, reclamação, ou posição de certa forma política, em seus discursos. Considero, neste caso, a influência que a discussão em âmbito municipal e estadual sobre o assunto deva ter sobre a representação dos alunos. Este aterro, como mostro em outro trabalho (Dib-Ferreira, 2001), foi polêmico desde seu início, despertando movimentos populares e manifestações. Recentemente também vem sendo alvo de denúncias, multas, intimações de fechamento, entre outros, com ampla cobertura na imprensa. Isto, ao meu ver, colabora para explicar parte destes discursos, principalmente os que apontam a prefeitura (ou políticos e outras instâncias) e cobram providências.

Podemos acompanhar um pouco a trajetória deste aterro e a briga política entre o Ministério Público e a prefeitura para que a situação no local se regularize, como as usinas e o chorume. Já em 2001, o promotor dos Direitos Difusos e Coletivos de Niterói, em vistoria ao aterro constatou irregularidades e determinou prazo de 60 dias para o término das obras das usinas ou entraria com ação contra a prefeitura e o estado (Arruda, 2001 e Lixo, 2001b). A

iniciativa da vistoria foi em decorrência de um ofício enviado pelo próprio secretário regional municipal, que pedia que algo fosse feito para resolver as questões.

As notícias se sucedem nos jornais. Em Vasconcelos (2002), o Ministério Público estadual pretende proibir a Clin de despejar lixo no aterro após 2004:

... o Ministério Público tem laudos comprovando que o aterro está saturado e precisa de obras emergenciais para evitar que o chorume, líquido tóxico gerado a partir da decomposição do lixo, continue poluindo o local.

Temos ainda a notícia de que a Clin teria mesmo que arrumar outro local, até o final de 2004, após o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro ter indeferido recurso da prefeitura contra a desativação do aterro (Risso, 2003). O Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro entrou com requerimento (Processo nº 2002.002.022998, ajuizado na 6ª Vara Cível Comarca Niterói), realizado por meio de Ação Cível Pública, solicitando a desativação definitiva do vazadouro de lixo, sendo apoiado pelo CONAMA.

As notícias continuam; sobre as investigações: “MP investiga ações da Clin” (Lima, 2003a), “Presidente da Clin nega informação” (Lima, 2003b); sobre a multa: “Ibama multa Clin em R\$1 milhão” (Borges, 2004), “Ibama vistoria aterro e multa Clin em R\$ 1 milhão” (Duarte, 2004b); ainda sobre as usinas: “Lixo sob suspeita: Ministério Público investiga funcionamento de usina de desidratação em Niterói” (Lixo, 2004); entre muitas outras referentes às investigações, às usinas, ao aterro.

Creemos que por conta desta superexposição da situação do aterro, seus problemas e suas soluções não cumpridas (tratamento do chorume, usinas), o assunto seja muito comentado pelos moradores, o que reflete também nas redações das crianças.

Outro ponto de vista que apareceu nos discursos com tons politizados foi quanto ao trabalho, de adulto ou de crianças, e a necessidade de se arrumar emprego ou “trabalho honesto” para as pessoas que utilizam o lixo por necessidade. Este discurso encontra paralelo também no discurso oficial, particularmente após o Fórum Lixo & Cidadania e as campanhas que ocorreram e ocorrem após elas. De fato, creio que estas campanhas surtiram efeito no imaginário e nas representações das pessoas, a ponto, inclusive, do IBGE apontar, na PNSB, como um dos fatores que contribuíram para a tendência de melhora registrada na disposição final do lixo no Brasil “a força e o apelo popular do programa da UNICEF, Lixo e Cidadania (Criança no Lixo, Nunca Mais) em todo o Território Nacional” (IBGE, 2000, p. 50).

Os discursos politizados também se voltaram contra a própria população, como vimos, tanto em relação ao trabalho no lixo:

(...). As pessoas fala que a lixeira acabar muita gente morre de fome. Na morre não por que eles não quer enfretar uma casa de familia se eles quiseste trabalhar no jornal o fluminense tem muitos trabalho de casa de familia. Eles gosta de um mole (...)

Quanto à culpa pela situação não melhorar, apesar do esforço da prefeitura:

(...) o governo está tomando providencias agora. mais eu acho que não está adiantando nada por que os moradores do morro do céu não colaboram.

Estes discursos encontram paralelos, junto com os do tema “chamamento à ação”, nos textos e campanhas vinculadas pelo discurso oficial, que analiso no item seguinte.

No meio desta discussão, temos aqueles 24 alunos que disseram em suas redações que gostariam que o lixo saísse do Morro do Céu, enquanto outros 3 acham que não deva sair. O fato é que os argumentos para que o lixo saia são, de certa forma, inconsistentes, quando existem. Praticamente toda a discussão em torno do aterro que ocorre no discurso oficial, sobre os impactos que traz para região – como a poluição pelo chorume, o lixo hospitalar que não era incinerado, a falta da licença ambiental ou as condições insalubres dos catadores –, fica à margem destas citações. Os únicos argumentos apresentados, embora coerentes com suas representações e raciocínio, não refletem o discurso oficial. Foram: “as pessoas ficarão felizes”, “ficaria um lugar melhor para a convivência das pessoas”, “não queremos que o lixo estrague o mundo”, “para não sujar os bairros” ou até mesmo utilizando o mesmo argumento empregado para dar início ao Fórum Lixo & Cidadania ou para justificar a incineração do lixo hospitalar (neste caso apresentando certa semelhança):

(...) Eu já ouvi falar por ai que uma familia que trabalhava e morava na licheira comeu um ceio que foi jogado lá e o ceio estava com cancer de máma e moreram, e por isso que eu acho que a licheira deve ser destroida mas antes devem arranjar trabalho para todos.

Por outro lado, os alunos que assinalam que o lixo não deve sair tem argumentos mais claros: a fome, falta de emprego, trabalho, sustento.

6.11 Chamamento à ação

Considero este um dos temas mais interessantes surgido nas redações. A relação entre o fazer e o discurso sobre o fazer. Diversos alunos, mais precisamente 25% deles, parece que absorveram vários motes de campanhas e textos sobre o lixo do discurso oficial, e os emitiram nas redações. Frases como “vamos dar um basta no lixo” ou “nós precisamos colaborar”,

pedidos de colaboração ou trabalho em conjunto para não sujar e não jogar lixo no chão, apresentação de ações que devemos ter, convites à participação na coleta seletiva, entre outros tantos, são também redundantes no discurso oficial.

Este discurso nos remete à noção de cidadania, hoje em dia também tão difundida e debatida no discurso oficial, pois a idéia da participação da população na resolução dos problemas ambientais (lixo em particular) e, portanto, como parte responsável dos problemas, é recorrente.

6.12 Aspectos Ambientais

Além dos problemas relacionados às doenças e estas associadas aos vetores, temos também no discurso os outros problemas, chamados aqui de “ambientais”. O mais citado neste grupo, como vimos, foi o mal cheiro do lixo, que, embora também apareça em algumas das literaturas analisadas, creio que possa ser o aspecto que mais diretamente afeta às crianças, e por isso o mais espontâneo e o menos influenciado pelo discurso oficial. Por experiência própria sei que o cheiro não atinge a escola de forma contundente; poucas vezes podemos sentir daquele local, embora próximo. Porém, depoimentos de alunos e moradores apontam para uma rua localizada no extremo oposto à escola, por trás de um monte limítrofe ao aterro, onde o cheiro se faz mais presente, o que aparece também em algumas redações. E também quando há uma chuva e depois, no dia seguinte ou no mesmo dia, sol. Nestes casos o cheiro fica mais intenso.

Porém em algumas redações nos parece haver a influência do discurso oficial, quando o mal cheiro é relacionado à transmissão de doenças e contaminação do ar. As referências sobre a poluição do ar, com a produção dos gases, a queima do lixo, a poeira e o próprio cheiro são recorrentes, e unidas a elas, as doenças respiratórias. Nesta influência também estão, então, as referências à poluição do ar nas redações.

6.13 Lixo em todos os lugares

O lixo visualmente causa repulsa. Um local cheio de lixo, seja uma rua, um quintal, uma praia, é visualmente menos atrativo que um local limpo. Esta sujeira “visual” também esteve presente nas redações, onde foram citados o chão, as ruas, o mar (praia), rios e valões como algo negativo e que deve ser evitado. Porém, como vimos, este hábito de jogar lixo em qualquer lugar é antigo, datando de épocas medievais, persistindo, em parte, até hoje. De certa forma, este hábito talvez seja explicado pela relação que temos – e diferenciação que fazemos

– entre a casa e a rua, como nos esclarece daMatta (1991, p.22/23). Em casa podemos fazer coisas que não faríamos e que talvez sejam condenadas na rua; somos, dentro de casa, como diz o autor, “supercidadãos”, podemos requerer uma posição na hierarquia da família, um espaço só nosso. Enquanto que na rua somos “subcidadãos”, somos anônimos, submissos às “autoridades”, “não temos nem paz, nem voz”. Por conta disso, nosso comportamento na rua, com as coisas públicas, é negativo. Uma das atitudes apontadas pelo autor é a de jogar lixo nas ruas, mesmo pelas portas e janelas. O problema da sujeira – como também apontado, de certa forma pelos alunos – é um “problema do governo”. Assim “limpamos ritualmente a casa e sujamos a rua sem cerimônia ou pejo” (idem). De certa forma, esta relação também está presente dentro da escola, em que o lixo também é jogado no chão, apesar de haver lixeiras em todas as salas.

Uma aluna assinalou que “nós temos que manter a casa sempre limpa dar fachina na casa 1 vez por semana e assim não vai ter barata nem ratos...”. Baratas e ratos que são apontados como os transmissores de doenças, os sujos, o limite, para esta aluna, entre a casa e a rua, entre a saúde e a doença, os transgressores da fronteira entre estes dois mundos, tão presentes em suas representações.

Vários comportamentos populares observados por mim também podem referendar esta posição. Não é raro vermos alguém limpando sua calçada (somente em frente à sua casa) e jogando o lixo na sarjeta. Certa vez pude observar a dona de um quiosque de lanches localizado em uma calçada varrer esta. Eram seis da manhã, ela havia trabalhado a noite toda e estava varrendo a sujeira deixada pelos clientes. Percebi que ela limpou toda a calçada em volta e em frente a sua barraca, levando o lixo para a rua e, empurrando o lixo pela sarjeta, o tirou de frente de seu comércio, até chegar a um ponto mais afastado. Não coletou o lixo para colocá-lo em uma lata ou algum recipiente. Ficou na sarjeta, longe de seu espaço. O lixo já não era mais seu. Ali cessava sua responsabilidade para com ele. Já era “problema do governo” e o gari que o retirasse.

Porém, vários alunos apontaram o quanto negativo é ter lixo nas ruas, nas calçadas, na praia, e também deram dicas às pessoas, nas redações, para que não o joguem:

(...) não jogue lixo nas praias porque é uma falta de higiene (...)

Poderíamos supor então que fazem o que pregam? Não é tão simples. Em outras redações trabalhadas na escola²¹, sobre onde jogam o lixo, onde pode ou não pode jogar e por quê, dizem:

²¹ Há mais redações sobre o lixo que não entraram neste estudo

Quando eu estou no ônibus que não tenha aquelas lixeirinhas e que esteja passando por uma pista onde passa varios veiculos eu seguro até deser do ônibus e encontrar uma lixeirinha e quando eu não acho eu joga no cantinho.

(...) Vou ser sincera quando eu não acho lixeira nenhuma eu boto dentro do meu bolso quando eu não tenho bolso joga no chão. (...)

(...) Vou falar a verdade eu também joga lixo na rua é porque não tem outro lugar para jogar e eu fico com preguiça de jogar na lixeira. (...)

(...) O lixo nem sempre é destinado para o lugar certo, nós jogamos no chão em vez de jogar na lixeira por preguissa ou também por não ter nenhuma lixeira por perto, (...)

Ou seja, embora reclamem do lixo nos lugares que frequentam e preconizem o não sujar, sujam.

6.14 Chorume

Outro aspecto ambiental que apareceu foi a questão do chorume. Acredito que parte destas 19 citações seja pelo fato de algumas das crianças morarem em ruas perto da saída do líquido, sendo diretamente influenciadas, ao menos pelo cheiro. Destas redações, sete foram feitas por alunos que têm esta convivência direta. As outras também têm o conhecimento do líquido, embora algumas não tenham citado o nome, mas chamado de “água preta”, por exemplo.

Por outro lado, o chorume também aparece com freqüência no discurso oficial, mais especialmente nos jornais, pois dentro da problemática do aterro, que já falamos, assim como as usinas, o chorume é um caso problemático e de difícil solução. Como dissemos, as atividades do vazadouro foram iniciadas como um lixão a céu aberto, sem cobertura e sem impermeabilização do solo, o que fez com que o chorume gerado percolasse.

Após a criação da Clin e posterior expansão da área do aterro, este sofreu tratamentos, quando a área de expansão recebeu impermeabilização, a antiga área recebeu aterramento e o gás e o chorume gerados foram canalizados. Porém, por muitos anos o chorume canalizado foi despejado diretamente no valão onde antes havia o leito do córrego Matapaca:

Há a nascente do Córrego Mata-Paca - encontrada no vale onde está o aterro – que, juntamente com as águas das chuvas e o chorume formam um pequeno curso d’água que atravessa os fundos de um sítio, fluindo em direção ao leste. Este curso d’água já é considerado como Córrego Mata-Paca ao passar pela Rua A, onde é canalizado por manilhas, desaguando do outro lado da rua Arthur Mota. Este córrego passa pela Florália (Floricultura) e mais adiante encontra-se com o Rio Sapê, já em Santa Bárbara, o qual é utilizado na irrigação de hortas. Ele segue seu caminho, passando

por Matapaca, Maria Paula, alcança São Gonçalo, passando por Alcântara e desaguando na Baía de Guanabara, sendo um de seus poluidores. (Dib-Ferreira, 2001, p. 36)

Muito se discutiu em relação ao que iria se fazer com esta situação. Várias alternativas foram apontadas, entre elas a captação do líquido por um caminhão-pipa e transporte até uma estação de tratamento de esgoto. Para isto foram feitas obras no local, colocando-se um muro (que não havia, o acesso era “livre”) e construindo uma piscina de captação. Esta obra foi apontada por alguns alunos:

Há algum tempo atrás a lixeira causava um mal para nossa saúde tínhamos que conviver com mal cheiro moscas, ratos, mosquitos e o chorume que escorria do lixo. Hoje eu vejo que melhorou muito com o trabalho feito pela prefeitura, as obras para contenção do lixo e também está sendo construída uma usina p/ reciclagem do lixo. Hoje mudou muito para melhor contribuindo para minha saúde e da minha família. [aluna que mora ao lado da saída do chorume]

(...) eu fui a onde estão fazendo uma obra perguntei algumas coisas sobre o chorume e o chefe da obra disse que não podia dar nem uma informação sobre a obra eles fizeram um muro e botaram um portão. pelo o que eu sei estão cavando onde estar água do chorume e agora esta pouco chorume. O que será que eles estão tentando fazer ali. [o aluno foi fazer uma “pesquisa” na obra, para saber o que estava havendo. Mora em rua próxima]

fomos fazer uma pesquisa lá no chorume. Pedimos uma informação. Eles não deram porque era proibido. E mandaram nós irmos embora... [idem]

Em entrevista com o então superintendente da Clin à época²², este declarou que estavam enviando chorume para o aterro controlado de Gramacho (em Duque de Caxias, que recebe o lixo, entre outras cidades, do Rio de Janeiro) através de caminhão em galões de 1.000 litros. Faziam duas viagens de 8.000 litros, ou seja, 16.000 litros diários. “Estou minimizando o problema”, disse, e afirmou pagar um preço bem abaixo do mercado (pagava R\$ 8,00 por m³) para a Comlurb (Companhia de limpeza Urbana da cidade do Rio de Janeiro, responsável pelo aterro). Completou: “O chorume não é tratado 100%, mas o que se pode”. Deixou claro que não tratava tudo, que ainda vazava para o rio, mas que negaria o fato.

Notícias em jornais sobre o assunto também são fartas. Pequena nota no jornal O Globo dá a notícia de uma grande “descoberta”:

Ambientalistas fluminenses fizeram sexta-feira uma terrível descoberta. No aterro sanitário de Niterói, no Morro do Céu, o chorume, produto altamente tóxico derivado do lixo, está fluindo do vazadouro para um córrego çocalizado na rua A – e daí direto para a Baía de Guanabara. (Sujou, 2001)

Depois do estudo de uma comissão da Câmara dos Vereadores que chegou à conclusão que a utilização do aterro estaria se tornando inviável, a prefeitura contratou uma equipe de três especialistas em resíduos sólidos para estudar a situação: Emílio Maciel Eigenheer, da Universidade Federal Fluminense, João Alberto Ferreira, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Roberto Adler (Araújo, 2004a). Segundo Emílio Eigenheer, o grupo trabalha com três perspectivas: tratamento do lixo, fechamento do aterro e viabilização de novas áreas (Araújo, 2004b).

Esta comissão apresentou como proposta inicial o tratamento do chorume pela Estação de Tratamento do Esgoto (ETE) Toque-Toque, no centro da cidade, que o receberia através de uma rede de cerca de dois quilômetros (Lima, 2004 e Machado, 2004). Segundo artigo de Lima, àquela época apenas 15% do chorume era tratado na usina de desidratação da Comlurb, no aterro controlado de Jardim Gramacho. Finalmente, em Pessanha (2004), a notícia de que a ETE Toque-Toque já estaria recebendo e tratando o chorume desde o dia 1º de junho de 2004, indo porém, ainda, de caminhão, sendo transportados diariamente 100 mil litros do líquido.

²² Entrevista realizada em 15 de julho de 2003

CAPÍTULO 7

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Com relação às representações sociais, Franco (2004) nos diz que são expressas pelo uso de gestos ou palavras e que estas últimas podem se dar pela linguagem oral ou escrita, pelas quais as pessoas expressam o que sentem, como percebem e o que pensam sobre determinadas situações. Essas idéias são construídas socialmente e “estão necessariamente, *ancoradas* no âmbito da situação real e concreta dos indivíduos que as emitem” (idem, p. 170).

Conhecemos, em parte, o meio em que as crianças estudadas estão inseridas: um bairro dos mais pobres da cidade, para onde vão de 700 a 800 toneladas de lixo diariamente, refém da violência imposta pelo tráfico de drogas. Local de urbanização precária, com pouca intervenção pública em relação a aparelhos urbanos (parques, praças, asfalto, calçamento, pontos de ônibus) e serviços (transporte, água, esgoto, educação). É uma região que, de certa forma, serve como modelo às que Eigenheer (2003, p. 21) aponta como sendo lugares “malditos”, “cantos” e “periferias” das cidades, aos quais são relegadas as “produções” indesejadas da sociedade.

Retornando às representações sociais, Franco (op.cit., p. 170) afirma que

as representações sociais (muitas vezes idealizadas a partir da disseminação de mensagens e de percepções advindas do “senso comum”) sempre refletem as condições contextuais dos sujeitos que as elaboram, ou seja, suas condições socioeconômicas e culturais.

Podemos perceber muitos pontos semelhantes entre as representações sociais das crianças e o discurso oficial. Porém, ao mesmo tempo em que há esta convergência, há também pontos de afastamentos dos discursos. Quanto ao primeiro ponto, da convergência dos discursos, penso que se dá, em primeiro lugar, mesmo que inconscientemente, pelo desejo de inserção à sociedade, além do fato de que as representações sociais têm “vida própria” e se manifestam independente da vontade do indivíduo, são exteriores a este, dotadas de um poder de imposição (Jardim, 1996).

Ou seja, em parte independente do seu contexto social ser, de certa forma, diferente daqueles que se expressam no discurso oficial, as representações dos alunos refletem este, evidenciando que se constituem em pronunciar coletivo semelhante, um pensar em conjunto, sendo misturas de conceitos, imagens e percepções compartilhadas e transmitidas através de gerações (Oliveira, p.7). Por isso, um fator muito importante para nossa análise é que, segundo Jardim (op.cit.), as representações, entre algumas das características apontadas, são “mais abrangentes em termos de sociedade como um todo e *revelam a visão do mundo de determinada época das classes dominantes dentro da história de uma sociedade*” (grifo meu).

Esta situação fica mais evidente quando observamos quais os pontos de concordância entre as falas das crianças e o discurso oficial: as muitas referências à categoria “Lixo e Morte” de uma forma geral (doenças, vetores, contaminação, violência, lixo hospitalar), à categoria “Aspectos Ambientais” (mal cheiro, poluição, sujeiras, chorume) e à categoria “Alternativas Propostas” (reciclagem, usinas, chamamento à ação, discursos politizados). Semelhança encontrada inclusive no importante tema da relação entre o consumo e a produção do lixo, o qual ao inverso dos demais, em ambos discursos recebeu poucas referências.

Embora haja estes pontos em comum, parece haver ao mesmo tempo uma disputa interna no pensamento da criança, procurando negar o que ele realmente pensa ao reproduzir um discurso externo. Esta disputa se coloca entre esta reprodução do discurso oficial, do lixo como vilão, e a parte de suas representações que não reflete este discurso, que de certa forma o contradiz. Nesta outra parte do discurso o lixo já não é o vilão, mas ao contrário, é o salvador, o que dá trabalho e sustento. O lixo é visto, inclusive, como bom. Percebemos, na análise do tema do lixo como bom ou ruim, o quanto este dilema se manifesta.

Se é verdade que hoje o lixo também é visto como gerador de renda e trabalho pelo discurso oficial (através, por exemplo, das cooperativas de catadores), o enfoque mostra-se diferente, pois o lixo é visto como matéria-prima a ser separada e revendida. Para as crianças é outra visão; ele é, muitas vezes, o próprio sustento, a própria comida, a própria roupa, brinquedo, casa, além, é claro, dos materiais a serem catados e vendidos.

Apesar desta pequena diferença, podemos concluir com as análises que há influência da visão que hoje se consolida sobre o lixo na sociedade – que em geral tem um contato superficial com o lixo – sobre as representações das crianças estudadas, que vivem e convivem com a realidade de um aterro ao lado de suas casas e com a necessidade do lixo como fonte de renda e sustento.

Impõe-se, pelo discurso oficial, a adoção da reciclagem como forma de diminuir a quantidade de lixo e a utilização de recursos naturais. Questiono esta abordagem. Se

continuarmos a consumir cada vez mais e sempre baseado na descartabilidade, a reciclagem, como já falamos, não trará sustentabilidade. Em primeiro lugar, sempre há perdas. Em segundo, se a produção for sempre maior, necessitaremos cada vez mais dos recursos naturais, apesar da quantidade reciclada.

A questão então não seria apenas – ou prioritariamente – reciclar o que produzimos de lixo, mas diminuir sua produção. A questão não é ter cuidado com o lixo, mas cuidado com os objetos para que não virem lixo. É fato que muitos programas de educação ambiental, hoje, tratam deste assunto. Porém, segundo Layrargues (2002), muitos deles, especialmente na escola, são implementados de forma reducionista, focalizados na coleta seletiva,

em detrimento de uma reflexão crítica e abrangente a respeito dos valores culturais da sociedade de consumo, do consumismo, do industrialismo, do modo de produção capitalista e dos aspectos políticos e econômicos da questão do lixo. (p. 180)

A questão acaba se baseando em uma discussão sobre diferentes tipos de coleta (convencional x seletiva) e no valor econômico do lixo (como já vimos antes) ao invés de uma discussão mais profunda sobre mudanças de valores. Alguns autores têm discutido esta contradição; dois exemplos estão em Brügger (1994) e Layrargues (idem). Neste último temos um cuidadoso retrato da reciclagem da lata de alumínio e a relação que o discurso oficial faz desta com o discurso da preservação da natureza e dos recursos naturais. O autor nos lembra que a reciclagem dos resíduos de nosso consumo, apesar de importante, resume-se a uma parcela muito pequena do problema, e cita o fato de que para cada tonelada de lixo gerada pelo consumo, em geral outras vinte e cinco são geradas (vinte na extração da matéria-prima, cinco durante a industrialização).

Podemos, por exemplo, analisar o caso de Niterói, cidade pioneira na coleta seletiva e que hoje ganha até prêmios pelo trabalho neste âmbito desenvolvido pelo Programa de Educação Ambiental da Clin. Em Araújo (2002) consta o recebimento da medalha do Mérito em Gestão Ambiental e em Clin (2002), o recebimento do prêmio “Amigo do Meio Ambiente”. Como ambos foram na Bahia, na mesma época, suponho se tratar do mesmo prêmio, que aparece com nomes diferentes nas duas reportagens. Foi concedido, segundo Clin (idem), pelo Congresso Nacional de Tecnologia Ambiental.

Dados divulgados pela Clin na imprensa indicam a crescente participação da população: em 2001, 262 empresas e residências (Coleta, 2001 e Clin, 2001), com um total de cerca de 140 toneladas de diversos materiais coletados; em 2002, 90 mil pessoas, ou 25% da população, neste caso com duas toneladas diárias (Medeiros, 2002a); em 2003, quase 70 mil pessoas, ou 15% da população (Reciclagem, 2003). Mesmo com o aumento da participação da

população ao programa (iniciado em 1991), segundo dados recentes da própria Clin, o programa de coleta seletiva arrecada cerca de 50 toneladas *por mês* o custo de R\$ 800,00 por tonelada.

Considerando que a cidade produz, em média, 400 toneladas *diárias* apenas do lixo domiciliar (700 a 800 t/dia no total), pode-se concluir que esta coleta seletiva praticada na cidade pouco impacto positivo oferece, hoje, à questão da saturação do aterro. Inclusive quanto à questão financeira, os benefícios são pouco visíveis: ao custo de R\$ 800,00 a tonelada, a venda do material arrecada em média apenas 20% deste valor. Mesmo assim, noticia-se na imprensa que o dinheiro da venda é revertido em cursos de artesanato e jardinagem a adolescentes de áreas carentes, com a distribuição de um auxílio-financeiro mensal (Araújo, op.cit.). Visto que, como vimos, a coleta seletiva gasta muito mais do que arrecada, fica a dúvida de como poderia bancar-se e ainda patrocinar o curso e as bolsas.

As representações sobre o lixo hospitalar também são equivocadas em ambos discursos. Como já debatido aqui, há inúmeros trabalhos técnicos que demonstram a falsidade da questão da maior periculosidade sanitária do lixo hospitalar frente ao lixo doméstico – não descartando os cuidados que deve-se ter com os reais perigos que possam haver, por exemplo, com o manuseio de objetos perfuro-cortantes. No entanto ele continua sendo visto equivocada e exageradamente como perigoso, transmissor de doenças e necessário de um tratamento diferenciado. Como vimos, até mesmo normas da ABNT e Resoluções do CONAMA reafirmam esta necessidade, mesmo sem bases científicas (Zanon e Neves, 2000).

Com isto, temos a obrigatoriedade de todos os municípios incinerarem seus resíduos provenientes de unidades de saúde (hospitais, postos médicos, farmácias, veterinárias, clínicas, etc.). Como consequência, muitos municípios estão “fora da lei”, ou para se adequarem à lei gastam recursos já escassos com usinas caras que não funcionam ou que, quando funcionam, queimam o lixo lançando resíduos ao ar, oferecendo maiores riscos à saúde da população do que com o aterramento, além de toda a logística necessária para a coleta diferenciada.

É inadmissível então que, por conta de leis contraditórias e sem bases científicas, se obriguem prefeituras a gastar recursos – muitas vezes escassos – com coleta e transporte especial, materiais e usinas de incinerações que não fazem diferença quando vistos dentro da perspectiva da gestão de resíduos sólidos de uma cidade, enquanto outras áreas ficam relegadas à falta de recursos ou à inadimplência.

Recentemente, mais especificamente no dia 29 de março de 2005, o Conama aprovou uma revisão na resolução 283, de 2001, que trata da separação do lixo hospitalar nos locais onde são gerados e de sua disposição final. A partir desta modificação, as prefeituras que não

têm aterro sanitário poderão, ao invés da incineração, dispor os RSS em um local preparado e devidamente licenciado por um órgão ambiental (Conama, 2005). Com a resolução, a idéia é também fazer uma separação na fonte do lixo dito “contaminado” do que não seria contaminado e assim diminuir os custos da destinação final.

As representações do discurso oficial sobre a criança no lixo e sua forma de combater o problema nos parecem igualmente equivocadas. Na apresentação do livro sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, Linhares (*in* Carneiro e Cavalcanti, s/d) nos diz que “Pagar bem o trabalho dos pais era – e ainda o é – a melhor forma de ajudar as crianças”.

Se, embora número expressivo, apenas cerca de 46 mil bolsas foram repassadas no programa “Criança no lixo nunca mais” e se não se tem o controle de quem as está usufruindo, como saber se está recebendo o benefício realmente aqueles que necessitam? As bolsas oferecidas por esta campanha correm o risco de ser apenas um paliativo. Segundo Ribeiro e Santos (*op.cit.*), sem bolsa, sem um auxílio financeiro, a criança torna ao lixo – e, como vimos, mesmo com o auxílio, ainda o freqüentam. Além disso, o projeto abrange as crianças em idade escolar (a partir dos 7 anos) até 14 anos, o que deixa vulneráveis as que estão fora desta faixa etária; mesmo com o Projeto Agente Jovem (dos 14 aos 16 anos), eles voltam à lixeira, o que já vem acontecendo, como abordado, em Niterói.

Pode acontecer também, por exemplo, de quem receber a bolsa, ficar um período na escola, outro no projeto e em horário alternativo – noite ou madrugada – ainda complementar a renda familiar com algum trabalho, seja ele no lixo ou outro qualquer. Sendo o foco crianças no lixo, há ainda aquelas que perambulam com seus pais, mães e irmãos, à noite, antes do caminhão de lixo passar, pelas ruas de bairros mais nobres, revirando o lixo, à cata de comida para família ou outros materiais.

Quanto esta última, o problema é de certa forma, mais visível. Através de observações pessoais diretas, por exemplo, em um bairro de Niterói que tem um dos melhores índices de desenvolvimento humano da cidade, onde quase 20% dos chefes de domicílio recebem mais de 20 salários-mínimos (Prefeitura, 1999), tenho oportunidade de observar algumas famílias, compostas basicamente de mulheres e crianças, revirando os sacos de lixo à frente dos edifícios, à noite, antes do caminhão passar para recolhê-los. E também não são raros os artigos em jornais abordando o assunto, como em Medeiros (2004), em que mostra famílias recolhendo alimentos na caçamba de lixo da Central de Abastecimento de Niterói (Caden, conhecido como mercado do Barreto). Entre várias, uma dona-de-casa de 34 anos estava acompanhada, segundo a autora, da filha de cinco anos, três sobrinhos menores e duas meninas de 12 e 14 anos e outra, de 36 anos, era acompanhada por três dos cinco filhos – de 4, 6 e 12 anos.

Abreu (op.cit., p. 21) dá a dimensão do problema quando diz que

O acompanhamento da situação das crianças que se beneficiaram com as bolsas também é praticamente inexistente e a própria SEAS tem dificuldades até de contabilizar as crianças que saíram do trabalho infantil com o lixo para receberem as bolsas do PETI. (...) Também não se sabe como estão as crianças que estão recebendo as bolsas, qual está sendo o seu desempenho escolar, se estão sofrendo algum tipo de discriminação nas escolas, se são violadas em seus direitos pelo fato de terem saído do lixo.

Proponho que devemos perseguir uma solução que proteja todas as crianças e quebre o círculo da miséria. Não simplesmente pensar em “retirá-las do lixão” (conseqüência); pensar em retirá-las do lixão e ir além disso, dar às famílias condições de sustentá-las sem ter que recorrer ao lixo (causa). Isso equivale então, a não só apoiar as famílias que hoje vivem do lixo, mas também aquelas que vivem em situação precárias, para que não venham a precisar. Na Agenda 21 brasileira (Novaes, 2000, p. 98), temos dados esclarecedores:

Em termos de saúde, alimentação e nutrição, a situação do Brasil é, em média, cerca de seis vezes inferior à dos países industrializados; a taxa de mortalidade infantil é de 37 por mil – contra oito em média nos países desenvolvidos; 15% das crianças menores de cinco anos apresentam-se desnutridas – contra 1,5% a 3% nos países centrais; (...)

A produção final do lixo pelo consumidor e as pessoas que sobrevivem destas sobras são apenas uma ponta do problema, o final do processo. Ao gerar um quilo de lixo, seja qual for a composição, o consumidor ajudou a gerar quantos outros resíduos antes? Na extração da matéria-prima, na produção, nos transportes, na venda...

Creio que devemos olhar a questão do lixo indo além do quadro de um lixão com pessoas sobrevivendo às suas custas – resultante de todo o processo de construção de nossa sociedade. Vê-lo desta forma, como um quadro separado da realidade que construímos, como um fato isolado em si, nos faz tender a soluções técnicas e imediatistas, com grandes chances de não solucionar nenhuma das questões – do lixo e da miséria –, ou soluções temporárias, com o perigo de que os problemas retornem com mais intensidade e dificuldades multiplicadas.

Parto do princípio que o lixo e a degradação ambiental que traz são frutos de nossos próprios costumes consumistas, perdulários, cada vez mais individualistas, socialmente construídos, descartáveis. E as pessoas que sobrevivem do lixo são conseqüência da miséria e esta, por sua vez, é conseqüência também da sociedade que estamos construindo.

Por tudo isto, creio que devemos procurar um outro caminho na educação, mais especificamente na educação ambiental. Creio que devemos procurar desmistificar o lixo,

diminuir os preconceitos, desconstruir mitos e certezas para que possamos caminhar para uma educação mais realista, ajudando na busca de soluções verdadeiras e definitivas.

A partir destas reflexões percebo que, tanto as idéias refletidas no discurso oficial quanto, muitas vezes, o trabalho desenvolvido pela educação ambiental (chamada por Layrargues, op.cit., de *discurso ecológico alternativo*) têm contribuído para uma visão equivocada da problemática do lixo. Focaliza-se nas consequências (geração e acúmulo cada vez maior de resíduos, catadores e os problemas decorrentes), buscando-se soluções baseadas em tecnologias que são, muitas vezes, apenas paliativas.

Com isto, creio estarmos aprofundando ainda mais as verdadeiras causas do que buscamos combater. Como aponta Layrargues (op.cit., p. 214)

enquanto a educação ambiental, porta-voz das ideologias ambientalistas, continuar aceitando o papel de disseminadora do discurso oficial e enfatizando a reciclagem, sem discutir as causas da questão do lixo em suas dimensões política, econômica, social e cultural e, sobretudo, persistir na neutralidade ideológica, omitindo-se na criação de demandas por políticas voltadas para o enfrentamento concomitante dos problemas ambientais e da injustiça social, será refém dos interesses alheios à transformação social e se comprometerá com uma educação liberal, não progressista.

Devemos nos comprometer com uma educação ambiental e com políticas públicas que questionem o modelo de sociedade que estamos construindo – baseada no consumo, na descartabilidade e na injustiça social, a qual poderá fatalmente nos levar a uma crise ambiental e social de grandes proporções e solução cada vez mais complexa.

Querer retirar as pessoas do lixo proibindo-as (pois seriam “inaceitáveis” em um aterro sanitário), ou pagando-as para que não mais necessitem recorrer ao lixo (bolsa-escola) não resolverá o problema, pois a miséria continua e, com ela, a necessidade de sobrevivência. Retira-se as que estão lá hoje, outras surgem. Segundo Eigenheer, (2003, p. 157), “com que argumento se pode negar a esses indivíduos a chance de sobreviver, ainda que em condições de trabalho adversas, em sociedades que não lhes oferecem outras oportunidades de emprego?”.

A via das cooperativas de catadores tem se apresentado como alternativa à quem hoje sobrevive do lixo, mas é recurso limitado e não resolverá o problema da miséria nem das injustiças sociais, que continuarão gerando mais necessitados. Desta forma não estaríamos gerando mudanças, pois para sustentar este modelo teríamos que incentivar o padrão da sociedade que estamos ora construindo, intensificando o consumo e a descartabilidade e, desta forma, o uso insustentável dos recursos naturais.

Considerando a proximidade dos discursos analisados e a possível influência que o discurso oficial pode ter nas representações, pensamentos e atitudes da sociedade em geral,

proponho questionarmos a forma de trabalho com o lixo, especialmente àqueles que trabalham com educação ambiental nos mais diversos níveis.

Devemos refletir se uma pedagogia baseada na descartabilidade e seu posterior aproveitamento pela coleta seletiva/reciclagem é de fato sustentável. Soma-se à esta discussão a *obsolescência planejada* e a *obsolescência planejada simbólica* (Layrargues, op.cit.) e teremos um ciclo de consumo e uso dos recursos naturais inevitavelmente insustentáveis.

Assim, se a degenerescência de nossas produções nos remete à questão a finitude da vida fazendo-nos lembrar da morte, podemos dar prosseguimento, como nos aponta o caminho Eigenheer, com o que chama de *pedagogia da degenerescência* (2003, p.153), à uma discussão sobre a aquisição e acumulação de bens que, cada vez mais rápido, se tornam lixo. Segundo Eigenheer,

o lixo, por suas características e presença diária nos espaços públicos e privados, pode tornar-se um instrumento propício, se assim se desejar, para uma reflexão de viés pragmático da vida urbana e da sociedade industrial (op.cit., p. 153).

Podemos então, aliar um olhar à degenerescência de nossas produções e do nosso próprio corpo com os cuidados que podemos e devemos ter com os objetos, conosco e com o que nos rodeia. Para isso nossa visão e nossas ações devem se deslocar das consequências para as causas reais dos problemas; do imediato para o longo prazo; da questão técnica para questões de ordem culturais e sociais.

Desta forma, em trabalhos que envolvem este assunto, sejam eles relacionados à educação ambiental ou a políticas públicas, deve-se focalizar a questão da geração do lixo, impulsionada pelo consumo excessivo, pela massificação de falsas necessidades, pela descartabilidade dos materiais, pela obsolescência planejada. Para isso é preciso, como aponta Eigenheer, repensar os 3 Rs²³. Como vimos, apenas o reciclar é incentivado pelo discurso oficial, aparecendo também de forma intensa nas representações sociais das crianças como sendo a solução para o lixo. Outras soluções técnicas, muitas vezes relacionadas à reciclagem, são igualmente acatadas, tais as usinas de triagem e compostagem, na maioria das vezes servindo à desperdício ou mesmo desvio de dinheiro público sem que alcancem resultados desejáveis.

Somente à sociedade industrial interessa este discurso oficial, pois assim consegue recuperar matéria-prima e energia a baixos custos, além de fortalecer a sociedade de consumo, intensificando-o e mantendo o *status quo*. Ao pautarmos nossas atividades na reciclagem pós-

²³ Reduzir, Reutilizar e Reciclar, pedagogia muito utilizada em trabalhos de educação ambiental com resíduos sólidos.

consumo, estaremos agindo para aprofundar os valores desta sociedade que queremos transformar. Devemos, o “discurso ecológico alternativo”, nos preocupar prioritariamente com os outros dois R’s: reutilizar e reciclar, o que implica, como nos indica Eigenheer (op.cit., p.155), em contrariar a lógica do consumo de massa, incentivando o zelo e o cuidado, valorizando o durável e o bem feito. Implica em repensar valores, não apenas atitudes.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Maria de Fátima. **Programa nacional Lixo & Cidadania: conquistas, desafios e perspectivas**. Dezembro de 2002. (Disponível em: <http://www.abes-rs.org.br/felc-rs/Conquistas,%20Desafios%20e%20Perspectivas.doc> - acesso em: 14/01/05)
- ALBUQUERQUE, Carlos. *O lixo que salva a natureza*. Rio de Janeiro: Jornal **O Globo – Caderno Megazine**, 20 de junho de 2000.
- ALIER, Joan Martínez. **Da Economia Ecológica ao Ecologismo Popular**. Blumenau: Editora da FURB, 1998.
- ALVES FILHO, Francisco. *País Sujo*. Revista **Isto É**. São Paulo: Editora Três. 3 de abril de 2002.
- APRENDIZ. *Vidas recicladas*. Revista **Educação**. São Paulo: Editora Segmento, ano 28, n. 245, setembro de 2001, p. 50/51.
- ARAÚJO, Paulo Roberto. *Niterói é premiada por reciclar lixo doméstico*. Rio de Janeiro: Jornal **O Globo**, 12 de maio de 2002.
- ARAÚJO JUNIOR, Olímpio. *Os Bilhões contidos no lixo*. **Ecoterra Brasil**, 12 de outubro de 2004. (Disponível em: <http://www.ecoterrabrasil.com.br/home/> - Recebido por mala direta em: 18/04/03)
- ARRUDA, Alexandre. *Meio ambiente: Lixão pode sair do Morro do Céu*. Niterói, RJ: Jornal **O Fluminense**, Cidades, 6 de julho de 2001, p.7.
- AZEVEDO, Genoveva Chagas de. *Uso de jornais e revistas na perspectiva da representação social de meio ambiente em sala de aula*. In Marcos Reigota (org.) **Verde Cotidiano: O Meio Ambiente em discussão**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999, pp. 67-82.
- BANDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Portugal: Edições 70, 1977.
- BARROS, Carlos e PAULINO, Wilson Roberto. **Ciências: o meio ambiente, 5a série**. São Paulo: Ática, 71^a edição, 2000.
- BESSA, Marcelle. *Lixo tem solução*. Revista **Johvem**. Secretaria de Comunicação do Movimento Jovem – Igreja Messiânica. Ano III, n° 4, maio de 2004.
- BIANCHINI, Tito. *Coleta Seletiva é a saída*. in Revista **Ecologia e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Editora Terceiro Milênio, ano 11, n° 96, setembro de 2001.

- BORGES, Fábio. *Lixo: Clin retoma as obras de usinas no Morro do Céu*. Niterói, RJ: Jornal **O Fluminense**, Cidades, 1º e 2 de fevereiro de 2004, p. 4. (a)
- BORGES, Fábio. *Justiça: Ibama multa Clin em R\$1 milhão*. Niterói, RJ: Jornal **O Fluminense**, Cidades, 7 de fevereiro de 2004, p. 5. (b)
- BRASIL sujo. Revista **JB Ecológico**. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil. Ano 2, no 17, 5 de junho de 2003.
- BRÍGIDO, Carolina. *O mapa do crime sexual infantil*. Rio de Janeiro: jornal **O Globo**, o país, 27 de janeiro de 2005, p. 3.
- BROWN, Lester. *Nova York, capital mundial do lixo*. in Revista **JB Ecológico**. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil. Ano 2, no 17, 5 de junho de 2003, pg. 22 e 23.
- BRÜGGER, Paula. **Educação ou Adestramento Ambiental?** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- CALDEIRA, Tereza. *Memória e relato: a escuta do outro*. **Revista do arquivo municipal**. São Paulo, v. 200, p. 65-76, 1991.
- CARAMUJO aplaude Centro de Cidadania. **Ligjornal**. Edição 1314 para internet. s/d. (Disponível em: <http://www.ligjornal.com.br/int1314/main1314.htm> – acesso em: 10/03/05).
- CARRETEIRO, Tereza Cristina Othenio Cordeiro e VASCONCELLOS, Vera maria Ramos de. **Projeto Integrado de Pesquisa: História e Memória Comunitária**. Relatório CNPq (ano base:1997). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Depto. de Psicologia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1998.
- CARVALHO, Waleria de. *O útil que vem do lixo*. in Revista **Escola e Família**. Secretaria Municipal de Educação, Prefeitura do Rio de Janeiro, ano 1, nº 3, Verão 2003.
- CETESB. Disponível em: http://www.cetesb.sp.gov.br/Ambiente/glossario/glossario_a.asp (acesso em: 07/02/05).
- CIRANDA. **Prioridade Absoluta** - Boletim Especial – Paraná, 16 de outubro de 2003 (disponível em: <http://www.ciranda.org.br/pa/Especiais/PAespecial4.htm> – Acesso em: 14/01/05)
- CIRANDA. **Prioridade Absoluta** – Paraná, Curitiba - nº 28, 27 de abril – (disponível em **Erro! A origem da referência não foi encontrada.** – acesso em 14/01/05)
- CLIN *amplia coleta seletiva*. Niterói, RJ: Jornal **O Fluminense**, Opinião/Serviços, 22 e 23 de julho de 2001, p. 2.
- CLIN, *além da limpeza, destaque com o meio ambiente*. Niterói, **Jornal da Cidade**, 7 de setembro de 2002, p.5.
- CLIN. <http://www.clin.rj.gov.br/> (acesso em 06/02/05)

- COLETA *Seletiva de lixo faz 12 anos e é reconhecida*. Rio de Janeiro: Jornal **O Globo – Niterói**. 11 de maio de 1997, p. 15.
- COLETA *Seletiva Vai ser Ampliada*. Niterói, RJ: Jornal **Folha de Niterói**, 6 a 12 de julho de 2001, p.2.
- COMISSÃO Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso Futuro Comum**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988.
- COMLURB. **Análise gravimétrica do lixo da cidade do Rio de Janeiro (série histórica)**. Rio de Janeiro, Comlurb, 2000.
- CONAMA *aprova separação e tratamento do lixo hospitalar*. **Ambiente Brasil**. (Disponível em <http://www.ambientebrasil.com.br/noticias/index.php3?action=ler&id=18560> – Acesso em: 29/03/05).
- COSTA, Fernando Braga da. **Homens Invisíveis: Relatos de uma Humilhação Social**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2004.
- COZETTI, Nestor. *Lixo: Marca incômoda da modernidade*. in Revista **Ecologia e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Editora Terceiro Milênio, ano 11, nº 96, setembro de 2001.
- DAMASCENO, Natanael. *Fechamento do lixão do Morro do Céu é adiado*. Niterói, Rio de Janeiro: Jornal **O Globo – Niterói**, 27 de março de 2005, p.5.
- DaMATTA, Roberto. **A casa e a Rua**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 1991.
- DIB-FERREIRA, Declev Reynier. **História Ambiental do Morro do Céu: A Atuação dos Diversos Atores Sociais**. Monografia de Especialização. UERJ, Faculdade de Educação, 2001.
- DUARTE, Alessandra. *Ibama vistoria aterro e multa Clin em R\$ 1 milhão*. Rio de Janeiro: Jornal **O Globo**, Niterói, 8 de fevereiro de 2004, p.5.
- EIGENHEER, Emílio Maciel (org.). **Lixo Hospitalar: Ficção Legal ou Realidade Sanitária?** Rio de Janeiro, RJ: Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, 2000(a).
- EIGENHEER, Emílio Maciel. *Lixo: definição e Classificação*. in EIGENHEER, Emílio Maciel (org.). **Lixo Hospitalar: Ficção Legal ou Realidade Sanitária?** Rio de Janeiro, RJ: Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, 2000(b).
- EIGENHEER, Emílio Maciel. **Lixo e Vanitas: Considerações de um Observador de resíduos**. Niterói: EdUFF, 2003.
- EIGENHEER, Emílio Maciel. *O povo do lixo*. in FIGUEIREDO, Haydée da Graça Ferreira de (org.) **Vozes da educação: 500 anos de Brasil**. Rio de Janeiro: UERJ, DEPEXT, 2004.

- EMANUEL, Cláudio e KANO, André. *Lixão do Morro do Céu é fechado*. Niterói: jornal **O Fluminense**, Cidades, 20 de outubro de 2004, p. 3.
- FASE - Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional. **Programa de promoção social de catadores de lixo dos aterros sanitários dos Municípios de Niterói e São Gonçalo**. Relatório de janeiro a agosto de 1995.
- FERREIRA, João Alberto. *Resíduos domiciliares e de serviço de saúde – semelhanças e diferenças: necessidade de gestão diferenciada?* in EIGENHEER, Emílio Maciel (org.). **Lixo Hospitalar: Ficção Legal ou Realidade Sanitária?** Rio de Janeiro, RJ: Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, 2000.
- FÓRUM Nacional Lixo e Cidadania. **Erreur! Signet non défini**.
- GARCIA, Denise. *Brilho*. **Folhanit.com.br**, 2002. (Disponível em: <http://www.folhanit.com.br/366/denize.htm> – acesso em: 10/03/05)
- GOFFMAN, Erwing. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1988.
- GONÇALVES, José Aparecido, et al. **Metodologia para a organização social os catadores**. (Coleção gestão integrada de resíduos sólidos urbanos). São Paulo, Belo Horizonte, MG: Pastoral de Rua, 2002.
- GOWDAK, Demétrio & MARTINS, Eduardo. **Ciências Novo Pensar – 7a série**. São Paulo: FDT, 2002.a
- GOWDAK, Demétrio & MARTINS, Eduardo. **Ciências Novo Pensar – 8a série**. São Paulo: FDT, 2002.b
- GUIBU, Fábio. *Indigentes comem carne humana em Olinda*. São Paulo: jornal **Folha de São Paulo**, Brasil, 16 de abril de 1994, p.12.
- IBGE. **Evolução e Perspectivas da Mortalidade Infantil no Brasil**. 1999. (disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/evolucao_perspectivas_mortalidade/evolucao_mortalidade.pdf)
- IBGE. **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico**. 2000. (disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pnsb/pnsb.pdf>)
- IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) - Pesquisa sobre Trabalho Infantil**. 2001. (disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/trabalho_infantil/trab_inf2001.pdf)
- JARDIM, José Maria. *Informação e Representações Sociais*. Revista **Transinformação**, v. 8, n. 1, jan/abril, 1996.
- JUNCA, Denise; et al. **A mão que obra no lixo**. Niterói: EdUFF, 2000.

- LAYRARGUES, Philippe Pomier. *O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental.* in LOUREIRO, C.F., LAYRARGUES, P.P. & CASTRO, R.S.de. **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania.** São Paulo, Cortez, 2002.
- LIMA, Ludmilla de. *Inquérito: MP investiga ações da Clin.* Niterói, RJ: jornal **O Fluminense**, 14 de outubro de 2003, p. 5. (a)
- LIMA, Ludmilla de. *Justiça: Presidente da Clin nega acusação.* Niterói, RJ: jornal **O Fluminense**, 15 de outubro de 2003, p. 5. (b)
- LIMA, Ludmilla de. *Meio Ambiente: Chorume poderá ser tratado na ETE.* Niterói, RJ: jornal **O Fluminense**, Cidades, 2 e 3 de maio de 2004, p. 5.
- LIMA-E-SILVA, P.P., et al. **Dicionário Brasileiro de Ciências Ambientais.** Rio de Janeiro: Thex Ed., 1999.
- LINHARES, Maria Yedda Leite. *Apresentação.* in CARNEIRO, Luiz Orlando & CAVALCANTI, Ines Carneiro. **O ABC do estatuto da criança e do adolescente.** Rio de Janeiro: Gráfica JB, s/d.
- LIXO, *o que fazer com ele?* **Revista CREA.** Rio de Janeiro, n.33, jan/fev, 2001. (a)
- LIXO *de Niterói terá que ser tratado.* Rio de Janeiro: jornal **O Dia**, seção O Dia no estado – 11 de julho de 2001, p18. (b)
- LIXO *sob suspeita.* Rio de Janeiro: jornal **O Dia**, Nosso Rio, 29 de setembro de 2004, p. 13.
- LIXO HOSPITALAR *em discussão.* Niterói: jornal **O Fluminense**, Cidades, 26 de agosto de 2003, p. 4.
- LOUREIRO, C.F., LAYRARGUES, P.P. & CASTRO, R.S.de. **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania.** São Paulo, Cortez, 2002.
- MACHADO, Andréa. *Morro do Céu: Livre do chorume.* Niterói, RJ: jornal **O Fluminense**, Geral, 29 de maio de 2004, p. 5.
- MAHLER, Cláudio. *Tratamento e disposição dos resíduos sólidos urbanos.* **Revista CREA.** Rio de Janeiro, n.33, jan/fev, 2001.
- MARQUEIROS, Paulo e BRANDÃO, Tulio. *Dinheiro do lixo foi parar no lixo.* Rio de Janeiro: jornal **O Globo**, Rio, 3 de fevereiro de 2005, p. 13.
- McLENNAN, David. *Aterros sanitários.* in Revista **JB Ecológico.** Rio de Janeiro: Jornal do Brasil. Ano 2, no 17, 5 de junho de 2003.
- MEDEIROS, Raquel. *Clin investe na coleta seletiva de lixo.* Niterói, RJ: jornal **O Fluminense**, 7 e 8 de abril de 2002, p. 7. (a)
- MEDEIROS, Raquel. *Obras começam nesta segunda.* Niterói, RJ: jornal **O Fluminense**, 14 e 15 de junho de 2002, p. 10. (b)

- MEDEIROS, Raquel. *A reciclagem é a solução*. Rio de Janeiro, jornal **O Dia**, Niterói. 1 de julho de 2001, p. 5. (a)
- MEDEIROS, Sany. *Obras no lixão serão aceleradas*. Niterói, RJ: jornal **O Fluminense**, 15 e 16 de julho de 2001. (b)
- MINC, Carlos. **Minc em revista**. nº 6, dezembro de 2000.
- MINC, Carlos. *Mutirão contra o lixo*. Rio de Janeiro, jornal **O Globo**, 10 de fevereiro de 2004. (disponível em: <http://www.minc.com.br/artigos/mutiraoclixo.htm> – acesso em: 19/02/04)
- MMA – Ministério do Meio Ambiente. **Deliberações da Conferência Nacional do Meio Ambiente e da Conferência Infanto-juvenil para o Meio Ambiente**. Brasília: MMA, 2004.
- MOREIRA, Paulo Ricardo. *A face violenta de Tony*. Rio de Janeiro: Jornal **O Globo – Revista da TV**. 18 de abril de 2004, p. 8 (a).
- MOREIRA, Paulo Ricardo. *Calouro será preso ou jogado no lixo*. Rio de Janeiro: Jornal **O Globo – Revista da TV**. 14 de novembro de 2004, p. 9 (b).
- NEIVA, Alvaro. *Reciclagem cresce no Brasil*. in Revista **Ecologia e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Editora Terceiro Milênio, ano 11, nº 96, setembro de 2001, p.18/19.
- NITERÓI. Secretaria de Urbanismo e Meio Ambiente. **Diagnóstico Ambiental de Niterói**. Niterói: Typeset Editoração, 1992.
- NOVAES, Washington (coord.). **Agenda 21 brasileira – Bases para discussão**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente (MMA) / Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento (PNUD), 2000.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Espaço Escolar – Território de Construção de Representações e Identidades*. in Revista **Trilhas**. Belém, v.1, n.2, novembro de 2000. (disponível em: http://www.nead.unama.br/revista/trilhas/pdf/trilhas2_art1.pdf – Acesso em: 01/09/03)
- OSAVA, Mário. **Adeus ao lixo**. 2005. (disponível em: <http://www.tierramerica.net/2002/0728/pacentos.shtml> – Acesso em: 14/02/05).
- PALMEIRA, Isabela. *Lixão, parque imundo*. Revista **Épuc**. Rio de Janeiro: Revista Época e PUC-Rio, 15 de agosto de 2002.
- PARABÉNS. Niterói, RJ: jornal **O Fluminense**, Cidades – Simone, 29 de março de 2003, p.4
- PENHALVER, Alexandra. *Garrafas de plástico vão para paredes de casas populares*. **Estadão.com**, 15 de fevereiro de 2004. (disponível em: <http://www.estadao.com.br/agestado/noticias/2004/fev/15/26.htm> – acesso em 16/02/04)

- PESSANHA, Camila. *Ambiente: ETE trata chorume do Morro do Céu*. Niterói, RJ: jornal **O Fluminense**, Geral, 27 e 28 de junho de 2004.
- PETROBRAS. **O desafio de preservar é nosso – Campanha de Olho no Ambiente**. Cartilha. Petrobras, 2004.
- PINTO, Ziraldo Alves et al. **A turma do Pererê: de enchente, estamos cheios!** Rio de Janeiro: ZAPPIN – Criação, promoção & licenciamentos LTDA/Secretaria do Estado do Meio Ambiente (SEMAN)/Superintendência Estadual de Rios e Lagoas (SERLA), 1990.
- PORTILHO, Maria de Fátima Ferreira. **Profissionais do lixo: um estudo sobre as representações sociais de engenheiros, garis e catadores**. Dissertação de mestrado. Programa EICOS, UFRJ. Rio de Janeiro, 1997.
- PREFEITURA de Niterói. **Niterói Bairros**. Secretaria Municipal de Ciência e Tecnologia. CD-ROM, 1999.
- PREFEITURA de Rio das Ostras. **A história de Dona Ostralina**. Rio das Ostras, RJ, Secretaria de Meio Ambiente, Agricultura e Pesca, s/d.
- PRESSER, Margareth. *Lixo: concentração de matéria-prima*. Revista **BIO**. julho/setembro, 1991.
- QUE *Horror*. Niterói, RJ: **O Fluminense**, Estela, 11 de julho de 2001, p. 3.
- QUERO *voltar ao lixo*. Rio de Janeiro: Jornal **Extra – Caderno Sessão Extra**, 14 de maio de 2004, p.3
- RECICLAGEM: *Coleta seletiva de lixo*. Niterói, RJ: jornal **O Fluminense**, 10 e 11 de agosto de 2003, p. 5.
- REIGOTA, Marcos. **Meio Ambiente e Representação Social**. São Paulo: Cortez, 2001.
- RIBEIRO, Andréa Carvalho Martins & SANTOS, Valéria Fonseca dos. **Criança no lixo nunca mais – relatório de atividades – Morro do Céu**. Niterói: Secretaria de Integração e Cidadania, julho de 2000. (disponível em: http://www.jornaldomeioambiente.com.br/txt_importante/txt_index.asp – retirado em janeiro de 2005)
- RIBELLA, Rafael. *Caixinhas de longa vida deixam a casa mais fresca*. **Estadão.com**, 22 de fevereiro de 2004. (disponível em: <http://www.estadao.com.br/print/2004/fev/22/76.htm> - acesso em 24/02/04)
- RISSO, Flávia. *Decisão: Clin terá que desativar Aterro do Morro do Céu*. Niterói, RJ: jornal **O Fluminense**, Cidades, 16 e 17 de março de 2003, p. 5.
- RODRIGUES, Luciana & LINS, Leticia. *Cidade pequena, pobreza maior*. Rio de Janeiro: jornal **O Globo**, economia, 30 de setembro de 2004, p. 21.

- SABBATINI, Renato. *Os canibais*. Campinas, SP: **Correio Popular**, 28/4/94. (disponível em <http://www.ibiblio.org/pub/academic/medicine/brazil-mirror/documents/portuguese/corr162.txt> – 30/01/05)
- SEIXAS, Marceley. *Guerra do Tráfico: Três mortos no Morro do Céu*. Niterói: jornal **O Fluminense** – Cidades, 13 de agosto de 2004, p. 3.
- SILVA JÚNIOR, César de, et al. **Ciências: entendendo a natureza: o mundo em que vivemos, 5a série**. São Paulo: Saraiva, 16 edição, 1998.
- SISINNO, Cristina Lucia Silveira. **Estudo preliminar da contaminação ambiental em área de influência do aterro controlado do Morro do Céu (Niterói - RJ)**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Saúde Pública – Área de Toxicologia Ambiental. Escola Nacional de Saúde Pública, FIOCRUZ, 1995.
- SISINNO, Cristina Lucia & MOREIRA, Josino Costa. *Revirando o lixo*. In **Ciência Hoje das Crianças**. SBPC, ano 12, nº 97, novembro de 1999.
- SOFFIATI, Arthur. **De um outro lugar. Devaneios filosóficos sobre o ecologismo**. Niterói: EdUFF, 1995.
- SUJOU *geral*. Rio de Janeiro: jornal **O Globo**, coluna Swann, 8 de julho de 2001, p. 19.
- TECNOLOGIA *brasileira reduz e desidrata lixo em Niterói*. **Gazeta Mercantil**, 08/07/2004. in Agência CT – Ministério da Ciência e Tecnologia. (disponível em http://agenciact.mct.gov.br/index.php?action=/content/view&cod_objeto=18836# - acesso em 06/02/05)
- TRIGUEIRO, André. **A farra dos sacos plásticos**. s/d. (disponível em <http://www.ces.fgvsp.br/index.cfm?fuseaction=noticia&IDnoticia=3899&IDidioma=1> – retirado em 10/01/05)
- TRINDADE, Roberta. *Violência: medo em aterro do Morro do Céu*. Niterói: jornal **O Fluminense** – Cidades, 30 de abril de 2003, p. 3. (a)
- TRINDADE, Roberta. *Morro do Céu: Usina de desidratação de lixo concluída em dois meses*. Niterói, RJ: jornal **O Fluminense** – Cidades, 15 de maio de 2003, p. 3. (b)
- TRINDADE, Roberta. *Tráfico: Bando tenta incendiar ônibus*. Niterói: jornal **O Fluminense** – Cidades, 25 de novembro de 2004, p. 3.
- UNICEF *vê projetos sociais de Niterói*. **Ligjornal**, 1 a 7 de fevereiro de 2003. (disponível em: <http://www.ligjornal.com.br/1405/materias.htm> – acesso em: 13/03/05)
- VALLIM, Álvaro. **Água é vida**. Goiás: Governo do Estado e Universidade Católica de Goiás, s/d.
- XIMENES, Sérgio. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Ediouro, 2000.

- WIEDEMANN, H.U. **Lixo na Alemanha**. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora LTDA, 1999.
- VASCONCELLOS, Fábio. *Aterro do Morro do Céu pode ser desativado*. Niterói, RJ: **O Globo**, 6 de outubro de 2002, p. 7A.
- VIEIRA, Liszt. *Apresentação*. in EIGENHEER, Emílio Maciel (org.). **Lixo Hospitalar: Ficção Legal ou Realidade Sanitária?** Rio de Janeiro, RJ: Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, 2000(a).
- VIEIRA, Verônica Pinheiro. **Educação Ambiental para a cidadania: utopia e realidade**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental (PGCA), Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, RJ, 2000(b).
- ZANON, Uriel. *As Teorias da Origem das Doenças e a Suposta Periculosidade do Lixo Hospitalar*. in EIGENHEER, Emílio Maciel (org.). **Lixo Hospitalar: Ficção Legal ou Realidade Sanitária?** Rio de Janeiro, RJ: Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, 2000.
- ZANON, Uriel e NEVES, Jayme. *A falta de base científica das normas da ABNT e das resoluções do Conama em relação aos resíduos dos serviços de saúde*. in EIGENHEER, Emílio Maciel (org.). **Lixo Hospitalar: Ficção Legal ou Realidade Sanitária?** Rio de Janeiro, RJ: Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, 2000.
- ZANON, Uriel e ZANON, Ana Sílvia Milhazes. *A verdadeira periculosidade dos resíduos sólidos para a saúde pública e o meio ambiente*. in EIGENHEER, Emílio Maciel (org.). **Lixo Hospitalar: Ficção Legal ou Realidade Sanitária?** Rio de Janeiro, RJ: Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, 2000.